

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais  
Divisão de Extensão Universitária

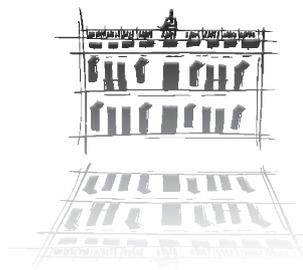
ISSN 1808-6578

---

REVISTA  
*Conexão*  
**UEPG**

---

ano 11 - n.2



# UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

## REITOR

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

## VICE-REITOR

Gisele Alves de Sá Quimelli

## PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Marilisa do Rocio Oliveira

## CHEFE DA DIVISÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Liza Holzmann

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Gisele Alves de Sá Quimelli

## COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Maria Inês Chaves

## CONSELHO EDITORIAL

Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes (UEPG)  
Dra. Paula Ana Paula Xavier Ravelli  
Dr. Carlos Hugo Rocha (UEPG)  
Dra. Célia Regina Carubelli (UEPG)  
Dr. Cláudio Jorge Guimarães (UEPG)  
Dr. Dircéia Moreira (UEPG)  
Dr. Giovani Marino Fávero (UEPG)  
Dra. Gisele Alves de Sá Quimelli (UEPG)  
Dr. José Tadeu Dolinski (UEPG)  
Dra. Maria Salete Marcon Gomes Vaz (UEPG)  
Dra. Nelci Catarina Chiqueto (UEPG)  
Dra. Rosileia Clara Werner (UEPG)  
Dr. Silvio Luiz Rutz da Silva (UEPG)

## CONSULTORES

Dra. Adriana Richit – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC  
Dra. Alexandra Santos Pinheiro – Universidade Federal da Grande Dourados – MS  
Dr. Allyson Carvalho de Araújo – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN  
Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
Dr. Arão Nogueira Paranaguá de Santana – Universidade Federal do Maranhão – MA  
Dr. Antonio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais – MG  
Dra. Camila da Silva – Universidade Estadual de Maringá – PR  
Dra. Célia Regina Carubelli – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
Dra. Claudia Fernanda Deltregia – Universidade Federal de Santa Maria – RS  
Dra. Claudia Ribeiro Bellochio – Universidade Federal de Santa Maria – RS  
Dr. Cláudio Jorge Guimarães – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
Dra. Cristina Amélia Pereira de Carvalho – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS  
Dra. Dagneris Batista de los Ríos – Universidad de Las Tunas Vladimir Ilich Lenin, Cuba  
Dra. Daniela Dotto Machado – Universidade Federal de São Carlos – SP  
Dra. Deise Luiza da Silva Ferraz – Universidade Federal de Minas Gerais – MG  
Dra. Deisi Cristina Gollo Marques Vidor – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA  
Dra. Dênia Falcão de Bittencourt – Universidade Tiradentes – SE  
Dra. Denise de Freitas – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
Dra. Dircéia Moreira – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
Dr. Douglas Roberto Borella – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Dr. Éder Silveira – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – RS  
 Dr. Edgilson Tavares de Araújo – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB  
 Dra. Fernanda Barja Fidalgo Silva de Andrade – Universidade Federal Fluminense – RJ  
 Dr. Flamarion Loba da Costa – Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
     Dr. Geraldo Ceni Coelho – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC  
     Dr. Giovani Marino Fávero – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
 Dra. Gisele Alves de Sá Quimelli – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
     Dra. Gisele Caldas Alexandre – Universidade Federal Fluminense – RJ  
     Dra. Isabel Maria Ribeiro Mesquita – Universidade do Porto – Portugal  
 Dra. Jane Márcia Progianti – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ  
     Dra. Jaqueline Delgado Paschoal – Universidade Estadual de Londrina – UEL  
     Dr. João Jorge Correa – Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR  
 Dr. José Alberto Carvalho dos Santos Claro – Universidade Federal de São Paulo – SP  
     Dr. José Falcão Sobrinho – Universidade Estadual Vale do Acaraú – CE  
     Dr. Jose Soares Gatti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina – SC/Universidade Tuiuti do Paraná – PR  
     Dr. José Tadeu Dolinski – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
 Dra. Kelly Cristina Benetti Tonani Tosta – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC  
     Dra. Louise de Lira Roedel Botelho – Universidade Federal da Fronteira Sul – SC  
 Dra. Luciana de Souza Neves Ellenderson – Universidade Federal do Paraná – UFPR  
     Dr. Luiz Roberto Pinto Nazario – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
 Dr. Luiz Fernando Caldeira Ribeiro – Universidade do Estado de Mato Grosso – MT  
     Dra. Maíra Bonafé Sei – Universidade Estadual de Londrina – UEL  
     Dr. Marcelo Câmara dos Santos – Universidade Federal de Pernambuco – PE  
     Dr. Marcelo de Maio Nascimento – Universidade Federal do Vale do São Francisco – PE  
 Dr. Marcus Vinícius Tres – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – RS  
     Dra. Maria Salete Marcon Gomes Vaz – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
     Dra. Marília Brasil Xavier – Universidade do Estado do Pará – PA  
 Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca das Silva – Universidade Estadual de Santa Catarina – SC  
 Dra. Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes – Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR  
     Dra. Marta Fernanda Bibiano – Universidade Federal de Pernambuco – PE  
     Dra. Moema Lúcia Martins Rebouças – Universidade Federal do Espírito Santo – ES  
     Dr. Mohamed Ezz El-Din Mostafa Habib – Universidade Estadual de Campinas – SP  
     Dra. Nadia Gaiofatto Gonçalves – Universidade Federal do Paraná – PR  
     Dra. Nelci Catarina Chiquetto – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
     Dr. Raimundo Bonfim dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz – BA  
 Dra. Regina Lucia Monteiro Henriques – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ  
 Dr. Ricardo Monezi Julião de Oliveira – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP  
     Dra. Rosiléa Clara Werner – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
     Dra. Sandra de Deus – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS  
     Dra. Simone Braga Terra – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – RS  
 Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
 Dra. Vera Márcia Marques Santos – Universidade do Estado de Santa Catarina – SC

#### CONSULTORES AD HOC

Dra. Adriana Marcela Bogado – Universidade Federal de São Carlos – SP  
     Dr. Alfredo Argus – Universidade do Estado de Minas Gerais – MG  
 Dra. Ana Paula Xavier Ravelli – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
 Dr. Breno Marques da Silva e Silva – Universidade do Estado do Amapá – AP  
     Dr. Delmonte Roboredo – Universidade do Estado de Mato Grosso – MT  
     Dra. Djane Antonucci Correa – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
 Dra. Daniela Abreu Matos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – BA  
     Dra. Irêde Angela Lucini Dalmolin – Instituto Federal Catarinense – SC  
     Dr. Luciano Gamez – Universidade Federal de São Paulo – SP  
 Dra. Marcia Caçado Figueiredo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS  
     Dra. Marialice de Moraes – Universidade Federal de Santa Catarina – SC  
     Dra. Nelza Mara Pallú – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR  
     Dr. Silvio Luiz Rutz da Silva – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR  
     Dra. Stela Maris Sanmartin – Universidade Federal do Espírito Santo – ES  
     Dra. Tatiane Montês Celinski – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR

Os textos e imagens publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REGULAMENTO, NORMAS E SUBMISSÃO DE ARTIGOS

<http://www.uepg.br/revistaconexao/>  
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/>  
ISSN Eletrônico: 2238-7315

COMISSÃO DE REVISORES

REVISÃO DE PORTUGUÊS

Cláudia Gomes Fonseca  
Jhony Adelio Skeika  
Sandra do Rocio Ferreira Leal

REVISÃO DE INGLÊS

Maria Inês Chaves  
Silvana Aparecida Carvalho do Prado  
Thaís Andrade Jamoussi

REVISÃO DE ESPANHOL

Dilma Heloisa Santos  
Jéssica de Fátima Levandowski  
Leandro Dalalibera Fonseca

REVISÃO TÉCNICA E FICHA CATALOGRÁFICA

Cristina Maria Botelho - CRB-9/994.

**Conexão UEPG.** / Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, Divisão de Extensão Universitária. Ponta Grossa : Editora UEPG, 2005-

v.11 n.2 mai./ago. 2015

Anual de 2005-2010. Semestral 2011-2014. Quadrimestral 2015-

ISSN: 1808-6578 - versão impressa

ISSN: 2238-7315 - versão eletrônica

1- Multidisciplinar. 2 - Extensão Universitária.

PROJETO GRÁFICO/DIAGRAMAÇÃO

Wilton Paz

FOTOGRAFIA CAPA

Jorge Luis Bilek

IMPRESSÃO

Imprensa Universitária UEPG

Tiragem: 250 exemplares

REVISTA INDEXADA

Latindex / Sumarios.org / Dialnet / DOAJ

/ OAJI / Portal de Periódicos da Capes

CONTATO

+55 (\*\*42) 3220-3490 -  
[revistaconexao@uepg.br](mailto:revistaconexao@uepg.br)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais

Praça Marechal Floriano Peixoto, 129 - Centro  
Ponta Grossa - PR - Brasil - CEP: 84010-680

Pede-se permuta!  
Exchanged requested!

EDITORIAL	127
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE CAMPINAS-SP ATUANDO COMO PRODUTORES DE CONHECIMENTO SOBRE PARASITÓSES: UMA EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE HELMINTOLOGIA (UNICAMP) NO PROGRAMA “CIÊNCIA E ARTE NAS FÉRIAS” HIGH SCHOOL STUDENTS FROM PUBLIC SCHOOLS OF CAMPINAS-SP ACTING AS PRODUCERS OF KNOWLEDGE ABOUT PARASITOSIS: AN EXPERIENCE OF THE HELMINTHOLOGY LABORATORY (UNICAMP) IN THE PROGRAM “SCIENCE AND ART IN THE SCHOOL VACATIONS”	128
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FERRAMENTA GERADORA DE ENSINO-APRENDIZAGEM E PRODUTORA DE PESQUISA UNIVERSITY EXTENSION AS A TOOL GENERATING TEACHING – LEARNING EXPERIENCES AND PRODUCING RESEARCH	140
O PROJETO “NOVOS TALENTOS” NA PROMOÇÃO DE DISCUSSÕES SOBRE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PROFESSORES THE PROJECT “NEW TALENTS” AND DISCUSSIONS ABOUT INTERDISCIPLINARY TEACHER EDUCATION	150
ARTE E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA DO TEATRO NA ESCOLA PÚBLICA ART AND EDUCATION: AN EXTENSION EXPERIENCE FROM THE THEATER TO THE PUBLIC SCHOOL	158
PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL THEMATIC PROJECTS AS AN ALTERNATIVE TO PROMOTE HEALTH IN ELEMENTARY SCHOOL	168
OFICINAS ARTÍSTICAS JUVENTUDE EMDIÁLOGO: TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA YOUTH IN DIALOGUE: DIGITAL TECHNOLOGIES IN UNIVERSITY EXTENSION	182
O USO DAS AJUDAS TÉCNICAS PELOS PROFESSORES DE SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCAIONAIS E CLASSES INCLUSIVAS USE OF TECHNICAL ASSISTANCE BY TEACHERS OF MULTIFUNCTIONAL FEATURES AND CLASS ROOMS INCLUSIVE	194
O DESPERTAR DO GOSTO PELA LEITURA: UMA BIBLIOTECA COM SABER E SABOR AWAKENING THE PLEASURE OF READING: A LIBRARY WITH KNOWLEDGE AND FLAVOR	206
DIÁLOGOS DE SABERES: TRAJETÓRIA DO GEPE CULTURA POLÍTICA DA UFT-TO KNOWLEDGE OF DIALOGUE: PATH OF CULTURE GEPE UFT-TO POLICY	218
A IMPLEMENTAÇÃO DO MARKETING NO TERCEIRO SETOR: O CASO DE UMA ONG ASSISTENCIALISTA DE ANIMAIS THE IMPLEMENTATION OF MARKETING IN THE THIRD SECTOR: THE CASE OF AN ANIMAL WELFARE NGO	232





Abordar o tema dos 10 anos da Revista Conexão/UEPG foi para mim um presente, pois estou desde o ano de 2008 como Coordenadora Editorial da mesma. Assim, tomo a liberdade de, nesta data, fazer um relato do histórico da Revista. Tal façanha, acredito, permite-me partilhar com os nossos leitores a trajetória da mesma, o que é bem relevante, pois revela a dimensão contextual em que se desenvolveu e em que está inserida. Ao mesmo tempo podemos refletir sobre as atividades desenvolvidas para que a Conexão alcance o seu público e ainda planejarmos sobre o que queremos para o futuro da Revista.

A Revista Conexão/UEPG teve o seu primeiro número lançado no ano de 2005. A Revista nasceu com periodicidade anual e com o objetivo de divulgar as atividades extensionistas da região de Ponta Grossa, através de reportagens e artigos oriundos de projetos/programas extensionistas de professores/alunos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A partir deste objetivo podemos afirmar que a Revista nasceu como espaço de divulgação da produção extensionista realizada na UEPG. Naquele momento foi um grandioso passo, pois os atores universitários que trabalhavam com a Extensão Universitária, não só da UEPG mas nacionalmente, tinham pouquíssimo espaço de divulgação de suas produções científicas.

A partir de 2008 ocorreu a inclusão de publicação de artigos de outras instituições de ensino superior. Isto permitiu à UEPG ampliar o diálogo com autores extensionistas externos à UEPG. Também por este motivo a Revista começa a ser conhecida por outras IES, a princípio dentro do Estado do Paraná.

Em 2010 inicia-se um processo de conscientização científica da equipe produtora da Revista, revelada por mudanças na parte estética, bem como na periodicidade da mesma, que passa a ser semestral.

O ano de 2012 torna-se marcante na trajetória, pois além da publicação com ISSN para versão impressa ampliamos para a versão eletrônica. Nesse ano a Revista também foi incluída no portal de periódicos da UEPG, segundo as normas do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER). Todavia, o passo mais ousado e alcançado foi o início do processo de indexação em base de dados nacionais e internacionais; conseguido pelo fato de a Revista ter se transformado em um espaço conhecido de divulgação científica da produção extensionista, com artigos oriundos de diversos estados brasileiros, bem como internacionais. A partir de 2012 a Revista passa ainda a ser inserida nas seguintes bases de dados: LATINDEX, Sumário Org., DIALNET, Portal de Periódicos Capes e DOAJ – Directory of Open Access Journals. Com o aumento da recepção de artigos para avaliação e publicação, a Revista, desde 2012, vem ampliando o seu quadro de consultores. Hoje contamos com 08 consultores internacionais, 10 consultores da UEPG e 54 efetivos vinculados a outras instituições de ensino superior públicas (estaduais e federais) e particulares.

Ao completar uma década, neste ano de 2015, a periodicidade da Revista passou a ser quadrimestral (abril, agosto e dezembro). Pretendemos com isto ampliar o espaço de divulgação, bem como avançar na qualificação da Revista Conexão/UEPG. Temos ainda como meta a partir deste ano solicitar o DOI (Digital Object Identifier) e o SCIELO e ampliar o número de consultores internacionais. Ao observar o caminho percorrido pela Conexão/UEPG entendemos que a mesma tem colaborado na divulgação das atividades extensionistas produzidas nas Instituições de Ensino Superior Nacionais e Internacionais e ainda espaço de reflexão teórica sobre a Extensão Universitária como processo emancipatório da formação acadêmica e comunitária.

Que a Revista Conexão/UEPG tenha vida longa e se refaça criticamente a cada Edição.

Saudações Extensionistas!!!

**Dra. Gisele Alves de Sá Quimelli**  
Coordenadora Editorial

## ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE CAMPINAS-SP ATUANDO COMO PRODUTORES DE CONHECIMENTO SOBRE PARASIToses: UMA EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE HELMINTOLOGIA (UNICAMP) NO PROGRAMA “CIÊNCIA E ARTE NAS FÉRIAS”

HIGH SCHOOL STUDENTS FROM PUBLIC SCHOOLS OF CAMPINAS-SP ACTING AS PRODUCERS OF KNOWLEDGE ABOUT PARASITOSIS: AN EXPERIENCE OF THE HELMINTHOTOLOGY LABORATORY (UNICAMP) IN THE PROGRAM “SCIENCE AND ART IN THE SCHOOL VACATIONS”

*FREZZA, Tarsila Ferraz<sup>1</sup>*

*CORRÊA, Sheila de Andrade Penteado<sup>2</sup>*

*SANTOS-RONDON, Michelle Viviane Sá<sup>3</sup>*

*PRADO, Cesar Ribeiro<sup>4</sup>*

*BASTOS, Leticia Aparecida Duarte<sup>5</sup>*

*ALLEGRETTI, Silmara Marques<sup>6</sup>*

### RESUMO

O programa extensionista “Ciência e Arte nas Férias” vem acontecendo há 12 anos na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – Campinas/SP), durante os meses de férias escolares de verão. A proposta visa promover a vivência de alunos do ensino médio da rede pública de ensino de Campinas-SP e região com o ambiente universitário e laboratórios de pesquisa. Ao longo de nove anos, os projetos desenvolvidos no laboratório de helmintologia promoveram atividades de pesquisa individuais e em grupo (oficinas) com os estudantes, com o objetivo de conscientizar e incentivar os alunos a serem disseminadores de informações sobre parasitoses/helmintíases no ambiente escolar e fora dele. Este artigo, portanto, se trata de um relato de experiência do laboratório, ressaltando a importância do programa extensionista no tratamento de parasitoses, uma vez que o “Ciência e Arte nas Férias” aliou a informação e conscientização dos alunos à disseminação desses conhecimentos para a sociedade.

Palavras-chave: Parasitologia; Extensão; Helmintologia; Ensino Médio.

1 Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Brasil. Doutorado em Biologia Animal pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil. E-mail: taferraz@gmail.com

2 Aluna do Curso de Mestrado em Biologia Animal da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil.

3 Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Doutorado em Parasitologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. E-mail: michelle.rondon@gc.uncamp.br

4 Aluno do Curso de Doutorado em Biologia Animal da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. E-mail: ribeiro-prado@hotmail.com

5 Técnico de Laboratório da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Mestrado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. E-mail: duartleticia@yahoo.com.br.

6 Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Doutorado em Parasitologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. E-mail: sallegre@unicamp.br

## ABSTRACT

The extension program called “Science and Art in the School Vacations” has been developed for 12 years by the State University of Campinas” (UNICAMP – Campinas/SP), during the months of summer school vacations. This proposal aims to make students, high school students from public schools of Campinas-SP and surrounding region, have experiences inside the university environment and research laboratories. Over nine years, the projects developed in the Helminthology Laboratory promoted individual researches and group activities (workshops). The goal was to create awareness and to encourage students to be multipliers of these informations about parasitosis/helminthes in the school environment and society. Thus, this article is an experience report from the Helminthology Laboratory and it detach the very important role of “Science and Art in the School Vacation” extension program since it can combines information and awareness of the students with the dissemination of this knowledge in the society.

Keywords: Parasitology; Extension; Helminthology; High School.

## INTRODUÇÃO

O “Ciência e Arte nas Férias” é um programa extensionista realizado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – Campinas/SP), que vem acontecendo há 12 anos, sempre durante o mês de férias escolares de verão, levando estudantes de escolas públicas de ensino médio de Campinas/SP e região para desenvolver atividades diversas nos laboratórios do campus da universidade, além de oferecer a eles oficinas nas diferentes áreas do conhecimento. A justificativa para sua existência é que muitos jovens, principalmente os que frequentam o sistema público de ensino, não têm ideia clara do que significa trabalhar com pesquisa científica e artística, nem do papel desempenhado por uma universidade. Assim, nesse programa os estudantes se envolvem com os desafios atuais da ciência e da arte, com a metodologia do trabalho científico e da criação artística, além de estarem em contato com o ambiente dos laboratórios de pesquisa (UNICAMP, 2014).

Dessa forma, o projeto tem por objetivo promover a inclusão de alunos do ensino médio da rede pública no ambiente universitário e, ao mesmo tempo, despertar o seu interesse pelo estudo e pesquisa (UNICAMP, 2014). O trabalho é essencialmente extensionista por ultrapassar a atuação da universidade, institutos e departamentos envolvidos, no que se refere ao ensino (Graduação e Pós-graduação) e pesquisa, e por promover ações dirigidas à sociedade ainda que estas estejam vinculadas ao ensino e à pesquisa. Além disso, o projeto promove a disseminação e transposição dos conhecimentos adquiridos na universidade para fora de seus muros: para a comunidade.

O laboratório de Helminologia do Departamento de Biologia Animal – Instituto de Biologia da UNICAMP – tem recebido esses alunos desde janeiro de 2006. Além de promover essa inclusão e o despertar de jovens talentos, esse ambiente de pesquisa ainda atua como importante disseminador de conhecimento acerca das helmintíases. Neste trabalho será relatada a experiência de nove anos do laboratório com o referido programa.

## INSCRIÇÃO DE PROJETOS E SELEÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

O docente e/ou pesquisador da UNICAMP que deseja participar do “Ciência e Arte nas Férias” deve submeter um projeto *on-line* para a comissão do programa, o qual deve envolver entre 2 a 4 alunos de rede pública, que estejam cursando o ensino médio, e deve colocá-los em contato com as estudos em andamento nos laboratórios e nos grupos de pesquisa, bem como promover sua interação com pesquisadores de vários níveis. Os alunos recebem uma bolsa de estudos durante o período de vínculo

com o projeto, além de auxílio transporte, alimentação e material didático, tais como mochila e cadernos.

Dois tipos de projetos podem ser submetidos: um deles voltado à atividade individual, no qual os estudantes são recebidos diariamente durante o período de realização do programa para participarem de um projeto científico, exceto um dia da semana que é reservado para atividades em grupo (oficinas); outra opção é o projeto de atividade em grupo, no qual o laboratório ou grupo de pesquisa recebe cerca de 50 alunos, uma vez por semana, para a realização de oficinas.

A comissão organizadora do programa, composta por docentes de diversas áreas do conhecimento, faz a seleção dos projetos. Os selecionados são contemplados com apoio financeiro destinado à compra de material de consumo ou à prestação de serviços. Os alunos de pós-graduação participantes também recebem uma bolsa durante a vigência do programa para atuarem como tutores dos alunos.

As escolas interessadas em participar indicam 10 alunos, sendo esses do 1º e do 2º ano do ensino médio. Os alunos selecionados devem preencher um formulário, com a concordância dos pais ou responsáveis, no qual informam uma profissão de seu interesse, classificando as áreas do estágio (biomédica, exata, humana ou tecnológica) de acordo com sua prioridade. As informações sobre a inscrição de projetos e seleção de alunos ficam disponíveis no *site* da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UNICAMP.

## A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO LABORATÓRIO DE HELMINTOLOGIA NO PROGRAMA CIÊNCIA E ARTE NAS FÉRIAS

Sabe-se que a intensidade das infecções parasitárias pode refletir as condições de vida de uma população. Destacam-se aqui aquelas provocadas por helmintos que têm no intestino humano o seu habitat (tais como os vermes *Ascaris lumbricoides* – lombriga – e *Ancylostoma* sp. – verme do amarelão) e as que são transmitidas pela poluição do ambiente terrestre e aquático por fezes humanas (a esquistossomose mansônica – barriga d'água – provocada pelo helminto *Schistosoma mansoni*, por exemplo) e por fezes animais, assumindo caráter zoonótico (como a *Toxocara* sp. – lombriga de cães e gatos – e *A. caninum* – bicho geográfico).

Isso acontece porque a maioria das geohelmintíases e outras parasitoses possuem como medidas profiláticas o saneamento ambiental, higiene pessoal e alimentar, além do tratamento das infecções sintomáticas e assintomáticas. Assim, essas medidas podem resultar em maior ou menor proeminência de tais doenças, que ficam na dependência de condições relacionadas ao desenvolvimento regional, fazendo com que, num outro extremo, as infecções deixem de constituir preocupações (CHIEFF; AMATO-NETO, 2003).

Nem sempre essas infecções promovem o aparecimento de manifestações clínicas, porém continuam proporcionando transmissões. Nos casos mais severos, as doenças parasitárias produzem déficits orgânicos, sendo estes uns dos principais fatores debilitantes da população, associando-se frequentemente a quadros de diarreia crônica e desnutrição (SILVA et al., 2003; COOPER et al., 2008; JENSEN et al., 2009; NORMAN et al., 2010; ORTEGA et al., 2010; PÉREZ-MOLINA et al., 2010). Uchoa et al. (2004) afirmam que essa realidade compromete o desenvolvimento físico e intelectual principalmente de crianças em idade escolar.

Nesse sentido, o conhecimento da população acerca das doenças parasitárias, sejam elas geohelmintíases, enteroparasitoses e outras, é de extrema importância para que se possa interromper a transmissão e disseminação desses parasitos, uma vez que existe uma escassez de conhecimento sobre essas enfermidades, suas medidas de controle e profilaxia. Por essa razão, crianças em idade escolar possuem um papel importante, uma vez que ao aprenderem sobre as parasitoses e suas formas de prevenção poderão contribuir como disseminadores e multiplicadores desse conhecimento na escola e arredores, levando informação também aos seus familiares, grupos de amigos e comunidade.

Segundo Asolu e Ofoezie (2003), a educação ambiental no controle das parasitoses intestinais tem se mostrado uma estratégia de baixo custo capaz de atingir resultados significativos e duradouros, uma vez que ela corresponde a um processo educativo constante, dinâmico e criativo. Dessa forma, o laboratório de helmintologia, ao promover o contato do estudante de nível médio com a pesquisa em parasitologia e aprimoramento do conhecimento através das oficinas, tem a pretensão de contribuir de forma significativa com o processo de ensino-aprendizagem e, a partir disso, formar alunos que atuem como agentes transformadores da sociedade, contribuindo para a prevenção e erradicação de parasitoses, em especial, das helmintíases.

## **A HELMINTOLOGIA EM PROGRAMA DE EXTENSÃO: ATIVIDADES INDIVIDUAIS (PROJETOS DE PESQUISA) E EM GRUPO (OFICINAS)**

A seguir, será relatada a experiência do laboratório de Helmintologia com o programa extensionista “Ciência e Arte nas Férias”. Para tanto, foram selecionados algumas das atividades desenvolvidas no decorrer desses nove anos de participação.

É importante salientar que antes de se iniciarem as atividades, normas de biossegurança e noções de boas práticas laboratoriais foram apresentadas aos alunos, além do fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPI) adequados ao nível de biossegurança do laboratório e à atividade desenvolvida. Os alunos não tiveram contato com materiais infectantes, sendo as atividades que apresentavam riscos de infecção realizadas pelos monitores. Quando os alunos se ocupavam de procedimentos envolvendo ovos de helmintos, estes eram previamente inviabilizados.

Em 2006, primeiro ano em que o laboratório de Helmintologia participou do programa, foi desenvolvido o projeto de pesquisa intitulado “Cães e gatos podem nos transmitir parasitoses?”, cujo objetivo foi de informar o aluno a respeito das zoonoses e conscientizá-los sobre os mecanismos de transmissão e prevenção. Para tanto, os estudantes, supervisionados pelos monitores distribuíram no *campus* universitário caixas de areia em locais onde cães e gatos errantes estavam presentes. No dia seguinte à disposição dessas caixas, as fezes dos animais, bem como amostras da areia, foram recolhidas pelos monitores e levadas ao laboratório, submetidas a exames parasitológicos, seguida da observação em microscópio óptico. Também foram analisadas as fezes de cães errantes e não vermifugados, oriundos do centro de zoonoses de Campinas-SP, e fezes de cães domiciliados, realizando-se uma comparação entre as diferentes amostras.

A análise dos resultados indicou a presença de ovos de Ancilostomatídeos e *Toxocara* sp, somente nas fezes de cães errantes, tanto os do *campus* quanto os do centro de zoonoses. Os ovos encontrados foram fotografados em fotomicroscópio pelos alunos (Figura 1).

A partir desses resultados, promoveu-se uma discussão com os participantes do projeto sobre os seguintes pontos: as enfermidades provocadas por esses parasitos, seu caráter zoonótico e profilaxia, destacando-se a importância de se realizar exames de fezes periódicos e tratamento dos animais parasitados; a importância dos cães errantes como disseminadores de zoonoses e a atuação do ser humano como principal elo de prevenção destas doenças através da posse responsável de animais de estimação. Ao término do projeto, foi elaborado um relatório de pesquisa, com os resultados obtidos.

Os estudantes concluíram que para prevenir e controlar essas zoonoses deve-se, principalmente, conscientizar a população sobre essas parasitoses, sobretudo os donos de cães e gatos, que devem fazer exames de fezes periódicos em seus animais e, caso constatado alguma parasitose, efetuar o tratamento; também se deve evitar levar esses animais em locais como praças, praias, parques infantis e outros. No entanto, essas medidas isoladas (adotadas pelos proprietários dos animais) são insuficientes, isso porque, para controlar e prevenir essas parasitoses, é necessário o tratamento dos animais de forma geral, não apenas dos que possuem donos. Percebeu-se, assim, a necessidade de se diminuir a população de cães e gatos errantes, pois são os que apresentam maiores taxas de prevalência e altas cargas parasitárias. Além disso, é importante impedir o acesso de animais aos tanques de areia, usando uma telagem adequada.

Os parasitos mais importantes nesta pesquisa foram *Toxocara* sp. e Ancilostomatídeos, tanto pelo fato de serem os mais frequentes nos cães e gatos e por serem transmitidos facilmente, quanto por causarem patologias bastante comuns e frequentes no homem. Com a volta às aulas, os alunos foram estimulados a dividirem seus conhecimentos com a comunidade escolar, bem como exporem as fotos dos ovos dos helmintos encontrados.

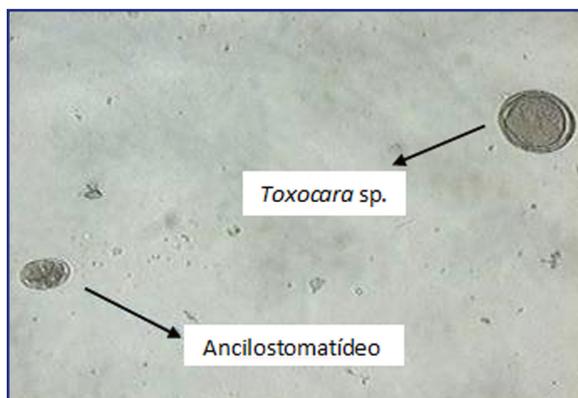


Figura 1: Ovos de Ancilostomatídeos e *Toxocara* sp.

Em 2008, o tema escolhido pelo laboratório de helmintologia foi a pesquisa de novos compostos para o tratamento da esquistossomose mansônica (“barriga d’água”). Inicialmente foi discutido com os alunos a gravidade dessa enfermidade provocada pelo parasito *Schistosoma mansoni* – causador de doença debilitante a qual acomete cerca de 207 milhões de pessoas no mundo e 7 milhões no Brasil –, bem como os mecanismos de transmissão, profilaxia e a necessidade do desenvolvimento de um novo medicamento para o combate desta parasitose, visto que o fármaco padrão (praziquantel) apresenta relatos de casos de tolerância ao tratamento e de possível surgimento de resistência. Foi explicado para os alunos que a procura de compostos ativos a partir de plantas medicinais envolve uma triagem inicial, *in vitro*, devido à grande quantidade de espécies que pode ser testada, principalmente em países detentores de rica diversidade de flora, caso do Brasil.

O trabalho intitulado “Estudo da atividade dos extratos de *Piper crassinervium* e *Chenopodium ambrosioides* contra o *Schistosoma mansoni* linhagem BH *in vitro*” visou estudar *in vitro* a atividade dessas plantas medicinais conhecidas popularmente por “Pariparoba” e “Erva-de-Santa-Maria” (respectivamente), visando o combate do referido helminto durante sua fase adulta. Ao final do projeto, foi realizada uma reflexão junto

aos alunos sobre a deficiência de políticas que visam a erradicação da esquistossomose mansônica e a ligação entre esta enfermidade e a pobreza, a falta de saneamento ambiental e de educação em saúde. Foi também discutido que, tendo em vista a dificuldade de se desenvolver um novo medicamento para o seu combate, a melhor forma de erradicação da doença seria a prevenção.

Os resultados apresentados pelos alunos os fizeram concluir que ambos os extratos apresentavam atividade esquistossomicida, podendo ser merecedores de estudos subsequentes (ensaios *in vivo*). A curiosidade dos participantes em saber se a atividade *in vitro* corresponderia a *in vivo* levou-os a analisar, por meio do exame parasitológico, as fezes de camundongos previamente infectados e tratados oralmente com esses extratos, mostrando que, em relação ao grupo controle (camundongos infectados, mas não tratados), ambos os tratamentos promoveram reduções importantes na quantidade de ovos do parasito por grama de fezes.

Os alunos também utilizaram fotomicroscópio para fotografar vermes adultos de *S. mansoni*, além dos ovos, formas larvais (miracídio e cercária, esta que é correspondente à forma infectante para humanos) e o molusco transmissor da doença (*Biomphalaria* sp.), sempre utilizando lâminas permanentes existentes no laminário do Departamento de Biologia Animal. A partir dessas imagens, os estudantes esquematizaram o ciclo biológico do parasito, envolvendo sua forma de transmissão (Figura 2). Esse ciclo foi apresentado na forma de painel e também por meio de folder (Figuras 3 e 5), contendo informações sobre o que é a esquistossomose mansônica e sua profilaxia.

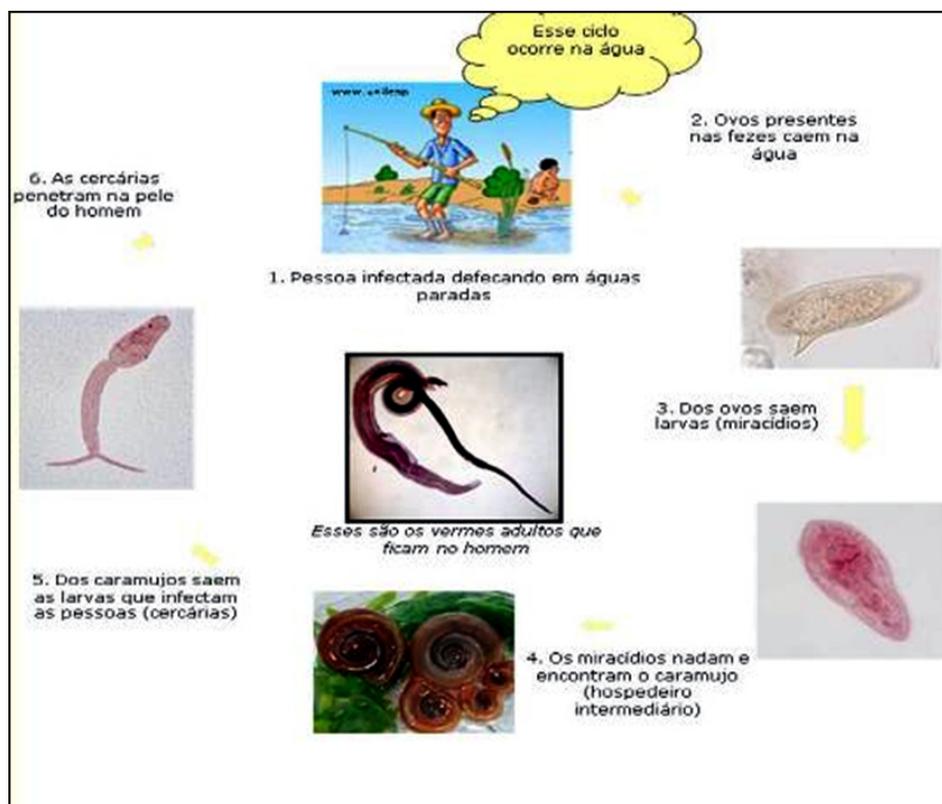


Figura 2: Ciclo da esquistossomose mansônica desenvolvido pelos alunos no ano de 2008.

No ano seguinte, 2009, ainda trabalhando com o tratamento experimental da esquistossomose mansônica, foi desenvolvido o projeto “Efeito do extrato etanólico de *Phyllanthus amarus* sobre a oviposição de *Schistosoma mansoni*”. O objetivo foi testar *in vivo* a atividade da planta medicinal conhecida por “Quebra-Pedra” na oviposição do verme, durante as quatro semanas subsequentes ao tratamento; a análise contemplou camundongos previamente infectados e oralmente tratados com o extrato. Avaliou-se que

houve diminuição da quantidade de ovos por grama de fezes em relação ao grupo controle nas duas primeiras semanas, além da retomada de oviposição após a quarta semana.

Na avaliação dos alunos foi concluído que a esquistossomose mansônica, popularmente conhecida como barriga d'água, é uma doença causada por um trematódeo (verme), o *Schistosoma mansoni*, o qual apresenta o caramujo como hospedeiro intermediário (*Biomphalaria* sp.) e o homem como hospedeiro definitivo. Quando o ser humano entra em contato com a água contaminada com as cercárias do verme, estas penetram por sua pele infectando-o. Após a infecção os sintomas começam a aparecer, são eles: alterações cutâneas e alterações gerais, na fase aguda; formação de granulomas, fibrose periportal, hepatosplenomegalia, lesões cardiopulmonares e outros tipos de lesões, na fase crônica. Dessa forma, a doença precisa ser estudada porque ela causa danos à saúde e pode levar até ao óbito; hoje em dia, estima-se que mais de 200 milhões de pessoas estejam infectadas com o verme. Algumas linhagens do verme tornaram-se resistentes e não respondem mais ao tratamento com oxaminiquina e praziquantel, por esse motivo justifica-se a pesquisa de um novo tratamento com a planta *P. amarus*, mais conhecida como "Quebra-Pedra".

Ao final do programa "Ciência e Arte nas Férias" os alunos participantes de atividades individuais (pesquisa) foram convidados a exporem os resultados obtidos na forma de painel, através de um *workshop*, com a participação de todos os laboratórios envolvidos. Com esse evento, o aluno pôde trocar os conhecimentos e experiências vividas nos diferentes laboratórios e áreas do conhecimento. Quando os estudantes retornaram às suas escolas, estes puderam levar o pôster de apresentação, bem como materiais de divulgação (como o folder) e foram encorajados a exporem seu trabalho, trocar experiências e informações com a comunidade escolar, atuando como disseminadores dos conhecimentos adquiridos. A Figura 3 mostra o folder desenvolvido.

#### a) Frente do folder desenvolvido

**UNICAMP**

**IB**  
Instituto de Biologia

Ciência & Arte  
nas Férias  
2008

Igor de Menezes Costa<sup>1</sup>  
Mariana Andrioli Nucci<sup>2</sup>  
Luciana Franceschi Simões<sup>3</sup>  
Tamy Midori Banin<sup>3</sup>  
Tarsila Ferroz Frezza<sup>3</sup>  
Profa. Dra. Silmara Marques Allegretti<sup>3</sup>

1. E.E. Aníbal de Freitas  
2. E.E. Guido Segalho  
3. Depto de Parasitologia-IB-UNICAMP

**ESQUISTOSSOMOSE**  
(Barriga d'água)

A esquistossomose é uma doença silenciosa.

## b) Verso do folder desenvolvido



Figura 3: Folder confeccionado por alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Campinas-SP, resultante do projeto Ciência e Arte nas Férias 2008, desenvolvido no laboratório de parasitologia da Unicamp. Este folder foi distribuído pelos alunos em suas escolas e entre todos os participantes do projeto que desenvolveram pesquisas em outros laboratórios da Universidade.

Em 2011, o laboratório teve sua primeira experiência na realização de atividades em grupo, na forma de oficinas ministradas uma vez por semana. Esses encontros tiveram por objetivo a incorporação de novas estratégias que tornassem as atividades mais educativas aos alunos do ensino médio, fornecendo a eles informações relevantes sobre o tema em questão através de palestras e proporcionando a aplicação dos conhecimentos adquiridos em dinâmicas e jogos que possibilitaram sedimentar o aprendizado.

O primeiro tema desenvolvido foi “Alterações Climáticas e Zoonoses Parasitárias”. Inicialmente, foram realizadas palestras sobre o tema, explicando e discutindo os conceitos de aquecimento global, efeito estufa, zoonoses, vetores, infecção, infestação, saúde e doença, além da implicação dos parasitas na saúde de humanos e outros animais. As principais zoonoses parasitárias que podem ser potencialmente expandidas com o aquecimento global (tais como esquistossomose, leishmaniose, toxoplasmose e doença de Chagas) e seus possíveis impactos foram explorados com apresentação de seus ciclos biológicos, vetores e sintomas. Outras zoonoses não parasitárias, mas que podem ser expandidas com o aquecimento global – como a raiva, febre maculosa, dengue, cólera e febre amarela – também foram citadas. As principais consequências à saúde do ser humano e dos animais, devido ao desmatamento e aos diversos tipos de poluição ambiental, também foram abordadas.

Depois das palestras, os alunos assistiram a curtas-metragens que tratavam de questões ambientais, tais como “A História das Coisas”<sup>7</sup> e “Respire Fundo”<sup>8</sup>. A escolha

7 *A História das Coisas* ('The Story of Stuff'): Estados Unidos, 2007. Direção: Louis Fox.

8 *Respire Fundo* ('Respire Breath'): Greenpeace, 2007.

desses filmes justificou-se pela possibilidade de conscientizar os alunos sobre a preservação do meio ambiente e o consumo consciente, além de mostrar as consequências para o planeta do aquecimento global e da interferência humana no ambiente natural.

Ao final da sessão de filmes, os estudantes puderam observar materiais biológicos permanentes: larvas de tênia (cisticercos livres e em músculo) e tênia adulta; um coração chagásico e outro normal para fins de comparação; vetores fixados e réplicas, como carrapato-estrela (vetor da febre maculosa); diferentes espécies de “barbeiros” transmissores da doença de Chagas; mosquito-palha (vetor da leishmaniose) e caramujos transmissores da esquistossomose, como mostrado na Figura 4.



Figura 4: Exposição de material biológico em oficina desenvolvida no ano de 2011.

Também foram realizados jogos envolvendo os conceitos e ciclos apresentados durante a oficina, explorando de forma lúdica os temas discutidos. Outra atividade desenvolvida foi a montagem do ciclo de parasitoses de caráter zoonótico, utilizando massa de modelar, argila, tinta guache, lápis de cor, giz de cera, cola colorida, entre outros materiais (Figura 5).

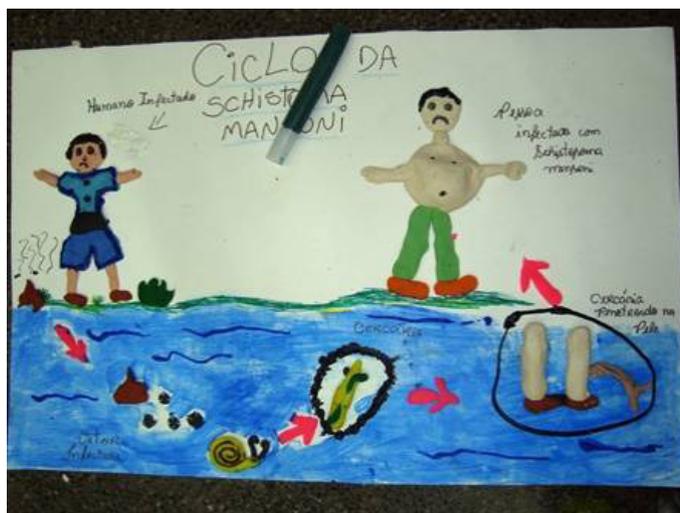


Figura 5: Confeção do ciclo da esquistossomose mansônica pelos alunos participantes da oficina desenvolvida em 2011.

Em 2014, trabalhou-se, também por meio de oficina, o tema “Doenças Parasitárias e a Segurança Alimentar – Panorama Atual”. Inicialmente realizou-se uma palestra, na qual foram discutidas questões como a fome e a miséria no cenário mundial, bem como os desafios existentes para sua erradicação, conforme proposto pela ONU em 2000. Também foram discutidos novos

métodos de produção agrícola sustentáveis, propostos pela Rio+20 em 2012, visando aumento na produtividade, qualidade, distribuição menos desigual dos alimentos através de medidas que colaborariam com a redução da fome e da miséria.

Foram também apresentados o conceito de alimento seguro, as condições que ameaçam a manutenção da qualidade do alimento durante e após as etapas de produção e as condições higiênico-sanitárias inadequadas que propiciam o desenvolvimento e a manutenção de diferentes parasitos. Além disso, foram discutidos a importação de hábitos alimentares orientais, métodos de produção de defumados e embutidos caseiros que não obedecem às normas de segurança alimentar e às boas práticas de fabricação.

Alguns conceitos importantes em parasitologia foram apresentados, como agente etiológico, hospedeiro, vetor, reservatório, cisto entre outros. Abordaram-se também algumas parasitoses tais como Giardíase, Toxoplasmose, Doença de Chagas, Teníase, Cisticercose, Difilobotríase e Ascaridíase; para cada uma delas, discutiu-se o ciclo biológico do parasito, principais sinais e sintomas clínicos e profilaxias. Com o término da palestra, os alunos observaram materiais biológicos permanentes, conforme já demonstrados pela figura 6.

Outras atividades foram realizadas com o intuito de fixar o conteúdo mostrado na palestra. Em uma delas, para discutir a higiene, os alunos mergulharam suas mãos em uma solução que tingia de vermelho as áreas onde a higiene foi inadequada. A discussão sobre a importância de se lavar bem as mãos possibilitou reforçar algumas profilaxias mencionadas em aula.

Em outra atividade, foi realizada uma peça teatral. Assim, os alunos foram divididos em dois grupos e cada um deles deveria representar o ciclo de duas parasitoses. Os temas propostos foram 'Doença de Chagas e Ascaridíase' para um dos grupos e 'Teníase e Cisticercose' para outro. Os estudantes tinham à disposição roupas e chapéus, que estavam em um camarim, para que pudessem se caracterizar de acordo com o tema proposto. Assim, era necessário que discernissem, de acordo com os conhecimentos adquiridos na aula teórica, quais eram os acessórios adequados.

Para representar a etapa do ciclo que ocorre no interior do corpo, os alunos utilizaram um boneco do corpo humano feito de "EVA" previamente confeccionado pelos monitores (figura 6). A última atividade realizada foi um jogo em que cada grupo elegeu um representante que deveria encontrar em uma caixa um ou mais objetos que representassem corretamente a(s) resposta(s) para as perguntas feitas, de acordo com os conhecimentos adquiridos nas discussões.



Figura 6: Boneco de EVA utilizado na apresentação de peça teatral.

No final das oficinas, os alunos participantes sempre respondiam a um questionário para avaliar a metodologia utilizada. Para a maioria, as atividades desenvolvidas foram caracterizadas como "positivas" e "instrutivas", com as quais puderam aprender mais sobre os temas abordados de maneira "prática" e "divertida". Percebeu-se que a realização de gincanas (jogos) foi muito bem aceita pelos alunos e capaz de promover a interação entre eles. As palestras, assim como o uso de materiais biológicos permanentes, também foram elogiadas pois, segundo os alunos, "ajudam bastante na visualização dos conceitos e doenças". É importante salientar que com as oficinas foi possível ampliar a oferta de vagas e, dessa forma, aumentar a quantidade de alunos atuando como produtores de conhecimento na área de parasitologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste relato de experiência do laboratório de helmintologia foi possível perceber que o programa "Ciência e Arte nas Férias" permitiu aos alunos não apenas vivenciar os desafios da pesquisa, mas também refletir sobre as parasitoses, suas formas de prevenção e erradicação. A parasitologia, incluindo todas as suas subáreas, trata-se de uma ciência multidisciplinar, uma vez que está relacionada a estudos socioeconômicos, políticos, antropológicos, ambientais, tecnológicos, em saúde e educacionais.

Dessa forma, a estrita relação entre grande parte das parasitoses e a pobreza, bem como a falta de educação em saúde, faz com que o programa "Ciência e Arte nas Férias" no laboratório de helmintologia possua um peso especial ao possibilitar que os alunos atuem como disseminadores importantes das formas de prevenção/erradicação das enfermidades provocadas por parasitos, fazendo com que os conhecimentos obtidos com pesquisas sobre o tema possam transpor os "muros" da Universidade, atingindo a comunidade.

Além disso, a participação do aluno no desenvolvimento de projetos de pesquisa incentivou a formação de alunos-pesquisadores, ou seja, aqueles que, segundo Moura et al. (2010), opõem-se aos modelos formados pela escola tradicional, capazes apenas de dominar certos conteúdos. Assim, os alunos foram estimulados a pensar, refletir, propor soluções para os problemas e, dessa forma, compreender ativamente a importância de seu papel na sociedade como agentes transformadores e disseminadores das informações adquiridas. A oportunidade da experimentação foi também importante visto que, conforme Galiazi et al. (2001), as atividades experimentais costumam ser pouco frequentes nas escolas sob a justificativa da inexistência de laboratórios ou da pouca quantidade de recursos para mantê-los em funcionamento.

Em relação aos trabalhos em grupo (oficinas), houve a priorização das atividades lúdicas para fixação do conhecimento. De acordo com Castro & Costa (2011), diversos pesquisadores em educação têm demonstrado que jogos, dinâmicas e outros, são ferramentas eficazes para se alcançar uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, o lúdico pode ser uma estratégia instrucional capaz de estimular no aprendiz uma predisposição para aprender, uma vez que possui a especificidade de atrelar o aprendizado à alegria e ao prazer (ALMEIDA et al., 2013; OLIVEIRA; SILVA; FERREIRA, 2010; SILVA; FÁRIA, 2012; SOUZA; SILVA, 2012).

Muito além de estimularem as relações cognitivas, afetivas, sociais e o desenvolvimento da criatividade, os jogos são peças fundamentais para a participação ativa do aluno, para o trabalho em grupo, mediante o exercício da cooperação (CASTRO; COSTA, 2011). Dessa forma, conseguiu-se através das atividades lúdicas realizadas nas oficinas uma melhor compreensão e fixação da importância e profilaxia de diversos tipos de parasitoses (helmintíases e também protozooses). As oficinas foram, portanto, eficazes segundo a maioria dos participantes; as doenças puderam ser discutidas, gerando conseqüentemente um maior número de alunos que atuarão como agentes disseminadores de uma maior quantidade de informações.

Finalmente, é importante salientar que o programa "Ciência e Arte nas Férias", bem como as atividades desenvolvidas pelo laboratório de helmintologia, foram capazes de desenvolver várias das competências e habilidades sugeridas pela Proposta Curricular de Biologia do Estado de São Paulo (MENDONÇA et al., 2008) para o Ensino Médio. Assim, foi possível despertar nos jovens a curiosidade, a autonomia intelectual, a vontade em continuar os estudos no ensino superior. O trabalho foi capaz de estimular o potencial criativo dos jovens, o raciocínio lógico, a atuação em equipe, a comunicação, a investigação, as intervenções em situações reais, o estabelecimento de conexões e contextos, a expressão através de diferentes formas, a montagem e a interpretação de dados em forma de tabelas, gráficos e textos, a conversão de uma linguagem em outra, o poder de argumentação, bem como de realizar perguntas, interpretações, observações e registros, planejamento, formular hipóteses e diagnósticos, enfrentar problemas e desafios individualmente e em equipe.

Isso tudo só foi possível porque aos alunos foi dada a oportunidade de, através da pesquisa, da participação em oficinas e da vivência em um ambiente universitário, produzir e construir o conhecimento. O desenvolvimento dessas habilidades e competências fez dos alunos participantes elos fundamentais entre universidade, ambiente escolar e sociedade, o que é primordial em se tratando de educação em saúde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. M.; LOPES, P. T. C.; DAL-FARRA, R. A. O lúdico como prática pedagógica no ensino de Ciências: Jogo didático sobre o sistema esquelético. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 9, 2013, Águas de Lindóia. Águas de Lindóia: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação e Ciências, 2013. p. 1-7.

ASOLU, S. O.; OFOEZIE, I. E. The role of health education and sanitation in the control of helminthes infections. **Acta Tropica**. v. 86, n. 2, p. 283-94, 2003.

CASTRO, B. J.; COSTA, P. C. F. Contribuições de um jogo didático para o processo de ensino e aprendizagem de Química no Ensino Fundamental segundo o contexto da aprendizagem significativa. **Revista Electrónica de Investigación em educación em Ciencias**, v. 6, p. 1-13, 2011.

CHIEFFI, P.P.; AMATO-NETO, V. Vermes, verminoses e a saúde pública. **Ciência e Cultura**, v. 55, p. 41-43, 2003.

COOPER, P. et al. Environmental determinants of total IgE among school children living in the rural Tropics: importance of geohelminth infections and effect of anthelmintic treatment. **BMC Immunology**, v. 9, p. 33, 2008.

GALIAZZI, M. C. et al. Objetivos das Atividades Experimentais no Ensino Médio: A pesquisa coletiva como modo de formação de professores de ciências. **Ciência & Educação**, v. 7, n. 2, p. 249-63, 2001.

JENSEN, P.K.M. et al. Survival of *Ascaris* eggs and hygienic quality of human excreta in Vietnamese composting latrines. **Environmental Health**, v. 8, p. 57, 2009.

MENDONÇA, F. B. et al. Ciências da natureza e suas tecnologias: Biologia. p. 8 – 55. In: FINI, M. I. (org.). **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Biologia**. São Paulo: SEE, 2008.

MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F.; MOREIRA, A. F. O aluno pesquisador. In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 15, 2010, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. p. 1-8.

NORMAN; F. F. et al. Neglected Tropical Diseases outside the Tropics. **PLoS Neglected Tropical Disease**, v. 4, n. 7, p. e762, 2010.

OLIVEIRA, L. M. S.; SILVA, O. G.; FERREIRA, U. V. S. Desenvolvendo jogos didáticos para o ensino de Química. **HOLOS**, v. 5, p. 166-175, 2010.

ORTEGA, C. D. et al. Helminthic Diseases in the Abdomen: An Epidemiologic and Radiologic. **RadioGraphics**, v. 30, p. 253-267, 2010.

PÉREZ-MOLINA, J. A. et al. Tratamiento de lãs enfermedades causadas por parasitos. **Enfermedades Infecciosas y Microbiología Clínica**, v. 28, p. 44-59, 2010.

SILVA, D. M. C.; GRILLO, M. A utilização dos jogos educativos como instrumento de educação ambiental. **Contrapontos**, v. 8, n. 2, p. 229-238, 2008.

SOUZA, H. Y. S.; SILVA, C. K. O. Dados orgânicos: um jogo didático no ensino de Química. **HOLOS**, v. 3, p. 107-121, 2012.

SILVA, L. A. S.; FARIA, J. C. N. M. "Quis" da membrana plasmática – construção e avaliação de material didático interativo. **Enciclopédia Biosfera**, v. 8, n. 15, p. 2204-2218, 2012.

SILVA, N. R. et al. Soil-transmitted helminth infectious: updating the global picture. **Trends in Parasitology**, v. 19, n. 12, p. 547-551, 2003.

UCHÔA, C. M.; ABULQUERQUE, M. C.; CARVALHO, F. M. Parasitismo intestinal em crianças e funcionários de creches comunitárias na cidade de Niterói-RJ, Brasil. **Revista de Patologia Tropical**, v. 8, n. 4, p. 267-278, 2009.

Artigo recebido em:  
12/02/2015

Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FERRAMENTA GERADORA DE ENSINO-APRENDIZAGEM E PRODUTORA DE PESQUISA

## UNIVERSITY EXTENSION AS A TOOL GENERATING TEACHING – LEARNING EXPERIENCES AND PRODUCING RESEARCH

*MOIMAZ, Suzely Adas Saliba<sup>1</sup>*

*GOMES, Adrielle Mendes de Paula<sup>2</sup>*

*BORDIN, Danielle<sup>3</sup>*

*GARBIN, Cléa Adas Saliba<sup>4</sup>*

*SALIBA, Nemre Adas<sup>5</sup>*

UNESP - SP

### RESUMO

Propõe-se apresentar a experiência de um programa de extensão universitária que desenvolve ações de promoção e manutenção da saúde bucal a gestantes. Realizou-se análise descritiva e documental do banco de dados e de relatórios no interstício 1999 a 2014. Foram elencadas as ações realizadas, os resultados e os benefícios alcançados, referentes aos aspectos comunitário, científico e educacional. As ações educativo-preventivas beneficiaram 2.820 gestantes e as curativas 970. Foram capacitados 1.100 graduandos e 25 pós-graduandos para a atenção à saúde do binômio mãe e filho, e gerado conhecimentos por meio de pesquisas científicas publicadas (n=27) e elaboração de materiais didático-pedagógicos. O programa possibilitou o acesso de gestantes aos serviços odontológicos, a qualificação de recursos humanos e geração de conhecimento teórico-prático baseado em metodologia de ensino de aprendizagem inovadora.

**PALAVRAS-CHAVE** - Educação em Saúde; Gestantes; Saúde Bucal.

### ABSTRACT

This study aims to present the experience of a university extension program that develops actions to the promotion and maintenance of pregnant women's oral health. Descriptive and documentary analysis of the database and reports from 1999 to 2014 was used. The actions carried out, the results and benefits achieved with respect to the community, scientific and educational aspects were listed. The educational and preventive actions benefited 2820 pregnant women and the curative ones 970. The program trained 1100 undergraduates and 25 post-graduation students to provide comprehensive health care to both mother and child, and generated knowledge through published scientific research (n = 27) and development of teaching-learning materials. The program enabled the access of pregnant women to dental services, the qualification of human resources and generation of theoretical and practical knowledge based on innovative learning teaching methodology.

**KEY-WORDS** - Health Education; Pregnant Women; Oral Health.

1 Professora da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. Doutora em Odontologia Preventiva e Social pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. E-mail: [sasaliba@foa.unesp.br](mailto:sasaliba@foa.unesp.br)

2 Aluna do curso de Doutorado em Odontologia Preventiva e Social da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. E-mail: [adrielle\\_mendes@hotmail.com](mailto:adrielle_mendes@hotmail.com)

3 Professora da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. Aluna do curso de Doutorado em Odontologia Preventiva e Social da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. E-mail: [daniellebordin@hotmail.com](mailto:daniellebordin@hotmail.com)

4 Professora da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. Doutora em Odontologia Legal e Deontologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. E-mail: [cgarbin@foa.unesp](mailto:cgarbin@foa.unesp)

5 Professora da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), Brasil. Doutora em Odontologia Preventiva e Social pela Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho (UNESP), Brasil. E-mail: [nemre@foa.unesp.br](mailto:nemre@foa.unesp.br)

## INTRODUÇÃO

A condição de saúde do binômio mãe e filho é uma das vertentes em destaque no cenário mundial. Em reunião realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2000, 189 países firmaram um compromisso para combater a extrema pobreza e outros males da sociedade para tornar o mundo mais solidário e justo, conhecido como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) (OMS, 2015). Dentre estes objetivos, encontra-se a melhoria da saúde das gestantes, visando reduzir 75%, até 2015, a taxa de mortalidade materna (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2000).

Segundo o último relatório ODM, de 1990 a 2011, o Brasil reduziu em 55% a taxa de mortalidade materna, passando de 141 para 64 óbitos por 100 mil nascidos vivos (BRASIL, 2014). Vale ressaltar que, apesar dos grandes desafios para alcançar a redução da taxa, o desempenho do Brasil foi melhor que a média de países em desenvolvimento e da América Latina (BRASIL, 2014).

Com objetivos semelhantes aos ODM, em 2006, no “Pacto pela Saúde”, o Brasil estabeleceu a saúde materno-infantil como prioridade, na tentativa de promover atenção integral à saúde da mulher e da criança e de organizar a Rede de Atenção à Saúde Materna e Infantil para garantir acesso, acolhimento e resolutividade com ênfase nas áreas e populações de maior vulnerabilidade (BRASIL, 2006). Em 2012, o Ministério da Saúde estabeleceu como metas para o interstício 2013-2015 a redução da mortalidade infantil e materna, o aumento do percentual de parto normal e de investigação dos casos de mortalidade materna e da mulher em período fértil (BRASIL, 2013).

Uma medida essencial à redução da morbimortalidade e da promoção do bem-estar do binômio mãe e filho é a oferta de pré-natal adequado (GOMES; CÉSAR, 2013). Por esta razão, as atuais políticas públicas de saúde preconizam, além do pré-natal médico, o acompanhamento odontológico, com vistas à identificação de riscos à saúde bucal, à realização de tratamento curativo e à prática de ações de educação e promoção em saúde bucal (BRASIL, 2004).

No entanto, ainda hoje, o Brasil apresenta algumas dificuldades em relação ao acesso desta parcela da população à atenção odontológica, tanto na esfera particular como pública (REIS et al., 2010), por causas diversas, incluindo a falta de infraestrutura na rede pública e a insegurança dos profissionais em prestar atendimento a esta clientela, sob a alegação de serem desprovidos de fundamentação científica (MOIMAZ et al., 2009).

Diante das questões apresentadas, a Faculdade de Odontologia de Araçatuba – Universidade Estadual Paulista – FOA/UNESP desenvolve, desde 1999, o “Programa de Atenção Odontológica à Gestante”, com a finalidade de promover qualidade de vida às gestantes, realizando ações de promoção, recuperação e manutenção da saúde. Além disso, o programa objetiva impulsionar a capacitação de todos os envolvidos (graduandos, pós-graduandos, professores) para uma atuação mais adequada junto a esta população, e promover ações voltadas ao ensino e à pesquisa, fomentando a formação integral do aluno e a disseminação do conhecimento aos profissionais da saúde da rede de atenção municipal (agentes comunitários de saúde, enfermeiros, técnicos em enfermagem, cirurgião-dentista e equipe auxiliar e médicos).

Este trabalho propõe apresentar a experiência de 15 anos do referido programa de extensão universitária, elencando as ações realizadas, os resultados e os benefícios alcançados, no que tange aos aspectos comunitário, científico e educacional.

## MÉTODOS

Realizou-se uma análise descritiva referente às ações realizadas pelo “Programa de Atenção Odontológica à Gestante”. Os dados analisados, no período entre 1999 e 2014, foram obtidos do arquivo documental de relatórios anuais, artigos científicos e, também, do banco de dados da clínica de gestantes da FOA/UNESP.

O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa de odontologia de Araçatuba-UNESP (Processo n.2002/01566) e se enquadra na modalidade de pesquisa de risco mínimo, tendo sido respeitada a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e suas resoluções complementares relativas à pesquisa com seres humanos.

### *O “Programa de atenção odontológica à gestante”*

A equipe do programa é composta por docentes, doutorandos, mestrandos, acadêmicos e servidores técnico-administrativos, todos vinculados à saúde coletiva da FOA/UNESP.

As ações de caráter educativo, preventivo e curativo em saúde bucal são desenvolvidas semanalmente e se destinam às gestantes matriculadas no programa de pré-natal das unidades básicas de saúde (UBS), unidades de saúde da família (USF) e ambulatório médico de especialidades (AME), pertencentes ao município de Araçatuba – São Paulo (SP).

Para melhor integrar as ações do programa ao serviço público de saúde, estabeleceu-se que o ingresso da gestante dar-se-ia por meio dessas unidades, que são consideradas a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) (STARFIELD, 2002). Nesses locais, as gestantes são orientadas pelos extensionistas quanto à importância do pré-natal odontológico e encaminhadas à FOA para participarem das ações do programa.

O processo de atenção odontológica prestado às gestantes é realizado através de diversas atividades (Figura 1). A primeira etapa configura-se na participação das gestantes em reuniões didático-pedagógicas, a fim de serem orientadas sobre temas de interesse relatados ou de necessidades apresentadas, e motivá-las a seguir por todas as etapas subsequentes. Nas reuniões, são abordados assuntos relacionados a mitos e tabus que envolvem o atendimento odontológico à gestante; saúde bucal do binômio mãe e filho; prevenção de doenças bucais e autocuidado e importância da prática do aleitamento materno e da dieta alimentar.

Na sequência, as gestantes são submetidas às atividades educativas para melhoria das condições de saúde bucal, como escovação supervisionada, controle de placa dental, instrução de higiene bucal e dieta nutricional. Além das atividades educativas, são realizadas intervenções clínicas, como: escavações de lesões de cárie e colocação de material restaurador, profilaxia profissional, exodontias, tratamento periodontal e remineralização de manchas brancas. O atendimento clínico é oferecido pelos alunos que estão cursando o 5º ano de graduação, através de integração com a disciplina de Saúde Coletiva II.

Para que a gestante receba alta e seu tratamento seja considerado concluído, ela é encaminhada para participar de uma última reunião, com o objetivo de se reforçar as orientações prestadas ao longo do tratamento, o autocuidado e motivá-la para a manutenção de sua saúde e de todos que compõem seu círculo familiar.



Figura 1. Fluxograma de Atendimento do "Programa de atenção odontológica à gestante".

O grupo de extensão atua também como agente ativo em reuniões mensais do cronograma próprio das unidades de saúde e em visitas domiciliares, integrando-se às equipes multidisciplinares, formadas por médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e cirurgiões-dentistas, das unidades municipais de Araçatuba.

Paralelamente a essas atividades, são desenvolvidas reuniões de planejamento das estratégias de ações, oficinas e palestras de capacitação, almejando prover à equipe uma formação em saúde materno-infantil, baseada na melhor evidência científica disponível, com ênfase no campo da saúde bucal. Os temas discutidos são: a humanização, o acolhimento, o desenvolvimento e a habilidade de práticas educativas e preventivas, a abordagem sobre as doenças bucais mais prevalentes, as alterações fisiológicas, a dieta alimentar, os mitos e tabus durante a gravidez, o desenvolvimento de pesquisa na área, entre outros.

Essa última fase mostra-se essencial à qualificação do processo de formação acadêmica, visto que capacita o extensionista a responder de maneira adequada às barreiras e aos questionamentos que surgem ao longo de seu trabalho de campo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relata-se aqui a experiência e os resultados alcançados em 15 anos do programa universitário voltado à atenção odontológica a gestantes (Figura 2). Os resultados expostos estão divididos em três campos de atuação: o comunitário, descrito em “*A saúde da gestante*”, o educativo, em “*Compromisso com a formação profissional*”, e o científico, em “*Pesquisa e desenvolvimento de produto*”.

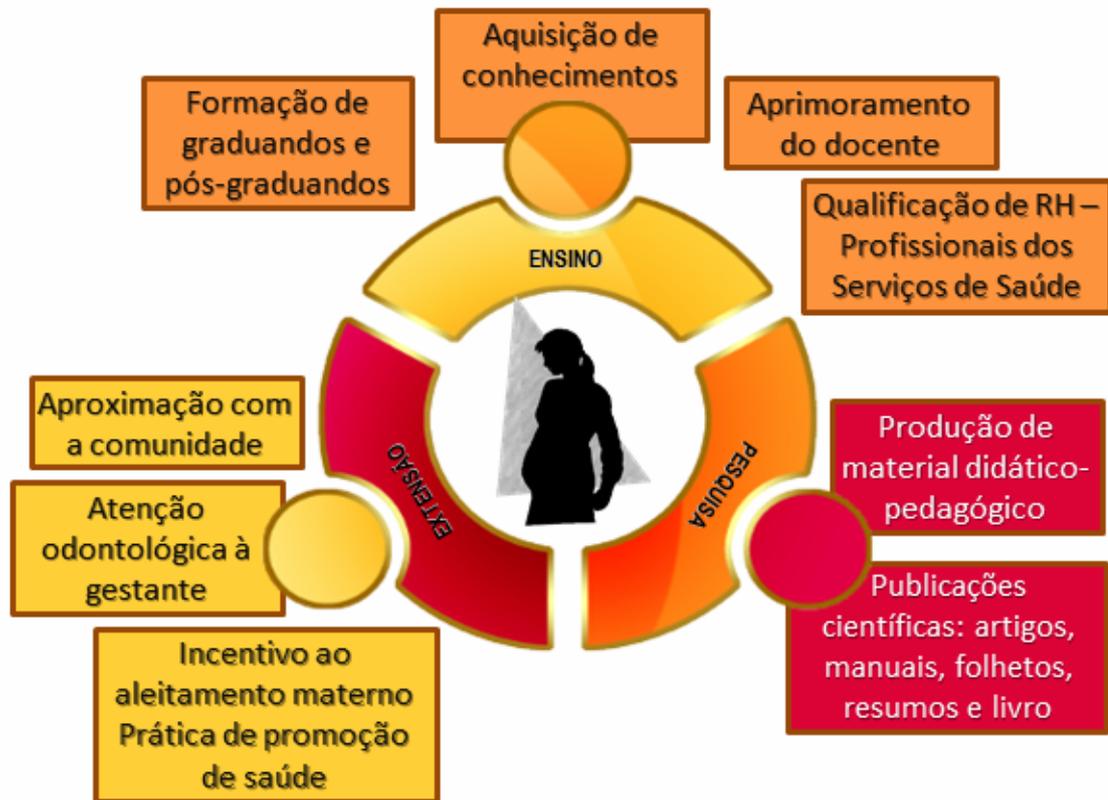


Figura 2. Esquema representativo dos principais resultados do programa de atenção odontológica à gestante.

## A SAÚDE DA GESTANTE

A gestação é um momento importante na vida da mulher, constituindo uma fase de especial atenção para educação em saúde. Neste período, a mulher se torna mais receptiva às mudanças e ao processamento de informações, visto que está ávida a proporcionar o máximo de bem-estar a si mesma e, por consequência, ao futuro filho (COSTA et al., 1998; MOIMAZ et al., 2009; MASSONI et al., 2009).

A mulher tem o importante papel de transmitir e multiplicar informações e ações que possam levar ao bem-estar e à melhoria da qualidade de vida de todos da família (COSTA et al., 1998; MOIMAZ et al., 2009; MASSONI et al., 2009). É fundamental a existência de programas de caráter educativo e preventivo que motivem as mães a cuidar de sua saúde bucal, para que, assim, possam introduzir bons hábitos desde o início da vida de suas crianças (COSTA et al., 1998; REIS et al., 2010; MOIMAZ et al., 2011).

Massoni e colaboradores (2009) realizaram uma pesquisa para avaliar o conhecimento das gestantes em relação à saúde bucal, e concluíram que este conhecimento existe,

porém é limitado, refletindo, assim, a necessidade de se elaborar programas educativos que contribuam para melhores práticas voltadas à saúde bucal das futuras mães e de seus filhos.

Para intensificar o entendimento das gestantes, é importante que se busque, durante estas ações, desenvolver meios de comunicação em linguagens diversas, para conseguir atrair a participação, o resgate da espontaneidade e a interação, a fim de transformar as informações em dispositivos efetivos para o movimento de construção, reflexão e criação de melhorias na qualidade de vida da população (SILVA et al., 2011; FADEL et al., 2013).

Segundo Moimaz et al. (2011), ações como desmistificar crenças e preocupações sobre a gravidez e o tratamento odontológico, conscientizar-se a respeito dos problemas bucais, orientar-se sobre a importância do controle da placa, do uso de flúor, bem como cuidados com o futuro bebê, devem estar inclusas no pré-natal odontológico.

Baseando-se nesta premissa, em seus 15 anos de desenvolvimento, o programa promoveu o empoderamento e a autonomia sobre saúde materno-infantil a aproximadamente 2.820 gestantes, em especial através de reuniões didático-pedagógicas, educação em saúde bucal e orientações quanto à prática do aleitamento materno.

Outra vertente importante do programa, que contempla a atenção integral à gestante, refere-se ao acompanhamento odontológico no pré-natal, essencial para identificação de riscos à saúde bucal e a necessidade do tratamento curativo (REIS et al., 2010).

Nesta fase, a paciente encontra-se em uma situação especial e requer cuidados redobrados em relação à higiene e às doenças bucais, pois ocorrem alterações fisiológicas que podem favorecer o seu aparecimento, como a cárie e a doença periodontal, relacionadas principalmente à negligência na higienização, alterações na dieta, à ocorrência de náuseas e vômitos, que favorecem a ocorrência de hiperacidez do meio bucal (REIS et al., 2010; MOIMAZ et al., 2011).

O descuido com a saúde bucal pode desencadear um processo inflamatório e infeccioso, representando riscos potenciais obstétricos, tais como o aborto espontâneo e prematuridade (ÁVILA et al., 2011).

É essencial que, no pré-natal, o atendimento odontológico seja uma rotina. Nesse sentido, na clínica de gestantes do programa, as pacientes recebem atendimento em todos os níveis de atenção à saúde bucal: educativo, preventivo e curativo. São realizadas atividades de escovação supervisionada, controle de placa dental, instrução de higiene e práticas de aleitamento materno, dieta alimentar e adequação do meio bucal. No total, 970 gestantes já receberam atendimento clínico odontológico.

## COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A vertente extensionista proposta pelo programa propicia a vivência de situações externas ao ambiente da universidade, a partir da interação com a população assistida, pertencente a diferentes realidades sociais, econômicas, culturais e de saúde, e já oportunizou o aprendizado contextualizado, dinâmico e desafiador a mais de 200 extensionistas (bolsistas financiados pela PROEX - Pró-Reitoria de Extensão da Unesp e voluntários), desde 1999.

Configura-se como um espaço potencializador de conhecimento, por meio da diversificação de cenários e metodologias de aprendizagem, que favorece a efetiva interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão (MOIMAZ et al., 2010).

Deste modo, este universo é capaz de propiciar ao aluno uma formação profissional mais generalista, crítica e sensível, tornando-o apto a entender, preocupar-se e buscar

soluções para os anseios da comunidade assistida (MOIMAZ et al., 2006, 2010).

O estudo realizado por Moimaz et al. (2006) avaliou a importância de um programa extensionista junto aos alunos e demonstrou que as ações realizadas visam contribuir para o desenvolvimento das aptidões individuais, a capacidade de trabalhar em equipe, a inserção do aluno na comunidade e o estudo de temas relevantes sobre o universo de gestantes, indo ao encontro do estudo de Lanzieri et al. (2011), ao demonstrar que a extensão universitária é capaz de promover maior convivência, troca de conhecimentos e respeito ao saber alheio.

Outro aspecto positivo configura-se na participação do aluno dentro dos serviços públicos de saúde, propiciando sua aproximação à realidade dos serviços de saúde nacionais, nos quais futuramente o graduando poderá vir a trabalhar (MOIMAZ et al., 2006).

Em relação à vertente de atenção odontológica, o programa merece destaque especial, pois ainda hoje, a assistência odontológica durante o período gestacional é um assunto considerado muito controverso em função dos mitos existentes em relação ao tratamento por parte das pacientes e por parte dos cirurgiões-dentistas, que não se sentem seguros em atendê-las (COSTA et al., 2002; MOIMAZ et al., 2009, 2011).

Esses entraves existentes em relação ao atendimento por parte do profissional são decorrentes do baixo número de faculdades de Odontologia brasileiras que oferecem oportunidade de formação técnico-científica e prestação de serviço às gestantes durante o curso de graduação e, principalmente, da criação de lacunas no ensino e na formação de muitos profissionais, pela falta de abordagem multiprofissional e transdisciplinar dos conteúdos (MOIMAZ et al., 2004).

Dessa forma, o referido programa desempenha o papel de desmistificar tabus e fomentar o conhecimento sobre o assunto, a fim de evitar a existência dessas lacunas. Assim, é de importância ímpar na formação do cirurgião-dentista, uma vez que, ao atuar na área, os alunos tornam-se capacitados a atender gestantes, bem como podem sanar dúvidas em relação ao atendimento odontológico e responder às demais curiosidades que as mesmas possam ter em relação a sua saúde (MOIMAZ et al., 2011).

Desde sua implementação, aproximadamente 1.100 graduandos e 25 pós-graduandos foram formados técnico e cientificamente para oferecer atenção em saúde bucal as gestantes. Os alunos foram capacitados sobre a abordagem de aspectos preventivos e motivacionais em saúde bucal, cuidados durante a gestação, dieta alimentar, incentivo a práticas de aleitamento; alterações fisiológicas comuns a esse ciclo de vida; prescrição medicamentosa adequada; uso de anestésicos; realização de tomadas radiográficas; posicionamento da paciente na cadeira odontológica durante o tratamento, entre outros temas importantes para o desenvolvimento de habilidades técnicas e do relacionamento interpessoal (MOIMAZ et al., 2009).

## **PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS**

As estratégias de ensino vinculadas à tríade ensino, pesquisa e extensão possibilitam a geração de novos conhecimentos, por meio de pesquisas desenvolvidas, do aprimoramento técnico-científico da equipe participante e do fortalecimento do vínculo entre os três eixos norteadores da tríade. Os resultados das pesquisas são passíveis de aplicação, aprimorando o ensino odontológico na graduação e na pós-graduação.

No cenário do Programa, desde seu início, houve a publicação de 27 artigos em periódicos nacionais e internacionais (Quadro 1); a apresentação de 90 trabalhos em eventos nacionais; a confecção de 01 livro (“Odontologia para Gestante: Guia para o profissional da saúde”) (Figura 3. A); a realização de 7 dissertações e teses, de 3 trabalhos de conclusão de curso e, ainda, de 7 iniciações científicas.

### Quadro 1 – Artigos completos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Título do artigo	Tipo de estudo	Ano da publicação
Risk factors in the mother-child relationship that predispose to the development of early childhood caries.	Longitudinal, uantitativo	2014
Desmame Precoce: Falta de Conhecimento ou de Acompanhamento?	Longitudinal, Quantitativo	2013
Amamantamiento y hábitos de succión no nutritivos: un estudio de cohorte.	Longitudinal, Quantitativo	2013
Álcool, fumo e problemas periodontais em gestantes atendidas no sistema público de saúde.	Transversal, Quantitativo	2012
O aleitamento materno e sua relação com a prevenção das oclusopatias.	Transversal, Quantitativo	2012
Resultados de dez anos do Programa de Atenção Odontológica à gestantes.	Documental, Quantitativo	2011
Relação entre aleitamento materno e hábitos de sucção não nutritivos.	Transversal, Quantitativo	2011
Doença Periodontal, Diabetes Mellitus e hipertensão em gestantes usuárias do sistema único de saúde (SUS).	Longitudinal, Quantitativo	2011
Saúde coletiva: Promoção de saúde bucal na gravidez.	Transversal, Quantitativo	2011
Prevalência de cárie dentária em gestantes atendidas no sistema único de saúde em município paulista.	Transversal, Quantitativo	2011
O ato de amamentar: um estudo qualitativo.	Transversal, Qualitativo	2010
Associação entre condição periodontal em gestantes e variáveis maternas e de assistência à saúde.	Transversal, Quantitativo	2010
Análise da dieta e condição de saúde bucal em pacientes gestantes.	Transversal, Quantitativo	2010
Periodontite materna e nascimento de bebês pré-termo ou baixo peso - Existe associação?	Transversal, Quantitativo	2009
A ótica do usuário na avaliação da qualidade do Programa de Atenção Odontológica à Gestante.	Transversal, Quantitativo	2009
Association between breast-feeding practices and sucking habits: A cross-sectional study of children in their first year of life.	Transversal, Quantitativo	2008
Frequência e variáveis associadas ao aleitamento materno em crianças com até 12 meses de idade no município de Araçatuba, São Paulo, Brasil.	Transversal, Quantitativo	2008
Relação materno-infantil: uma abordagem interdisciplinar e seus desdobramentos para a odontologia.	Revisão de literatura	2008
O acesso de gestantes ao tratamento odontológico.	Transversal, Quanti-qualitativo	2007
Avaliação da percepção de acadêmicos de odontologia sobre a participação no Programa de atenção odontologia à gestantes da FOA-UNESP.	Transversal, Quanti-qualitativo	2006
Odontologia para gestante: Avaliação do conhecimento de acadêmicos da Faculdade de odontologia de Araçatuba-UNESP.	Transversal, Quantitativo	2006
Analysis of fluoride concentration in mother's milk substitutes.	Transversal, Quantitativo	2006
Condição periodontal durante a gestação em um grupo de mulheres brasileiras.	Transversal, Quantitativo	2006
Periodontite materna e parto prematuro: aspectos biológicos, epidemiológicos e preventivos.	Revisão de literatura	2005
A percepção de gestantes em relação à assistência Odontológica.	Transversal, Quantitativo	2005
O leite como fonte de Flúor.	Revisão de literatura	2004
Atenção odontológica à gestante na concepção médico-dentista-paciente: representações sociais dessa interação	Transversal, quanti-qualitativo	2002

Foram desenvolvidos trabalhos longitudinais, transversais, quantitativos, qualitativos, revisões, relatos de experiência, abordando os mais diversos temas em relação ao binômio mãe e filho, tais como: aleitamento materno e hábitos bucais deletérios; avaliação de inquéritos alimentares; gestação e doença periodontal; diabetes, hipertensão arterial e doença periodontal em gestantes; promoção de saúde bucal; prevalência de cárie em gestantes atendidas na rede pública de saúde; amamentação; sistema de informação Pré-natal; relação da periodontite materna com nascimento de crianças prematuras e de baixo peso; acesso de gestantes ao tratamento odontológico; análise crítica do programa; avaliação do conhecimento de estudante em relação ao atendimento à grávida; percepção das gestantes em relação ao atendimento odontológico; leite materno como fonte de flúor; uso de chupeta, e dieta alimentar (Quadro 1).

No que tange à produção no aspecto comunitário, a ação universitária formulou instrumentos com características específicas para a população assistida, visando propiciar uma comunicação mais efetiva, produtiva e prazerosa, no âmbito da Odontologia. Dentre eles, estão:

- Exposição em *power point*, com linguagem clara e objetiva, abrangendo a etiologia e a prevenção de doenças, os mitos e tabus durante a gravidez, e práticas e incentivo ao aleitamento materno. Material bastante atrativo, repleto de imagens, utilizado nas práticas didático-pedagógicas em grupo (Figura 3. B);
- Álbuns seriados e *folders* alusivos aos cuidados relativos à saúde bucal da mãe e do bebê; etiologia e prevenção das doenças bucais (cárie, doença gengival, halitose, câncer bucal); alterações fisiológicas durante a gravidez, cuidados relativos a uma alimentação saudável e aleitamento materno. Ricos em imagens e com textos curtos, de fácil compreensão, esses materiais auxiliam nas atividades educativas individuais realizadas nas UBS, AME e clínica odontológica (Figura 3. C, D);
- Cartazes para divulgação do Projeto e das reuniões didático-pedagógicas, fixados nas UBS e AME.

Também foram elaborados protocolos de atendimento à gestante, fichas clínicas e outros instrumentos de coleta de dados.

Confeccionar e utilizar essa ampla variedade de recursos pode enriquecer o processo educacional, uma vez que permite, dentre outros aspectos, maior flexibilidade, criatividade e troca de saberes. Contudo, eles devem ser culturalmente apropriados, com informações atuais e conteúdo compatível à capacidade de compreensão dos indivíduos (BORDIN et al., 2012).



Figura 3. A) Livro "Odontologia para Gestante: Guia para o profissional da saúde"; B) Reunião didático-pedagógica sobre mitos e tabus durante a gravidez, utilizando recurso de power point e placas elucidativas; C) Álbuns seriados sobre saúde bucal do binômio mãe e filho; D) Folders sobre a saúde bucal da mãe e do bebê.

## CONCLUSÃO

Ao longo de seus 15 anos, o Programa de Atenção Odontológica à Gestante tem se mostrado de extrema relevância social, uma vez que possibilitou o acesso de gestantes aos serviços odontológicos, a geração de conhecimento teórico-prático, baseado em metodologia de ensino de aprendizagem inovadora, e a qualificação de recursos humanos, ampliando a parcela de indivíduos com conhecimento mais denso para realizar um atendimento humanizado e adequado às gestantes.

Ademais, a interação comunidade, universidade e serviços de saúde e o desenvolvimento de ações desenvolvidas em diversos cenários contribuíram para a formação de profissionais mais críticos, sensíveis, generalistas e comprometidos com a saúde bucal coletiva.

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, W. S. et al. Doença periodontal em portadores de valvopatia durante a gravidez – estudo clínico e microbiológico. **Arq. Bras. Cardiol.**, v.96, n.4, p.171-178, 2011.
- BORDIN, D.; BORDIN, R.; FADEL, C. B. Projeto de extensão 'Nós na Rede': a odontologia à luz da promoção da saúde. **Rev. Conexao UEPG**, v. 8, n. 1, p. 86-93, 2012.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Objetivos de desenvolvimento do milênio**: relatório nacional de acompanhamento. Brasília: Ipea, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 399, de 22 de fevereiro de 2006. Divulga o Pacto pela Saúde 2006 – Consolidação do SUS e aprova as Diretrizes Operacionais do Referido Pacto. **Diário Oficial União**, 23 fev. 2006. Seção 1, p. 43-51.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica Coordenação Nacional de Saúde Bucal **Diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. **Caderno de diretrizes, objetivos, metas e indicadores: 2013–2015**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- COSTA, I. C. C. et al. A gestante como agente multiplicador de saúde. **RPG Rev. Pos-Grad.** v. 5, n. 2, p.87-92, 1998.
- COSTA; I. C. C.; SALIBA, O.; MOREIRA, A. S. P. Atenção odontológica à gestante na concepção médico-dentista-paciente: representações sociais dessa interação. **RPG Rev. Pos-Grad.** v. 9, n. 3, p. 232-243, 2002.
- FADEL, C. B.; BORDIN, D.; LANGOSKI, J. E. A educação como prática viabilizadora da saúde bucal. **J. Health Sci. Inst.** v.31, n.2, p.136-140, 2013.
- GOMES, R. M. T.; CÉSAR, J. A. Perfil epidemiológico de gestantes e qualidade do pré-natal em unidade básica de saúde em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade**, v. 8, n. 27, p. 80-89, 2013.
- LANZIERI, P. G. et al. "Boa noite, bom dia HUAPI!", uma experiência de humanização na formação de profissionais da área de saúde. **Interface Comun. Saúde Educ.**, v.15, n.36, p.289-297, 2011.
- MASSONI, A. C. L. T. et al. Conhecimento de gestantes sobre a saúde bucal dos bebês. **Rev. Bras. Cienc. Saúde**, v. 13, n. 1, p. 39-45, 2009.
- MOIMAZ, S. A. S. et al. Avaliação da percepção de acadêmicos de odontologia sobre a participação no Programa de Atenção Odontológica à Gestante da FOA/UNESP. **Rev. Cienc. Ext.**, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2006.
- MOIMAZ, S. A. S. et al. **Odontologia para a gestante: guia para o profissional da saúde**. Araçatuba: Gráfica Moço, 2009.
- MOIMAZ, S. A. S. et al. Percepção de acadêmicos de Odontologia sobre o envelhecimento. **Rev. Odontol. UNESP**, v. 39, n. 4, p.227-231, 2010.
- MOIMAZ, S. A. S. et al. Resultados de dez anos do Programa de Atenção Odontológica à Gestante. **Rev. Cienc. Ext.** v.7, n.1, p.42, 2011.
- MOIMAZ, S. A. S. et al. Serviço extramuro odontológico: impacto na formação profissional. **Pesqui. Bras. Odontopediatria Clin. Integ.**, v.4, n.1, p. 53-57, 2004.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de desenvolvimento do milênio**. 2000. Disponível em: <<http://www.objetivosdomilenio.org.br>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- REIS, D. M. et al. Educação em saúde como estratégia de promoção de saúde bucal em gestantes. **Cienc. Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 269-276, 2010.
- SILVA, A. C. O. et al. Promoção da saúde no trabalho das equipes de saúde da família: um relato de experiência. **Mundo Saúde**, v. 35; n.4; p.443-447, 2011.
- STARFIELD, B. **Atenção primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia**. Brasília: UNESCO: Ministério da Saúde, 2002.

Artigo recebido em:  
27/7/2014

Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# O PROJETO “NOVOS TALENTOS” NA PROMOÇÃO DE DISCUSSÕES SOBRE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PROFESSORES

## THE PROJECT “NEW TALENTS” AND DISCUSSIONS ABOUT INTERDISCIPLINARY TEACHER EDUCATION

*ARAÚJO, Rafaela Rodrigues de<sup>1</sup>*

*ALVES, Cristiane da Cunha<sup>2</sup>*

### RESUMO

O presente artigo emergiu de ações do Projeto de extensão Novos Talentos “Alfabetização Científica e Cidadania: Investindo em Novos Talentos no Pampa Gaúcho”, em que realizamos uma atividade com o intuito de promover reflexões sobre a prática interdisciplinar. Essa ação teve como objetivo compartilhar informações sobre a docência interdisciplinar e a produção de materiais para as atividades que serão realizadas com os professores da Educação Básica, ou seja, de forma a unir a formação inicial e continuada. A partir da oficina realizada, percebemos como as ações com os licenciandos poderão contribuir com as atividades planejadas no projeto para a formação continuada dos docentes atuantes nas escolas. Nesse sentido, através da Análise Textual Discursiva, revelamos que é indispensável promover espaços para discussões e reflexões sobre a prática interdisciplinar nos meios educativos. Além disso, notamos que, para a formação do professor interdisciplinar, são necessárias mudanças tanto metodológicas quanto no processo de ser e pensar interdisciplinar.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Ciências da Natureza; Formação de Professores.

### ABSTRACT

This study is based on the results of the outreach project New Talents “Scientific literacy and Citizenship: Investing in talents in the Pampa Gaúcho” in which an activity aiming at promoting reflections about interdisciplinary practices was carried out. This action aimed at sharing information about interdisciplinary teaching and the production of materials for activities that will be carried out with teachers from Basic Education, that is, aiming at linking initial education and continuing education. Based on the workshop offered to teachers, it was possible to observe how the actions developed with pre-service teachers will contribute to the actions designed in the project for the continuing education of in-service teachers. Using Discursive Textual Analysis as a framework, the study demonstrates that it is essential to offer spaces for discussions and reflections about interdisciplinary practices in educational contexts. In addition to this, the study showed that in order to have interdisciplinary teacher education, a number of changes are needed not only concerning methodology but also concerning the process of being and thinking in interdisciplinary terms.

Keywords: Interdisciplinarity; Natural Sciences; Teacher Education.

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Matemática, Estatística e Física (IMEF) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil. Aluna do Curso de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil.

E-mail: rafaelearaujo@furg.br

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Brasil.

E-mail: crisalves1917@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O movimento em busca de práticas interdisciplinares há muito tempo envolve os meios de ensino, pois desde a década de 60 existem discussões no Brasil, seja na Educação Básica à Educação Superior. No entanto, ultimamente, esse conceito se tornou mais presente nos discursos e nos documentos oficiais, e uma das causas desse acontecimento são as mudanças ocorridas no Ensino Médio brasileiro.

O Ensino Médio, nos termos da lei, de sua regulamentação e de seu encaminhamento, deixa de ser simplesmente preparatório para o Ensino Superior ou profissionalizante, para assumir necessariamente a responsabilidade de completar a Educação Básica. Em qualquer de suas modalidades, isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente, em ocasional prosseguimento dos estudos ou diretamente no mundo do trabalho (BRASIL, 2002).

Dessa forma, o conhecimento deve se tornar menos disciplinar, pois de acordo com o Artº 7 da Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012, da CNE/CEB, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

A organização curricular do Ensino Médio tem uma base nacional comum e uma parte diversificada que não devem constituir blocos distintos, mas um todo integrado, de modo a garantir tanto conhecimentos e saberes comuns necessários a todos os estudantes, quanto uma formação que considere a diversidade e as características locais e especificidades regionais. (BRASIL, 2012, p. 2).

Portanto, quatro áreas norteiam a organização do novo Ensino Médio, são elas: Ciências da Natureza e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias, Linguagem, códigos e suas tecnologias, e Matemática e suas tecnologias.

A partir dessas reformulações referentes ao Ensino Médio, as áreas de Biologia, Física e Química passaram a integrar um eixo intitulado Ciências da Natureza, o qual apresenta um currículo diferenciado, pautado na contextualização e interdisciplinaridade, provocando muitos debates e problematizações.

Com as mudanças ocorridas na Educação Básica, sejam metodológicas ou de outro cunho, emergem as Licenciaturas Interdisciplinares, as quais possuem como finalidade licenciar acadêmicos para atuar nas grandes áreas do conhecimento, ou seja, um licenciado em Ciências da Natureza está apto a ministrar aulas de Biologia, Física e Química. No entanto, alguns questionamentos surgem ao discutirmos essa questão, como por exemplo: Como formar professores interdisciplinares? Como ocorre essa prática dentro do curso de formação de professores com essas características?

Dessa forma, o curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, do qual parte esta investigação, atende à nova demanda de formação de professores que possam atuar e articular as três áreas de conhecimento: Biologia, Física e Química. Esse curso faz parte da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no Campus Dom Pedrito, e se encontra num momento de aprendizados e buscas por um ensino de qualidade para os futuros docentes. Sua missão é formar profissionais preparados para compreender a realidade social na qual se insere a escola em que atua, e que sejam dinâmicos em atuar diante das rápidas transformações da sociedade.

Além disso, a interdisciplinaridade proposta deverá estimular os alunos em sua curiosidade científica, incentivando-os à pesquisa e à reflexão ética perante a sociedade e a natureza, diante da perspectiva de aproveitamento das potencialidades locais para o desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, por se caracterizarem como novos nos meios de ensino, ou seja, por formarem na área do conhecimento, esses cursos necessitam de mais pesquisas para investigar a formação de futuros professores. Tal configuração curricular é diferenciada, pois a interdisciplinaridade não se faz presente somente como uma metodologia de ensino, mas como formação, visto que os acadêmicos licenciados deverão ter capacidade de permear as três áreas formadoras das Ciências da Natureza.

Com base em tais problematizações que estão atravessando os meios de ensino, o presente trabalho visa expor a percepção de um grupo de discentes sobre a docência interdisciplinar em Ciências da Natureza. A análise da opinião desses estudantes foi promovida a partir da oficina intitulada “Construindo em rodas de conversa a prática interdisciplinar investigativa em Ciências da Natureza”, planejada e realizada pelo

Projeto Novos Talentos, com os licenciandos do segundo semestre do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza do Campus Dom Pedrito da UNIPAMPA.

## O REPENSAR DA INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade, apesar de ser muito discutida atualmente, não é um termo recente, que começa a ser pronunciado já na antiga Grécia, e os filósofos foram os primeiros a reconhecer a importância de um conhecimento unificado, tendo desenvolvido várias cogitações da prática interdisciplinar.

No Brasil, de acordo com Fazenda (2012), a interdisciplinaridade começa a ser discutida nos anos sessenta como um modismo, uma palavra de ordem a ser explorada, usada e consumida por aqueles que se lançam sem avaliar a aventura ao novo. Após esse período, várias foram as maneiras apresentadas para colocar em prática a interdisciplinaridade; porém, percebe-se que em alguns casos o discurso se torna muito diferente da prática. Tal fato se faz presente concomitantemente, devido, muitas vezes, à formação fragmentada e disciplinar dos professores ou de quem está procurando promover uma prática interdisciplinar.

Nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Orientações Educacionais Complementares, entre outros, a interdisciplinaridade surge imbricada à contextualização, como eixos norteadores da organização curricular. Nesse sentido, emerge outro ponto dentro do ensino interdisciplinar a ser discutido: a contextualização. Para Macedo (2002), é na construção de significados que se constitui o aproveitamento e a incorporação de relações vivenciadas e valorizadas no contexto em que se originam, na trama de relações em que a realidade é tecida; em outras palavras, trata-se de uma contextualização. A contextualização como recurso didático serve para problematizar a realidade vivida pelo estudante, extraí-la do seu contexto e projetá-la para a análise, ou seja, consiste em elaborar uma representação do mundo para melhor compreendê-lo (BRASIL, 2000).

Segundo Fazenda (2003), a interdisciplinaridade é uma exigência natural e interna das ciências e busca trazer uma melhor compreensão da realidade, mas para que aconteça é necessário um diálogo entre as áreas do saber. Portanto, é a partir desta colocação que partimos da investigação sobre a formação de professores interdisciplinares nos cursos de graduação. Questionamentos são necessários ao analisarmos esse tipo de curso de formação de professores, pois se a interdisciplinaridade depende do diálogo entre áreas, como poderemos ser interdisciplinares sozinhos?

Para Janstch e Bianchetti (2011, p. 25), essa discussão é desnecessária, visto que “um grupo pode ser mais homogêneo e superficial que o indivíduo que busca recursos de várias ciências para explicar determinado processo”. Para Luck (2001), a interdisciplinaridade é o processo de integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino e do conhecimento, e que tem por finalidade a formação integral dos alunos.

Assim, é a partir dessas perspectivas que o presente trabalho procura investigar a formação de professores interdisciplinares na área de Ciências da Natureza, haja vista ser uma formação inovadora e que permitirá um sujeito transitar e ensinar mais de uma disciplina.

## O PROJETO NOVOS TALENTOS E A OFICINA

O Projeto Novos Talentos<sup>3</sup> “Alfabetização Científica e Cidadania: Investindo em Novos Talentos no Pampa Gaúcho” tem por finalidade proporcionar uma melhor formação nas áreas que envolvem as Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química), de modo que haja uma

3 O Projeto Novos Talentos é financiado pela CAPES, através da aprovação pelo edital nº 55/2012, e apresenta como objetivo apoiar propostas para realização de atividades extracurriculares para professores e alunos da Educação Básica.

formação inicial imbricada com a formação continuada, a partir da troca de experiências e vivências; além disso, instigar carreiras científicas e tecnológicas nos estudantes da Educação Básica.

As discussões da docência interdisciplinar ocorreram dentro do subprojeto intitulado “Alfabetização Científica em Ciências da Natureza na Educação Básica”, o qual promove um incentivo à alfabetização científica para os estudantes de Educação Básica e, no coletivo, a problematização de novas práticas juntamente com os professores, contribuindo na formação inicial dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da UNIPAMPA.

A partir desses fatores, percebemos a necessidade de promover espaços de discussão e formação de professores, especialmente no que tange à docência interdisciplinar e contextualizada dentro do ensino das Ciências da Natureza. Para tanto, a oficina realizada com os acadêmicos do curso apresentou como objetivo compartilhar informações sobre a formação interdisciplinar, e, dessa forma, fazer com que os alunos participantes produzissem materiais para as atividades que serão realizadas com os professores das escolas da Educação Básica no projeto Novos Talentos, ou seja, de forma a unir a formação inicial e continuada.

O projeto Novos Talentos obteve aprovação no ano de 2013 e tem permanência de dois anos; assim, o curso foi realizado em 2 encontros durante a primeira semana do mês de outubro, com carga horária de 4 horas para cada encontro, e à distância, através de fóruns e postagens de atividades realizadas até o final do mês de novembro. A carga horária total foi de 20 horas, contabilizando-se os momentos presenciais e a distância. Tivemos a participação de 20 futuros professores da área de Ciências da Natureza, sendo esses os ingressantes do referido ano, já que seria trabalhado alguns pontos que os alunos que se encontravam mais adiantados tinham visto em outros momentos e espaços.

As atividades que faziam parte da oficina “Construindo em rodas de conversa a prática interdisciplinar investigativa em Ciências da Natureza” foram compostas de ações presenciais e à distância:

- Dinâmica “Desenhando a interdisciplinaridade”: No primeiro momento, solicitamos aos participantes que desenhassem figuras que representem a interdisciplinaridade para eles. Com uma folha dobrada ao meio, pedíamos que dentro da folha (de modo que os outros não conseguissem enxergar), escrevessem a descrição da figura. Após os desenhos estarem recolhidos, distribuimos de forma aleatória aos participantes, solicitando que explicassem o que entendiam sobre o conceito de interdisciplinaridade, com o desenho do colega. Nessa dinâmica, tivemos como objetivo fazer uma análise prévia sobre como os futuros professores compreendiam o conceito e como o expressam por meio de desenhos. Destacamos que se trata de uma dinâmica que demanda tempo, pois representar um termo de múltiplas compreensões não é algo de fácil compreensão.
- Após a dinâmica, houve um momento para apresentação e discussão sobre os temas que envolvem a interdisciplinaridade, como a história da interdisciplinaridade e suas fases no Brasil, além de suas abordagens nos documentos oficiais. Para análise dos participantes, mostramos vídeos que relacionavam o conceito, de forma que se tornou um momento de repensar o conceito inicial sobre interdisciplinaridade.
- Dinâmica da equipe: Entregamos para cada um dos participantes um pirulito, e a dinâmica consistia em pegar o pirulito sem usar as suas mãos. A finalidade era que outro participante ajudasse, caracterizando o trabalho em equipe, um dos atributos principais da prática interdisciplinar.
- O término da oficina ocorreu com a entrega de um pequeno questionário, com as seguintes indagações:

- Você está inserido em um curso de Ciências da Natureza, o qual é um curso interdisciplinar. Você se percebe como um futuro interdisciplinar?
- Qual é a sua expectativa em relação à formação interdisciplinar?
- Nos encontros à distância, os quais ocorreram no ambiente virtual Moodle, relacionamos com o desenvolvimento de materiais para aplicação no curso com professores de Ciências da Natureza da Educação Básica. Nesse sentido, solicitamos que os licenciandos planejassem e desenvolvessem materiais didáticos, oficinas ou experimentos que tivessem como característica, principalmente, a interdisciplinaridade.

Dessa maneira, ao conversarmos e planejarmos atividades interdisciplinares com os licenciandos, algumas questões foram levantadas e podem ser problematizadas dentro da formação de professores, relacionando a percepção da metodologia interdisciplinar em sua formação e também para as expectativas em relação ao curso.

## METODOLOGIA DE ANÁLISE

As discussões realizadas sobre a formação interdisciplinar foram submetidas ao método da Análise Textual Discursiva (ATD), o qual tem como característica, de acordo com Moraes e Galiazzi (2006, p.118), “[...] a análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa, que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. Isso requer um trabalho intenso e bem detalhado das respostas a serem avaliadas, pois é a partir dessa visão que começaremos a abarcar os pontos em comum da fala dos sujeitos de pesquisa. O processo inicia-se com a unitarização, em que surgem as unidades de sentido. Desse modo, o momento é quando o pesquisador analisa em detalhes o material de pesquisa, a fim de atingir as unidades de sentido.

Após o processo de desconstrução, retornamos de modo a construir relações entre as unidades de sentido, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, que são, nesse caso, as categorias (MORAES, 2003).

Nesse processo, a ATD é considerada um quebra-cabeça, onde as peças são organizadas e colocadas de acordo com a pesquisa realizada e o olhar do pesquisador (MORAES; GALIAZZI, 2007). Outra maneira de representar o processo de categorização é imaginarmos uma rede que se encontra presa por vários nós, ou seja, cada categoria representa um conceito dentro de uma rede de conceitos, que pretende expressar novas compreensões. Não podemos desatar ou cortar um dos nós, pois estaríamos omitindo categorias presentes na análise. Dessa forma, as categorias representam os nós de uma rede (MORAES; GALIAZZI, 2006). Assim, cada pesquisa encontrará um significado para construção da análise, pois cada pesquisador terá um olhar único, que irá ao encontro de suas vivências e teorização.

As categorias podem se classificar em dois tipos: categorias emergentes e a priori. As categorias emergentes são indutivas, pois o pesquisador, no processo de análise, não carrega pressupostos que o envolve ou até mesmo que espera como resultados. Já as categorias a priori, ao contrário da anterior, são dedutivas. Neste trabalho, encontramos categorias emergentes, as quais caracterizam-se, de acordo com Moraes (2003, p. 198), por serem “construções teóricas que o pesquisador elabora a partir das informações do corpus”.

Nesse sentido, a partir da ATD, definimos nossa categoria final: **A formação docente interdisciplinar auxiliará na compreensão do conhecimento amplo e melhoria do ensino e aprendizagem**, como mostra o processo de análise na Figura 1.

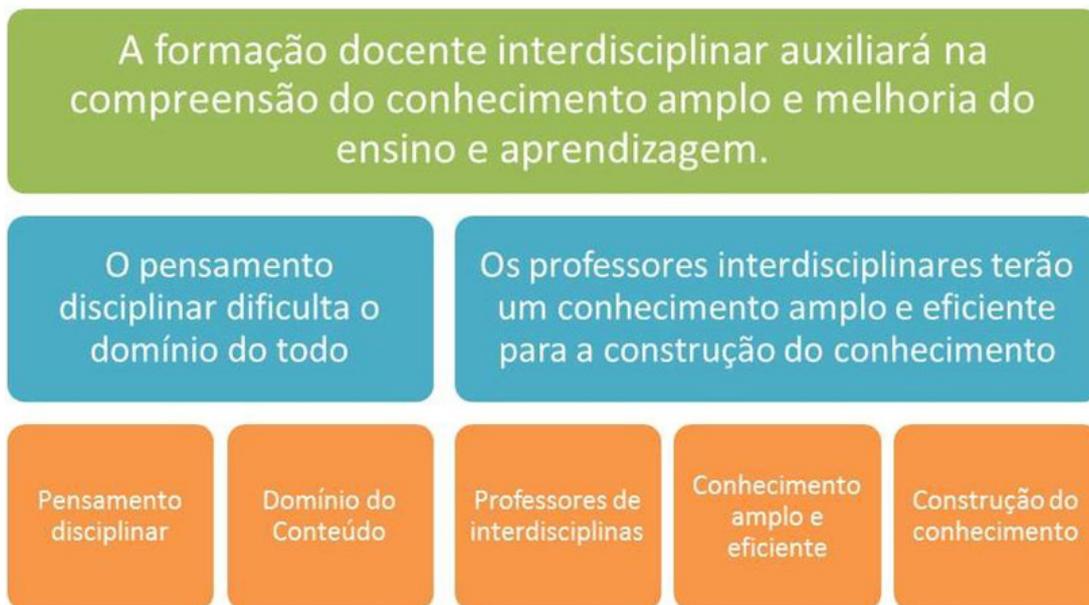


Figura 1: Unidades de Sentido e Categorias

A partir das unidades de sentido até encontrar a categoria final, percebemos que o objetivo da reestruturação do Ensino Médio e das licenciaturas interdisciplinares poderá contribuir na melhoria do ensino e aprendizagem, visto que o professor interdisciplinar terá um domínio amplo de conteúdo, assim como poderá proporcionar um ensino contextualizado.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao analisarmos as respostas obtidas da pesquisa realizada com os licenciandos do curso de Ciências da Natureza, a partir da Análise Textual Discursiva, podemos perceber a importância da metodologia interdisciplinar na mudança do ensino nos dias de hoje. Cada um dos acadêmicos participantes recebeu códigos, duas letras CN seguidas por um número, ou seja, CN 1, CN 2, e assim por diante.

Ressaltamos que, ao falar do ensino interdisciplinar, não estamos eliminando as disciplinas, mas tornando-as articuladas. Isso irá se efetivar por meio do diálogo entre as disciplinas envolvidas, o qual pode ocorrer através de processos históricos e culturais, tornando necessária uma atualização quando se referir às práticas do processo de ensino e aprendizagem.

Constatamos, na fala dos futuros professores interdisciplinares, o reconhecimento da importância da inserção da interdisciplinaridade nas práticas de ensino.

*Acredito que na educação atual não se pode construir conhecimento sem adaptar interdisciplinaridade ao conteúdo. Vivemos em uma era de alunos, sobretudo, questionadores. E, mesmo que contra a vontade do professor, o mesmo terá que em algum momento usar da interdisciplinaridade, mesmo que indiretamente. Sendo assim, o futuro da interdisciplinaridade será a adesão dessa prática ao ensino. (CN 2)*

A percepção que os licenciandos têm é de que a interdisciplinaridade pode mudar totalmente o ensino e a aprendizagem, e, nesse sentido, ela surge como uma proposta inovadora, que aos poucos está sendo inserida no âmbito escolar. Contudo, é uma forma metodológica de ensinar que precisa ser estudada, compreendida e planejada pelos que almejam desenvolver um trabalho, pois exige um entendimento das três áreas que norteiam o curso de Ciências da Natureza, ou seja, Biologia, Física e Química. Desse modo, deve haver um olhar mais amplo, além de flexibilidade de pensamento e atitudes perante o ensino interdisciplinar idealizado, ou, ainda, haver um conhecimento que abrange o todo e que seja aberto a novas perspectivas, anseios e objetivos. Segundo Fazenda (2011):

[...] o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliado através do diálogo com o conhecimento científico, tende a ser uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo. (FAZENDA, 2011, p. 17)

Assim, a formação interdisciplinar dos licenciandos tende a oferecer o domínio das três áreas norteadoras do todo para que, assim, eles possam alcançar a proposta aplicada ao curso. Temos que ter em vista que tal prática não é fácil, pois parte do conhecimento do outro, o olhar de cada sujeito e, principalmente, da atitude perante à inter-relação com esse método. Isso se torna explícito na fala dos sujeitos de pesquisa, mostrando a intenção e o entusiasmo em ser um professor interdisciplinar, pois acreditam que apesar de a metodologia ser complexa, ela poderá proporcionar aulas diferentes e criativas.

*Acho que a tendência futura tem que passar por esta formação, o professor tem que cada vez mais tornar as aulas mais criativas e interativas para despertar o aluno a aprender, o professor que tiver domínio de mais um conteúdo se tornará mais fácil. (CN 6)*

*Sabendo que estou inserido em um curso interdisciplinar, tenho a consciência que é muito mais difícil a graduação, pois não basta "dominar" uma área e sim um todo. [...] é essa a necessidade do novo modelo de educação no Brasil. Sei que não é fácil, mas tenho consciência que todos nós seremos professores de interdisciplinas. (CN 7)*

Nesse sentido, podemos observar que os cursos de Licenciaturas Interdisciplinares estão levando para o meio acadêmico novas compreensões sobre interdisciplinaridade. Os acadêmicos envolvidos contarão com uma formação diferenciada, que parte do princípio de que deve haver um diálogo entre as áreas do saber, seja através das aulas ministradas pelos docentes, seja pela busca solitária do licenciando em interligar os vários conteúdos.

No entanto, de acordo com Jantsch e Bianchetti (2011), muitas são as intenções para as discussões futuras sobre as práticas interdisciplinares, pois para ser interdisciplinar não é necessário haver uma conversa entre os pares, mas um conhecimento do todo, uma vez que não é em um trabalho de equipe ou em parceria que se superará a redução subjetivista própria da filosofia do sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E O CONTÍNUO REPENSAR

A interdisciplinaridade, por ser uma prática inovadora, muitas vezes exige dos futuros licenciandos e daqueles que querem praticá-la uma compreensão e um conhecimento mais aprofundado sobre cada área estudada. No entanto, para que possa ser alcançada, é necessário haver uma visão ampla, tendendo sempre a busca o ensino contextualizado e instigador. Como explicita Favarão et al. (2004, p. 109), "a necessidade da interdisciplinaridade impõe-se não só como forma de compreender e modificar o mundo, mas como uma exigência interna das ciências que buscam o restabelecimento da unidade perdida do saber".

Percebe-se que a interligação das disciplinas como uma metodologia interdisciplinar auxiliará na formação de alunos com visão crítica e diferenciada, que conseguirão expor suas opiniões e, com isso, construir seus próprios conceitos e pensamentos.

Outro ponto a ressaltar é a promoção de um espaço para discussões sobre a interdisciplinaridade e suas práticas, pois, ao se tornarem efetivos, esses momentos levam os licenciandos a refletirem sobre sua própria formação, fazendo com que percebam a importância da interdisciplinaridade dentro do curso e nas suas futuras práticas nas escolas da Educação Básica.

Nesse sentido, o Projeto Novos Talentos proporciona este momento como um momento de formação inicial que auxiliará futuramente na formação continuada dos professores que

estiverem participando das atividades ofertadas, as quais terão a atuação dos alunos participantes da oficina realizada. A discussão se torna importante, visto que a mudança significativa no Ensino Médio por áreas gerou um conflito externo e interno dos professores e das escolas de Educação Básica. Um questionamento se tornou emergente: como ministrar aulas que são por áreas do conhecimento, sendo que as formações foram fragmentadas? Assim, o Projeto Novos Talentos, imbricado pelas atividades realizadas por esse grupo de discentes, pretende dar continuidades nas suas ações, de forma a discutir, problematizar e esclarecer tais questões com os docentes da Educação Básica, colaborando nas suas formações.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.** Brasília: MEC, SEMTEC, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Física. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17417&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17417&Itemid=866)>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade:** Qual é seu sentido? São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade:** definição, projeto, pesquisa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Práticas interdisciplinares na escola. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade:** História, pesquisa e pesquisa. 18.ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- FAVARÃO, N. R. L. et al. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. **EDUCERE - Revista da Educação**, v. 4, n.2, p. 103-115, 2004.
- LUCK, H. **Pedagogia interdisciplinar:** fundamentos teórico-metodológicos. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JANTSCH, A.P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade:** além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MACEDO, L. Situação-problema: forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. In: PERRENOUD, P. (Org.) et al. **As competências para ensinar no século XXI:** a formação de professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: A compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M.C. **Análise Textual Discursiva.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2007.

Artigo recebido em:  
14/1/2015

Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# ARTE E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA DO TEATRO NA ESCOLA PÚBLICA

## ART AND EDUCATION: AN EXTENSION EXPERIENCE FROM THE THEATER TO THE PUBLIC SCHOOL

*CARVALHO, Herli de Sousa<sup>1</sup>*  
*ALMEIDA, Domingos Alves de<sup>2</sup>*  
*CASTRO, Mariana de Sousa<sup>3</sup>*  
*RODRIGUES, Maria dos Reis Dias<sup>4</sup>*  
*SANTOS, Francisca Kássia da Silva dos<sup>5</sup>*

### RESUMO

O presente artigo analisa as atividades do projeto de extensão “A Escola no Universo da Arte do Faz de Conta”, desenvolvidas com 22 estudantes do Ensino Médio do Centro de Ensino Urbano Rocha (CEUR), em Imperatriz (MA), no período de agosto a dezembro de 2013. O projeto é vinculado ao Grupo de Pesquisa Memórias, Diversidades e Identidades Culturais, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Trabalhou-se com aulas expositivas, exercícios lúdicos de interação, dublagem, interpretação de textos teatrais e não teatrais. Aplicou-se um questionário com três perguntas estruturadas, antes e após o projeto, para extrair a concepção dos/as estudantes sobre o teatro no contexto escolar. A fundamentação teórica e a análise são feitas a partir dos/as autores/as Berthold (2000); Boal (2000); Reverbel (1989), entre outros/as. Apona-se para o desenvolvimento e fortalecimento do potencial criativo, cognitivo, corporal e artístico dos/as estudantes, de modo que as ações do projeto proporcionaram a ampliação cultural deles/as dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Teatro; Ensino Médio; CE Urbano Rocha.

### ABSTRACT

This article analyzes the activities in the extension project “The School in the Universe of Imaginary Art”, developed with 22 high school students from the Center of Education Urbano Rocha (CEUR) in Imperatriz (MA), from September to December 2013. The Project is linked to the Research Group Memories, Diversity and Cultural Identities, of the Universidade Federal do Maranhão (UFMA). We worked with lectures, playful interaction exercises, dubbing and role-playing of theatrical and non-theatrical texts. A questionnaire with three structured questions was applied, before and after the project, to understand the students’ conception of the theater in the school context. The theoretical basis and the analysis are supported by the authors: BERTHOLD (2000); BOAL (1998); REVERBEL (1989), among others. Results revealed the development and strengthening of students’ creative, cognitive, artistic and corporal potentiality, so that the project activities provided them with cultural expansion inside and outside school.

Keywords: University Extension; Theater; Secondary School; CE Urbano Rocha.

1 Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Del Norte (UNINORTE), Paraguai. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. E-mail: herlli@hotmail.com

2 Aluno do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. E-mail: domingos.jzufma@gmail.com

3 Aluna do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. E-mail: marycastro@gmail.com

4 Pedagoga. Professora da Educação Básica no município de Açailândia, Brasil. Especialista em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. E-mail: dosreis\_maria@hotmail.com

5 Aluna do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil. E-mail: kassia.ufma@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O surgimento do teatro se confunde com o desenvolvimento da própria humanidade. A Grécia é apontada como base do pensamento ocidental e também como o país precursor dessa atividade humana. Desde os primórdios, o ser humano se relaciona com a natureza e a espiritualidade por meio de expressões artísticas em múltiplas formas (música, dança, teatro, literatura, etc.) na execução de rituais para as divindades, em celebrações festivas, exaltando a vida terrena e espiritual (BERTHOLD, 2000). Com o passar dos anos, o desenvolvimento da arte atribuiu características pedagógicas e interdisciplinares ao teatro e colaborou para a inserção das atividades artísticas teatrais na educação.

Antes de aprofundar a discussão sobre o teatro no contexto escolar, é relevante enfatizar também as dimensões da Arte em termos mais amplos, para além de suas características educacionais, destacando-a como área de conhecimento e como produção cultural da humanidade. Nesse sentido, apresenta-se a arte como produto da inquietude e necessidade humana de se expressar. Desde as pinturas nas cavernas no período pré-histórico (arte rupestre) às grandes montagens cênicas do século XXI (arte contemporânea), o ser humano continua fazendo arte.

A arte é uma das mais inquietantes e eloquentes produções do homem. Arte como técnica, lazer, processo intuitivo e criativo, genialidade, intelectualidade, comunicação, expressão, transformação são variantes do conhecimento em arte que fazem parte do nosso universo conceitual ligado à visão de mundo e à expressão da humanidade (FERRAZ; FUSARI, 1992, p. 99).

Ao longo da história, surgiram nomes expressivos no universo artístico, que trazem em suas obras registros históricos, marcas e percepções do mundo à época em que viveram: Willian Shakespeare, poeta, dramaturgo e ator inglês; Nelson Rodrigues, jornalista, escritor e conhecido como o mais influente dramaturgo do Brasil; Leonardo da Vinci, pintor italiano; Michelangelo, escultor italiano; Aleijadinho, escultor, entalhador e arquiteto brasileiro, entre outros. São mestres da cultura mundial, apreciados e respeitados até os dias atuais.

A arte é a principal marca de uma cultura, traz características e impressões do espaço e tempo em que é produzida. Segundo Silva e Silva (2009), cultura é tudo aquilo que congrega as relações e os aspectos materiais e imateriais de um povo. Os autores complementam essa definição afirmando que cultura é também:

Tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica (SILVA; SILVA, 2009, p. 85).

Embora diversas formas de produção e expressão da humanidade se caracterizem como arte, é necessário ressaltar que cada cultura apresenta suas especificidades, sua história própria, se desenvolve de forma particular, e por isso deve ser estudada antropologicamente, de forma individual (SILVA; SILVA, 2009).

Aprofundar-se nos estudos das artes possibilita o desenvolvimento das experiências humanas e o conhecimento da história por meio dos legados artísticos. Nesse sentido, a escola se converte em espaço propício para auxiliar os/as estudantes a conhecer o contexto histórico e cultural da humanidade, através da percepção que a arte permite. Eisner (2002, p. 85) explica que “a História da arte ajuda a criança a entender alguma coisa de tempo e lugar [...] nenhuma forma de arte existe em um vácuo descontextualizado”.

A arte situa a humanidade em um determinado tempo e lugar na história, estabelecendo “a relação entre homem e mundo, ou seja, sua relação cultural dentro do processo histórico” (FERREIRA, 2006, p.

7). A partir das discussões apresentadas, conclui-se que a arte possui conteúdos e técnicas de aprendizagens estruturadas e específicas a serem explorados, possibilitando o acesso dos/as estudantes à sua cultura.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN-Arte explicam que a Arte desempenha uma função tão importante quanto as demais áreas do conhecimento no processo de aprendizagem escolar. O contato com a arte abre perspectivas para que o/a estudante possa compreender a dimensão do mundo, em seus diversos aspectos, e “desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos seus colegas, pela natureza e nas diferentes culturas” (BRASIL, 1997, p. 19).

Na Grécia, em meados do século V a.C., pensadores/as e educadores/as começaram a percorrer o caminho que vincularia a arte à educação, valorizando o teatro, a música, a dança e a literatura. Essas ferramentas, com ênfase para o teatro, colaboram para o processo de aprendizagem e convergem para a construção de um pensamento crítico, além de desenvolver habilidades cognitivas, artísticas e abrir horizontes para a imaginação dos/as estudantes.

Justificando a relevância da utilização do teatro com ferramenta de aprendizagem na sala de aula, a pesquisadora de teatro Olga Reverbel (1989) afirma que o processo de formação na escola deve começar de maneira lúdica e sem qualquer ar de constrangimento para que os estudantes possam desenvolver a tendência natural de seu caráter. Reverbel ainda complementa dizendo que:

Conhecer a pedagogia da expressão (teatro) é fundamental aos professores, não só os de teatro e educação artística, mas também os de outras disciplinas, para que possam ajudar o aluno a desenvolver a difícil arte de expressar suas ideias, pensamentos, anseios e desejos (REVERBEL, 1989, p. 175).

O PCN-Arte (1997) complementa a afirmação da autora, reforçando que o/a estudante “que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático” (BRASIL, 1997, p. 19).

Atualmente, se percebe certo distanciamento com a prática pedagógica da sala de aula pela falta de contato do/a professor/a com o teatro, de formação específica, considerando que é recorrente ministrarem a disciplina de Arte, ainda que a formação seja outra, e atualização dos seus conhecimentos e práticas.

O projeto “A Escola no Universo da Arte do Faz de Conta” surge de modo a viabilizar as oportunidades e o desenvolvimento do potencial criativo e artístico dos/as estudantes com a descoberta de novos/as artistas, colaborando para a construção de novos conceitos e práticas de cidadania.

Ligado ao Grupo de Pesquisa Memórias, Diversidades e Identidades Culturais do Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, (CCSST/UFMA), o projeto objetivou incentivar o reconhecimento, a valorização e o respeito da ação artística para a diversidade cultural no Centro de Ensino Urbano Rocha e na região sul do estado, além de despertar o apreço dos/as estudantes para a prática artística teatral.

## O PAPEL PEDAGÓGICO DO TEATRO

Um dos mais respeitados estudiosos do teatro, o teatrólogo brasileiro Augusto Boal afirma que o teatro é “uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele” (BOAL, 1998, p. 11). Se as transformações sociais dependem quase que exclusivamente da educação, é sábio usar o teatro como uma ferramenta pedagógica. Aplicando-o para essa finalidade, pode e deve permear o exercício pedagógico dos/as professores/as na escola.

Nesse aspecto, ressalta-se que o teatro se constitui como uma linguagem específica a ser aprendida na escola, porque é nesse ambiente que o/a estudante tem o primeiro contato com a educação formal e acesso às atividades teatrais. Assim, faz-se necessário abordá-lo sob a perspectiva pedagógica, sendo papel da escola permitir aos estudantes o livre acesso “à literatura especializada, aos vídeos, às atividades de teatro de sua comunidade” (BRASIL, 1997, p. 84).

A professora de teatro da Universidade Nacional de Buenos Aires (Argentina) María Elsa Chapato (1998) explica que quando os alunos participam de atividades teatrais na escola estão aprendendo um conjunto de conhecimentos e desenvolvendo habilidades comuns a outros campos da arte, e algumas próprias do teatro, cujas peculiaridades se ajustam particularmente à natureza dessa linguagem artística.

No decorrer das atividades do projeto, os/as estudantes puderam aprender a ouvir, a acolher e a expressar opiniões, respeitando as diferentes manifestações artístico-culturais, estabelecendo a relação do individual com o coletivo e assim, promover a socialização. As atividades despertaram neles/as o prazer pela leitura e contribuíram, principalmente, para melhorar o aprendizado dos conteúdos de disciplinas tradicionais.

O teatro oferece, por ser uma atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção (BRASIL, 1997, p. 84).

O processo de socialização é uma característica do teatro e ajuda o/a estudante a vivenciar o companheirismo, característica comum da arte. Outro potencial explorado nos/as estudantes foi o do prazer pela leitura de textos clássicos de autores consagrados do teatro, reportagens de jornais locais e poesias.

No que se refere ao incentivo à leitura, é válido destacar o pensamento da respeitada atriz brasileira, no teatro, cinema e na televisão, Laura Cardoso, que destaca a importância da leitura diária dos clássicos para quem deseja optar pela arte.

Em entrevista ao programa ‘Provocações’ da TV Cultura, comandado pelo também ator Antonio Abujamra, Laura Cardoso enfatizou: “essa pressa de querer ser ator, de aparecer no vídeo [...] o ator esquece que ele tem obrigação de ser culto, de ir à escola, de estudar a vida inteira [...] tem que se ler muito”. As habilidades desenvolvidas pelos/as estudantes são reforçadas ainda pelas afirmações da professora e pesquisadora de cultura e educação, Wánely Felício (2009):

O teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola (FELÍCIO, 2009, p. 176).

As experiências proporcionadas aos estudantes do Centro de Ensino Urbano Rocha (CEUR), por meio do projeto, corroboram para a constatação do teatro enquanto possibilidade de aprendizagem e reafirmam sua relevância no ambiente escolar. No entanto, cabe ressaltar que a probabilidade de um trabalho pedagógico fundamentado nas técnicas teatrais ser desenvolvido na disciplina de arte, nas salas de aulas das escolas públicas, é mínima, considerando que os professores não recebem formação para tal finalidade e, por isso, deixam de trabalhar teatro com seus/suas alunos/as por falta de conhecimento na área.

O CEUR tem aproximadamente 500 estudantes, grande parte de baixa renda e sem condições de custear a participação em atividades artístico-teatrais. Embora seja a segunda maior cidade do Estado do Maranhão, Imperatriz é carente de cursos, oficinas e atividades teatrais voltadas para a comunidade. Desse modo, são raras as possibilidades de os/as estudantes ingressarem em um curso de formação em teatro no município. As únicas oportunidades são resultado de iniciativas de pesquisadores e apreciadores do teatro ou de atores e atrizes vindos/as de outras regiões para cursar uma graduação na cidade.

As escolas não dispõem de espaços adequados para trabalhar teatro e o único espaço que apresenta as condições ideais para essas práticas, o Teatro Ferreira Gullar, pertence à iniciativa privada e o acesso é caro. Além disso, o Ferreira Gullar não oferece nenhuma atividade, paga ou gratuita, relacionada com a aprendizagem da arte de encenar. Trata-se apenas de um espaço para realização de eventos.

Em 1996, foi instituída a Lei Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, 1996), com um texto inovador e atual, que buscou contemplar com maior abrangência as necessidades da educação nacional, sendo uma delas a educação artística. Instituiu-se a arte como componente curricular obrigatório na educação básica, como forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos. No entanto, a referida Lei não garantiu aos professores o direito de se atualizarem para conseguir trabalhar com êxito a arte, incluído aí o teatro. O resultado é certa apatia das escolas e, conseqüentemente, dos professores no desenvolver das atividades pedagógico-teatrais em sala de aula.

O interesse em realizar atividades de extensão no Centro de Ensino Urbano Rocha surge a partir do entendimento do papel social da universidade, que, por meio da pesquisa e do ensino, produz conhecimento e tem compromisso com uma sociedade mais justa.

A extensão universitária não é apenas uma prestação de serviços. É um caminho de diálogo com a comunidade. A partir dessa compreensão, foram planejadas as ações de extensão do projeto, ferramentas pelas quais se estabeleceu o vínculo da Instituição Superior com a escola, que o acolheu, levando a produção exercida na Academia, mas respeitando os saberes tradicionais dos estudantes e a prática pedagógica tradicional dos professores.

## PRECEITOS PARA APLICAÇÃO DO TEATRO NA ESCOLA

O teatro é considerado a quinta arte, em uma escala que vai até doze. É o mais tradicional e popular e visto, no universo artístico, como a mais nobre entre todas as artes. Para pesquisadores, diretores, atores e atrizes, o teatro é considerado a mais eficiente arte para o desempenho do ser humano no cotidiano. Boal (1998) destaca a importância da prática teatral ao afirmar que todos os seres humanos são atores.

Para o autor, o teatro é algo que existe dentro de nós. Ele dimensiona o sentido do

teatro, afirmando que “a linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial” (BOAL, 1998, p. 10). Nesse aspecto, pode ser usado estrategicamente em sala de aula, para despertar e estimular o aprendizado dos estudantes.

Considerando os benefícios dessa arte para o desempenho pessoal e profissional dos/as estudantes, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Artes destaca:

Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo (BRASIL, 1997, p. 83).

Com base nesses preceitos, buscou-se despertar as habilidades artísticas dos alunos, partindo do entendimento de que a aprendizagem do teatro vai para além do simples processo de aprender as práticas teatrais e colabora para o desempenho, tanto na escola, quanto no convívio social, além de perpassar pelo desenvolvimento cultural dos/as estudantes. O trabalho foi realizado sempre com respeito à diversidade cultural, característica comum da humanidade, que é necessária ser reforçada no Brasil.

O projeto buscou ainda trabalhar atividades lúdicas que desenvolvessem as habilidades criativas e a capacidade de compreender a realidade social em que convivem, e que facilitasse o desempenho dos alunos/as na escola e nas relações sociais. Conforme aponta Felício (2009):

A arte é libertária e o teatro é, sem dúvida, das Artes, expressão libertária por excelência. A possibilidade de “reviver” sentimentos e situações sem barreiras de tempo e espaço, de presenciar fatos de verdade ocorridos ou apenas existentes no imaginário do autor, possibilita resgate do indivíduo e da sociedade (FELÍCIO apud NAZARETH, 2009, p. 172).

Nesse sentido, entende-se os benefícios reais do teatro, meio pelo qual é possível transformar a timidez, que atinge quase a totalidade dos estudantes, em atitudes transformadoras. O despertar da criatividade, através do teatro, favorece nas crianças, jovens e adultos possibilidades de descobertas, ideias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, além de construir um imaginário positivo buscado na realidade.

O teatro foi levado à escola, por meio do projeto de extensão, como arte externa ao espaço pedagógico de compartilhamento de aprendizagens. Buscou-se trabalhá-lo como arte que incentiva a promoção de cidadania, apresentando-o também com um instrumento de formação de possíveis artistas e cidadãos entendedores das relações sociais para uma cultura de promoção de valores.

## CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL, RECURSOS E METODOLOGIA

O Centro de Ensino Urbano Rocha é uma escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Imperatriz (MA). Para se desenvolver as atividades do projeto com os/as estudantes, a direção da escola disponibilizou uma sala de aula comum utilizada para aulas cotidianas.

O espaço não oferecia estrutura mínima adequada para se realizar as oficinas

de teatro; portanto, foi necessário adequar o ambiente, a fim de atender as demandas das ações, como a retirada das carteiras, o que deixou o espaço amplo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN-Arte explicam o papel da escola no processo do fazer artístico teatral:

Compete à escola oferecer um espaço para a realização dessa atividade, um espaço mais livre e mais flexível para que a criança possa ordenar-se de acordo com a sua criação. Deve-se ainda oferecer material básico, embora os alunos geralmente se empenhem em pesquisar e coletar materiais adequados para as suas encenações (BRASIL, 1997, p. 85).

Dentro da escola, o papel do professor é o de orientar e oferecer estímulos aos estudantes, para que possam desenvolver suas habilidades e adquirir domínio da linguagem teatral. As ações do projeto foram realizadas no período de 2 de agosto a 18 de dezembro de 2013. Ao longo desses quatro meses de duração, trabalhou-se com exercícios de interação, através de jogos e dinâmicas de percepção e observação do corpo, para o desenvolvimento das habilidades de confiança, concentração e companheirismo.

Trabalhou-se, também, com músicas de relaxamento para dança e o desenvolvimento da expressão corporal, exercícios lúdicos, atividades dramatúrgicas com jogos teatrais, material didático de abordagem do teatro na escola, interpretação de textos teatrais e não teatrais, dinâmicas de grupo, cantigas de roda e exercícios de dublagem. Essa metodologia utilizada capacita o/a aluno/a a desenvolver habilidades artísticas, cognitivas, de expressão corporal, que são fundamentais para a imersão no universo teatral.

Os recursos utilizados durante o desenvolvimento do projeto de extensão foram textos teatrais de autores regionais, nacionais e internacionais, textos teóricos sobre a relevância do teatro na escola e sobre a história brasileira e mundial do teatro, bastões de madeira nos exercícios de concentração, notebook para a execução de músicas instrumentais de relaxamento, tecido não tecido (TNT) e tecidos normais para montagem de cenários e figurinos.

Utilizou-se, ainda, maquiagens específicas de teatro, tinta de tecido, quadros de pintura para decoração da sala onde as atividades eram realizadas, gravadores de áudios e de vídeos, caixas amplificadas e *datashow*.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ações de extensão do projeto “A Escola no Universo da Arte do Faz de Conta” iniciaram com um público de 22 alunos/as e concluíram com 16. Tiveram início no dia 2 de agosto e terminaram no dia 18 de dezembro de 2013, quando foi realizada a I Mostra de Artes Cênicas da escola e apresentadas as montagens dramáticas elaboradas no decorrer do projeto, como peças de teatro, recital de poesias e concerto musical.

As atividades de teatro no CE Urbano Rocha (CEUR) continuaram mesmo com o término do projeto por meio da Cia. de Teatro REinvent’arte e com a manutenção anual da Mostra de Artes Cênicas (Marcas), ambas criadas pelo projeto, fato que mostra a relevante colaboração do projeto para a inserção do teatro no universo escolar do CEUR.

A iniciativa de permanecer com o projeto beneficiará outros/as alunos/as, e alguns já buscaram a direção da escola, demonstrando interesse em participar da Cia de Teatro. É uma mostra de que eles/as entenderam a relevância de conciliar o teatro com a educação. Para realizar com êxito as ações de extensão, foram feitas parcerias com as gestoras e as

professoras de arte e sociologia da escola, com o Centro de Cultura Negra Negro Cosme e com o Instituto de Cultura e Artes Sotaque, ambos de Imperatriz.

Tendo em vista uma abordagem qualitativa acerca das atividades teatrais trabalhadas na escola e para conhecer melhor o público que o projeto atendeu, aplicou-se um questionário com perguntas estruturadas aos 22 estudantes que iniciaram no projeto; e, depois, foi repetido aos 16 que continuaram até o fim, com o objetivo de avaliar a compreensão dos/as mesmos/as sobre a relevância das atividades de extensão no universo.

Buscou-se extrair dos/as estudantes qual a sua compreensão sobre o teatro no contexto escolar. Escolheu-se esse método por apresentar praticidade na comparação entre as respostas dos entrevistados na fase de análise de dados (GIL, 1987). A primeira pergunta do questionário foi a seguinte: “Você tem facilidade em apresentar trabalhos em sala de aula?”

### Gráficos 1 e 2: Alunos/as com facilidade em apresentar trabalhos na escola (Gráfico 1) Antes do Projeto (Gráfico 2) Depois do Projeto

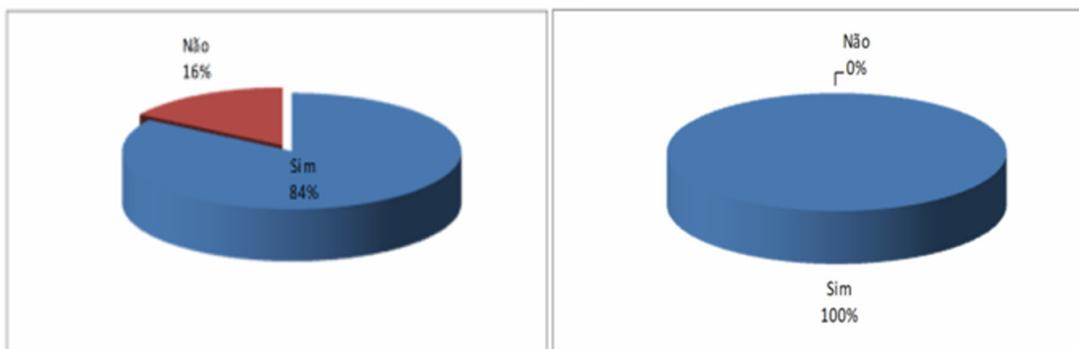


Fonte: Projeto de extensão “A escola no universo da arte do faz de conta” (2013)

O percentual de alunos/as que afirmam não ter facilidade em apresentar trabalhos em sala de aula, antes do projeto, é de 88%, e apenas 12% disseram não ter problemas com as apresentações. O percentual de alunos/as que melhoraram seu desempenho em apresentações de trabalhos em sala de aula, depois das atividades de extensão, chega a 100%, dados que apontam para um resultado positivo da utilização do teatro na escola.

Na sequência, perguntou-se: “Faria um curso de teatro para seguir a carreira de ator/atriz?”

### Gráficos 3 e 4: Alunos/as que fariam um curso de teatro para seguir carreira artística (Gráfico 3) Antes do Projeto (Gráfico 4) Depois do Projeto

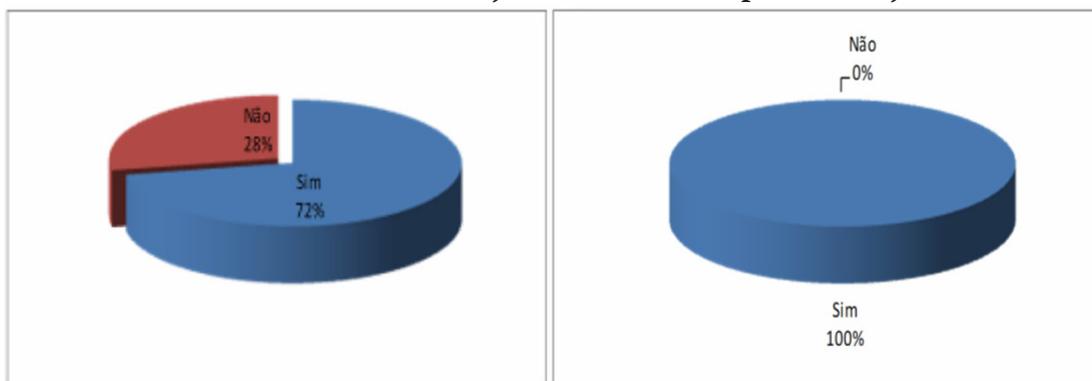


Fonte: Projeto de extensão “A escola no universo da arte do faz de conta” (2013)

Inicialmente, 84% dos/as alunos/as afirmaram ter o desejo de fazer um curso de teatro para seguir a carreira de ator/atriz e 16% declararam que não fariam. Após as ações do projeto, 100% responderam que fariam o curso de teatro para seguir a carreira artística. Esse resultado é uma demonstração de que as ações de teatro, além de fortalecer as habilidades dos beneficiados, conseguiu despertar neles o desejo de se aprofundar no estudo teatro.

A última pergunta feita aos estudantes foi: “Você gosta/gostaria de estudar artes em sala de aula?”

### Gráficos 5 e 6: Alunos/as que gostariam de estudar teatro na disciplina de artes (Gráfico 5) Antes do Projeto (Gráfico 6) Depois do Projeto



Fonte: Projeto de extensão “A escola no universo da arte do faz de conta” (2013)

De início, 72% dos/as alunos/as responderam que gostam/gostariam de estudar artes em sala de aula e 28% disseram que não. No segundo momento, a totalidade de 100% respondeu que gostam/gostariam de estudar artes em sala de aula. Essa percentualidade reforça a ideia de que o teatro poder ser uma ferramenta interdisciplinar consistente para atrair a atenção e fortalecer as aprendizagens dos/as alunos/as na escola.

Ressalva-se ainda que os 28% que responderam inicialmente que não gostam/gostariam de estudar teatro na disciplina de arte revelam o receio de os/as alunos/as de haver um aumento substancial de trabalhos, sendo transformada em mais uma disciplina cansativa. O contato dos alunos com a arte deve ser feito de forma prazerosa para não se tornar desgastante.

## CONSIDERAÇÕES

O teatro é, acima de tudo, um instrumento de aprendizagem, que permite ao estudante se portar de forma coesa diante de problemas de naturezas diversas, tanto no ambiente escolar quanto no meio social. Essa arte vem desempenhando funções distintas na sociedade ao longo dos tempos, e uma delas é a função pedagógica, indispensável no contexto escolar.

Conforme apontado, desde a Grécia do Século V a. C., quando pensadores/as e educadores/as já sinalizavam para uma relação positiva do teatro com a educação, que essa arte vem sendo trabalhada no processo de formação cidadã. Ao longo dessa experiência com estudantes e professores/as do Centro de Ensino Urbano Rocha, percebeu-se, além do desenvolvimento das aprendizagens dos/as estudantes, a necessidade de formação dos/as professores/as para o aprimoramento das atividades artísticas teatrais nas escolas públicas.

Como resultados alcançados, destacam-se a relação de proximidade que os/as estudantes desenvolveram com a escola, o êxito na realização das tarefas escolares, o crescimento do espírito coletivo, o respeito e a socialização para com os colegas. Alcançou-se, assim, os objetivos propostos pelo projeto. Destaca-se, também, que os/as estudantes assimilaram as aprendizagens teatrais propostas e já conseguem externá-las nas atividades da escola.

Ressalta-se o benefício do teatro para o desenvolvimento e fortalecimento do potencial criativo, cognitivo, corporal e artístico dos/as estudantes. O teatro, no âmbito do projeto de extensão, colaborou para torná-los/as mais críticos/as e abertos/as ao mundo em que vivem. Aos estudantes que não tinham qualquer conhecimento sobre teatro, o projeto possibilitou-lhes a imersão no universo de atores/atrizes, tornando-os/as capazes de idealizar um futuro no mundo do faz de conta.

O projeto contribuiu, ainda, para o entendimento de um elo fundamental na formação e construção artística dos/as estudantes: o aprender, o compreender e o compartilhar, o “tripé do teatro”. Há outros fatores que atribuem mais significados às atividades do projeto, como a criação da Companhia de Teatro REinvent’arte e a realização da I Mostra de Artes Cênicas (Marcas) do Centro de Ensino Urbano Rocha.

Nesse sentido, considera-se que as ações do projeto vão para além do simples processo de aprender as práticas teatrais, e perpassam pelo desenvolvimento cultural dos/as estudantes, colaborando para um resultado positivo no desenvolver de atividades teatrais dentro e fora da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- BOAL, A. **Jogos para Atores e não Atores**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Notas preliminares, p. XX.
- BERTHOLD, M. **História mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CHAPATO, María Elsa. El lenguaje teatral en la escuela. In: AKOSCHKY, Judith. **Artes y escuela: aspectos curriculares y didácticos de la educación artística**. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- EISNER, E. **Estrutura e mágica no ensino da Arte**. In: BARBOSA, A. M. T. (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 4.ed. São Paulo: Cortez, p. 79-94, 2002.
- FELÍCIO, W. A. S. Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas. **Revista CEPPG – CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão**, Ano XI, n. 20. Catalão, 2009.
- FERRAZ, M. H.; FUSARI, M. F. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRA, L. M. **O ensino da arte na rede pública estadual de Cascavel**. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- REVERBEL, O. **Um caminho do Teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2. Reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

Artigo recebido em:  
11/1/2015

Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL

## THEMATIC PROJECTS AS AN ALTERNATIVE TO PROMOTE HEALTH IN ELEMENTARY SCHOOL

*KRUG, Marilia de Rosso<sup>1</sup>*  
*MARTINS, Aline de Oliveira<sup>2</sup>*  
*PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes<sup>3</sup>*  
*SOARES, Félix Alexandre Antunes<sup>4</sup>*

### RESUMO

Este estudo analisou as contribuições de intervenções colaborativas na concepção e desenvolvimento de um projeto pedagógico com foco na promoção da saúde. Realizou-se uma pesquisa-ação colaborativa numa escola pública, envolvendo quatro professores e 44 alunos. As intervenções foram realizadas durante quatro meses, uma vez por semana, com 2 horas de duração. Os instrumentos de pesquisa foram: questionário e diário de campo, sendo as informações interpretadas pela análise categorial. O método de projetos proporcionou aos alunos novas descobertas favorecendo a aprendizagem significativa. As intervenções melhoraram a qualidade do ensino apontando para a importância de difundir na escola as contribuições do ensino colaborativo e da estratégia de projetos.

Palavras-chave: Intervenções colaborativas; Método de projetos; Pediculose.

### ABSTRACT

This study analyzed the contributions of collaborative interventions in the conception and development of an educational project which focuses on health promotion. It was carried out through a collaborative action research in a public school. Four teachers and 44 students took part in it. Each intervention took two hours and was developed once a week for four months. The research instruments were questionnaires and field diary, and the information were interpreted through categorical analysis. The design methodology provided students better educational opportunities, encouraging meaningful learning. Interventions improved the quality of education by emphasizing the importance of spreading the contributions of collaborative learning and the project strategy in school environment.

Keywords: Collaborative interventions; Design methodology; Pediculosis.

1 Professora da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Brasil. Aluna do curso de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. E-mail: mkrug@unicruz.edu.br

2 Aluna do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. E-mail: alinemartins\_xp@hotmail.com

3 Aluno do curso de Educação Física da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Brasil. E-mail: fernandes.rui@outlook.com

4 Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: felix@ufsm.br

## PROBLEMATIZAÇÃO/SITUAÇÃO GERADORA

O presente trabalho foi organizado a partir dos dados parciais de um projeto de tese de doutorado – “Desenvolvimento de projetos tendo a promoção da saúde como eixo articulador”<sup>5</sup> – que investiga como a estratégia de projetos pode contribuir para o trabalho pedagógico ao introduzir na escola o estudo de temáticas que buscam respostas aos problemas sociais, conectando a escola com a vida das pessoas. Essa investigação acompanhou, ao longo de um ano letivo, a prática pedagógica de projetos em duas classes de 3º ano do Ensino Fundamental.

O ambiente escolar, considerando sua abrangência, se torna um aliado fundamental para a concretização de ações voltadas para o fortalecimento das capacidades dos indivíduos, para a tomada de decisões favoráveis à sua saúde e a da comunidade, visando a criação de ambientes saudáveis.

A Secretaria de Políticas da Saúde/MS (BRASIL, 2002) enfatiza que é no período escolar que se deve trabalhar com o tema ‘saúde’ na perspectiva de sua promoção, pois crianças, jovens e adultos que se encontram nas escolas vivem momentos em que seus hábitos e atitudes estão sendo criados e, dependendo da idade ou da abordagem, sendo revistos. O ministério citado acima ainda reconhece que além da escola ter uma função pedagógica específica ainda tem uma função social e política voltada para a transformação da sociedade, relacionada ao exercício da cidadania e ao acesso às oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem, razões que justificam ações voltadas para a comunidade escolar a fim de proporcionar concretude às propostas de promoção da saúde.

Nesse sentido, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN n. 9394 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, BRASIL, 1996/1997) passaram a considerar a saúde no campo da educação como um tema transversal, expondo a necessidade de se assegurar uma ação integrada e intencional entre os campos da educação e saúde, uma vez que ambos se pautam, fundamentalmente, nos princípios de formação da consciência crítica e no protagonismo social.

Nessa perspectiva, propusemos a uma escola da rede estadual de ensino intervenções colaborativas para o desenvolvimento de um projeto tendo como eixo temático a promoção da saúde. A justificativa para esta proposição emergiu a partir de resultados de estudos preliminares (KRUG et al, 2014) realizados no mesmo contexto deste projeto, que evidenciaram duas formas de ensino sobre saúde na escola: uma em que o tema era trabalhado nas disciplinas, ficando, no entanto, restrito aos professores de ciências; e outra na forma de projetos, desenvolvidos de forma pontual e fragmentados.

O referido estudo demonstrou, também, que o isolamento profissional e a falta de conhecimento específico sobre a temática ‘saúde’ se constituíam as principais dificuldades para se trabalhar esse assunto na escola. Dessa forma, na tentativa de auxiliar esses professores, foi proposta pelos pesquisadores, a partir de intervenções colaborativas, a discussão sobre a pertinência e a relevância do ensino sobre saúde na educação básica, além de apresentados métodos de trabalho em sala de aula. Esses assuntos eram condicionados à análise e à reflexão de todo o grupo, fazendo nascer o debate e a consequente evolução das ideias a respeito da temática ‘saúde’ e como ela poderia ser trabalhada na perspectiva de projetos.

Assim, este artigo tem como objetivo avaliar a contribuição de intervenções colaborativas na concepção e desenvolvimento de um projeto pedagógico, tendo como temática principal a promoção da saúde.

---

5 Tese em desenvolvimento (2013 - 2016) no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Autora: Marília de Rosso Krug. Orientação: Prof. Dr. Félix Alexandre Antunes Soares.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Projeto de Extensão ProSaúde – “Construindo um futuro saudável através da promoção à saúde” – é ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ - RS) e utiliza-se de intervenções colaborativas para o desenvolvimento das ações



Fig. 1: Logo marca do Projeto ProSaúde desenvolvida por bolsista universitário participante do projeto.

Optou-se, nesse projeto, por uma prática educativa pautada em intervenções colaborativas em que todos os envolvidos tivessem a oportunidade de refletir coletivamente sobre suas práticas, diagnosticar os problemas através dos debates e, num trabalho de parceria entre pesquisadores e professores participantes, propor alternativas (projetos/ atividades) para atenuá-los e/ou resolvê-los, o que, segundo Oliveira (2012), caracteriza-se como ações dialógicas.

Este estudo, então, caracterizou-se como uma pesquisa-ação colaborativa, a qual, segundo Pimenta, Garrido e Moura (2001), se constitui em propor uma ação no contexto escolar a fim de transformar as práticas vigentes. As intervenções colaborativas do projeto foram realizadas em uma escola pública estadual da cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Essa instituição teve, em relação aos anos iniciais do ensino fundamental, um IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 4,3 na classificação da última avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira - INEP, ocorrida em 2013 (BRASIL, 2013).

Os sujeitos do estudo foram duas professoras, unidocentes do terceiro ano do ensino fundamental, e suas respectivas turmas (ano de 2013), somando 44 alunos, sendo 23 da turma A e 21 da turma B. As intervenções colaborativas ocorreram entre as professoras participantes do estudo e os pesquisadores, sendo um professor pesquisador e dois alunos bolsistas do curso de Educação Física – um bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UNICRUZ) e o outro do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX/UNICRUZ).

Tanto os professores da escola quanto os acadêmicos assumiram o compromisso de participação espontânea no projeto, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); o TCLE, para a participação dos alunos, foi assinado pelos pais ou responsáveis.

Com intuito de conhecer os sujeitos e seus desafios pedagógicos, bem como elaborar, desenvolver e avaliar um plano de intervenção colaborativa, utilizou-se diferentes procedimentos em situações diversas. Para tanto, empregou-se uma sequência metodológica composta por quatro intervenções distintas: a) identificação das necessidades e demandas de saúde dos escolares; b) elaboração do projeto pedagógico; c) desenvolvimento/ aplicação do projeto pedagógico; e d) avaliação das contribuições do projeto. A seguir será apresentado como essas intervenções foram organizadas.

## **ANÁLISE E REFLEXÕES DAS DEMANDAS E NECESSIDADES DE SAÚDE DOS ESCOLARES**

Essa primeira intervenção colaborativa foi realizada a partir de conversa reflexiva, conforme propõe Ibiapina (2008), e teve como objetivo discutir a pertinência e a relevância do ensino de saúde na educação básico. Foram estudados e discutidos temas como saúde e promoção da saúde – com base nas Diretrizes de Educação em Saúde/MS (BRASIL, 2007), Secretaria de Políticas da Saúde/MS (BRASIL, 2002) e Escolas Promotoras de Saúde (BRASIL, 2006) – e estratégias de ensino, refletindo principalmente sobre a metodologia de projetos a partir dos autores Hernández e Ventura (1998), Moura e Barbosa (2006) e Araújo (2003).

A intenção dos ciclos de estudo foi proporcionar um espaço de formação para os professores, de modo a ampliar e aprofundar a discussão sobre a temática ‘Promoção da Saúde’ e suas aplicações em sala de aula, assim como identificar os principais problemas de saúde dos alunos. Esses ciclos ocorreram durante quatro encontros semanais de duas horas, dos quais participaram somente os acadêmicos bolsistas, já que as professoras da escola alegaram indisponibilidade de tempo.

### **ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO**

A segunda intervenção colaborativa consistiu em momentos de formulação de ações/projeto que poderiam auxiliar na busca de soluções para os problemas encontrados no contexto dos alunos. Assim, inicialmente resgatamos os conhecimentos obtidos durante os ciclos de estudo para fundamentar as atividades propostas. Essas intervenções ocorreram durante oito encontros semanais, de duas horas cada um, e participaram deles duas professoras da escola e dois acadêmicos bolsistas do projeto.

### **DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PEDAGÓGICO**

O objetivo dessa terceira etapa do projeto foi de acompanhar e auxiliar no processo de aplicação das ações/atividades desenvolvidas pelos professores; a colaboração dos pesquisadores aconteceu a partir de orientações e trocas de informações com os professores. Para o desenvolvimento das ações/atividades foram necessários oito encontros semanais de uma hora e trinta minutos cada um; as intervenções foram planejadas para serem desenvolvidas em duas turmas de 3º ano do ensino fundamental, sendo uma com 21 e a outra com 23 alunos.

Para avaliar o processo das intervenções citadas, utilizou-se de entrevistas, diário de campo e a observação participante. Os registros foram grafados da maneira como foram ouvidos e observados.

### **AVALIANDO AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO**

As contribuições do projeto foram avaliadas a partir da opinião dos professores da escola e dos acadêmicos bolsistas do projeto, no que se refere às contribuições para a prática docente e a formação de cada participante do projeto. Para tanto, utilizou-se de um

questionário com questões abertas e a avaliação dos dados foi realizada a partir da análise categorial (BARDIN, 2011).

## **OS RESULTADOS ENCONTRADOS**

Os resultados do estudo serão apresentados separadamente em função das intervenções colaborativas realizadas, ou seja, inicialmente serão apresentados os resultados relacionados à análise e reflexões das demandas e necessidades de saúde dos escolares. Na sequência apresentam-se os resultados referentes à elaboração do projeto pedagógico; após, os resultados do desenvolvimento/aplicação das atividades planejadas e, finalmente, analisa-se as contribuições das ações desenvolvidas.

## **ANÁLISE E REFLEXÕES DAS DEMANDAS E NECESSIDADES DE SAÚDE DOS ESCOLARES**

A partir das discussões e reflexões realizadas com os professores da escola, ficou claro que a temática ‘saúde’ era trabalhada em suas aulas, porém eles sentiam a necessidade de conscientizar a família dos alunos, ampliando essa responsabilidade, além de conhecer métodos diferenciados para o ensino dessa temática que realmente propiciassem a mudança de comportamento dos alunos.

As professoras da escola destacaram a higiene com foco para a eliminação e prevenção de “piolhos” (pediculose<sup>4</sup>), já que este é o principal problema de saúde na escola. Nesse sentido, optou-se por trabalhar com o subtema “a higiene”, mais especificamente a questão dos “piolhos”. O objetivo era fazer com que os educadores se apropriassem do ensino através de projetos e passassem a utilizá-lo na sua prática pedagógica.

## **ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO**

A segunda intervenção consistiu em momentos de formulação de ações (atividades didáticas) que poderiam transformar a realidade ou procurar soluções para os problemas encontrados no contexto dos alunos. A intervenção dos pesquisadores foi a de colaborar no processo de elaboração e desenvolvimento das atividades didáticas.

O projeto elaborado teve como título “Matando piolho” e foi estruturado pelos acadêmicos bolsistas utilizando os conhecimentos e experiências vividas pelas professoras da escola para amenizar a pediculose. As sugestões eram expostas às professoras e elas adequavam conforme o nível de ensino e a realidade dos alunos. As ações do projeto foram organizadas em três atividades didáticas distintas: a) o vídeo e a brincadeira como recurso de ensino; b) a história em quadrinhos para sistematizar os conhecimentos; c) a construção de fantasias para socializar o que foi aprendido.

Na primeira atividade, o vídeo e a brincadeira como recursos de ensino foram propostos com o objetivo de sensibilizar e motivar os alunos para a participação no projeto. Para isso, foi definido pelos professores a utilização dos vídeos “Xô Piolho” (MEIRELLES, 2012) e o “Palhaço Talento: Educação em primeiro lugar” (PIOLHOS, 2012) com objetivo de transmitir informações e vivências. Da mesma forma, foi proposta uma conversa com os alunos a partir perguntas simples para verificação do seu grau de conhecimento sobre

o tema, o que valorizaria a curiosidade do grupo sobre o assunto; também houve a apresentação do vídeo “o que são piolhos” (FARMÁCIA TURCIFALENTE, 2012). Para finalizar, realizou-se uma atividade lúdica com balões representando os piolhos.

Na segunda atividade foi solicitada aos alunos a construção de histórias em quadrinhos, que teria como objetivo a sistematização dos conhecimentos do encontro anterior. Para essa atividade, os alunos receberam papel demarcado com quadros, lápis de cor, lápis preto e giz de cera.

A terceira atividade teve como objetivo a socialização com os pais e os demais alunos da escola focando os conteúdos aprendidos. Para isso, foi proposta a confecção de fantasias que representassem os personagens e objetos da temática estudada, sendo que essas fantasias deveriam ser utilizadas durante a encenação da música “Palhaço Talento: Educação em primeiro lugar” durante um recreio estendido, conforme sugestão da direção da escola.

Segundo os acadêmicos, na concepção do projeto “Matando Piolho”, a principal dificuldade foi a adequação do conteúdo à faixa etária e ao nível de aprendizado dos discentes, já que, embora estivessem no 3º ano do ensino fundamental, a maioria dos alunos da turma A ainda não sabiam ler e tinham muita dificuldade na escrita. Isso mostrou que o projeto necessitava de uma adequação no sentido a contribuir também para a aprendizagem da leitura e da escrita – grande preocupação dos professores dessa turma; todavia, a turma B já dominava essas habilidades.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PEDAGÓGICO

A terceira intervenção consistiu em auxiliar os professores no desenvolvimento das atividades didáticas propostas na elaboração do projeto, as quais foram: o vídeo, a brincadeira e a história em quadrinhos como recurso didático, além da fantasia e a interpretação para encenar o aprendido. As intervenções dos pesquisadores foram no sentido de colaborar nesse processo de realização didática, o qual será descrito a seguir.

## O VÍDEO E A BRINCADEIRA COMO RECURSO DE ENSINO

Nessa primeira atividade do projeto, que teve como objetivo a integração e o desenvolvimento dos conteúdos conceituais sobre a problemática, foi possível perceber muita agitação e curiosidade dos alunos, no sentido de entender o que era o “tal projeto”. Após as explicações, eles cantaram e dançaram ao ritmo da música.

Para finalizar essa primeira intervenção, abriu-se para questionamentos. Algumas crianças mostraram bastante familiaridade com o assunto, colaborando com a discussão, citando o que eram os piolhos, quanto tempo viviam, o que causavam e como combater. Apesar de o assunto não ser algo totalmente novo na vida deles, surgiram questões muito interessantes, como por exemplo: “piolho voa?”; “piolho gosta de sujeira?”; “careca pode ter piolho?”; “se eu emprestar meu boné para quem tem piolho ele pode passar para mim?”. As respostas não foram dadas diretamente aos alunos e eles foram estimulados a pesquisar sobre o assunto para obterem respostas; no encontro seguinte todas as dúvidas foram sanadas.

Segunda atividade: a história em quadrinhos para sistematizar os conhecimentos. Nesse encontro foi proposto que os alunos criassem histórias em quadrinhos baseados

nos conteúdos abordados na primeira atividade. Eles se mostraram bem empolgados com essa tarefa, apesar das dificuldades da turma A na escrita, precisando do intermédio dos professores, que escreviam no quadro as palavras que os alunos solicitavam. Posteriormente, foi elaborado um mural com todas as histórias, que ficou exposto na sala de aula (FIGURA 2).



Figura 2 – As histórias em quadrinhos como recurso de ensino.

As histórias produzidas destacavam principalmente os aspectos como tratamento e prevenção, além dos conhecimentos específicos que a temática permitiu discutir com os alunos, relacionados aos conteúdos de ciências. Um dos objetivos das atividades também era de favorecer a aprendizagem da leitura, fato esse que ocorreu após três semanas de desenvolvimento do projeto. Segundo a professora da turma, eles foram muito motivados pelo interesse em aprender a música que seria cantada na apresentação.

Terceira atividade: a construção de fantasias e o teatro para socializar o aprendido. A atividade da confecção da fantasia tinha como objetivo encenar a música que era relacionada à temática estudada, a fim de socializar com os pais e demais alunos da escola. Foi possível observar que os alunos se identificavam com certas personagens relacionadas ao assunto, como a enfermeira, a médica; alguns, ainda, optaram por representar os objetos como o xampu, o pente fino, etc. A apresentação final foi realizada pelas duas turmas para os demais alunos da escola.

Nesse terceiro momento muitas dificuldades foram encontradas, principalmente as relacionadas com os equipamentos selecionados para serem utilizados no desenvolvimento das atividades do projeto, como projetor multimídia, caixa de som e computadores que estavam sempre com algum defeito; também se destaca a falta de um auditório ou ainda uma sala maior para se trabalhar com as duas turmas juntas e assim favorecer o processo de socialização e integração.

As duas professoras unidocentes, apesar de concordarem em fazer parte do projeto, inicialmente limitaram-se mais ao controle da disciplina dos alunos no desenvolvimento das atividades, sendo essa responsabilidade também assumida, na maioria das vezes, pelos bolsistas do projeto. Alguns dos termos usados pelas professoras para fugir das aulas era: “*Agora os alunos ficam com vocês, né?*”; “*Eu tenho um trabalho para fazer, depois eu volto*” (“Vocês”, referindo-se aos acadêmicos). Somente após conversa com as professoras sobre a importância da sua colaboração é que houve uma cooperação mais efetiva.

## MUDANÇAS PROVOCADAS PELAS INTERVENÇÕES COLABORATIVAS

Ao questionarmos as professoras sobre as contribuições das atividades desenvolvidas e o quanto as intervenções tinham atingido os objetivos propostos, elas responderam que os resultados foram além do esperado, proporcionando conhecimentos interdisciplinares, ou seja, as

atividades desenvolveram conteúdos de Ciências, Português (leitura e escrita), assim como o ritmo e a expressão corporal.

De acordo com as professoras, os alunos se dedicaram nas atividades propostas de forma muito prazerosa; elas salientaram ainda que os alunos debatiam muito sobre o tema em sala de aula, ou seja, o método de ensino sugerido despertou nos discentes o debate e o prazer pelo aprender.

Ao questionar as professoras sobre o método utilizado no desenvolvimento das atividades e se este foi adequado aos anos iniciais do ensino fundamental, elas responderam que sim, pois o projeto levou os alunos a novas descobertas, sendo isso muito importante para o crescimento global do aluno. Ao indagar se as mesmas poderiam trabalhar com o método de projetos de forma autônoma (sozinhas) com suas turmas, as duas professoras salientaram que não, por que existe necessidade de se envolver a escola como um todo, de forma que contemple uma educação coletiva. Finalizando a intervenção, questionamos as professoras sobre os assuntos de saúde que ainda precisam ser trabalhadas na escola: higiene, saúde mental e corporal, normas de convivência, direitos e deveres foram os temas sugeridos.

Segundo os acadêmicos, as atividades propostas foram adequadas ao nível da grande maioria dos escolares que participaram do projeto, o qual conseguiu atingir todos os envolvidos, tanto os que possuíam certo conhecimento sobre o assunto proposto quanto os que não conheciam a pediculose. Sempre que era necessário, as atividades desenvolvidas eram readequadas às necessidades dos alunos, mas embora as turmas tenham compreendido a proposta de trabalho, segundo um dos acadêmicos, a intervenção foi insuficiente, pois necessitava do envolvimento da família para que realmente a pediculose fosse tratada e prevenida.

Os professores notaram muito entusiasmo e satisfação dos alunos quando trabalharam com temas diferentes e de um modo diferente, conclusão que foi obtida através do anseio das turmas em saber quando seria o próximo encontro. Nas palavras de um dos alunos: “*tem semana que vem, professor? Queremos de novo a semana que vem, professor*”. Eles apresentavam muitas dúvidas e nas atividades propostas nas aulas interligavam o assunto ‘piolho’ com os conteúdos que estavam sendo estudados.

Os acadêmicos bolsistas do projeto acreditam que esse método de ensino pode e deve ser utilizado com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, porque permite aos alunos um aprender significativo relacionando o conteúdo ao seu dia a dia, tornando o ensino-aprendizagem mais eficaz. Um dos professores salientou ainda que há a necessidade de que todos os professores tenham a oportunidade de realizar reuniões semanais para discutir as necessidades dos alunos e realmente elaborar um projeto interdisciplinar, relacionando os conteúdos aos temas que são de interesse da comunidade escolar.

Ao questionar os acadêmicos bolsistas sobre a possibilidade de utilizar o método de projetos nas aulas, eles responderam que sim, pois essa metodologia é eficiente e relativamente simples. Porém, isso requer um maior nível de organização e dedicação do professor, não devendo, portanto, esquecer a necessidade de articular um planejamento com os demais professores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois com um trabalho em equipe é possível identificar as reais necessidades e desenvolver uma proposta interdisciplinar. Embora nos anos iniciais normalmente haja apenas um professor na turma (unidocente), na escola em que se desenvolveu o projeto também havia um bolsista PIBID e um professor de informática, mas não havia uma conversa entre eles,

necessitando o estabelecimento deste diálogo.

Na opinião dos acadêmicos, as questões de saúde que ainda precisam ser trabalhadas na escola são: a higiene pessoal, a importância de consultar um médico regularmente, a alimentação saudável e a violência, que é alarmante na vida da grande maioria das crianças participantes desse projeto. Um dos professores acrescentou a essas atividades a questão do lixo e do saneamento básico, envolvendo as políticas públicas. Também, ensinar o aluno a buscar seu direito como cidadão e a ter uma boa qualidade de vida.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As intervenções colaborativas no contexto escolar, o que ocorreu entre os alunos bolsistas do projeto, pesquisadores e professoras da escola, na construção e aplicação das atividades em sala de aula, contribuíram para a problematização das práticas docentes desses participantes e, em última instância, auxiliaram na construção do processo de formação reflexiva dos alunos.

Segundo Mendes (2006), o poder das equipes colaborativas encontra-se na capacidade de desenvolver habilidades criativas sobre resolução de problemas, promover apoio mútuo e compartilhar responsabilidades. Dessa forma, o trabalho colaborativo pode diminuir distinções de papéis existentes entre os profissionais envolvidos, a fim de que cada um possa fazer o melhor uso possível de seus saberes. Nesse caso, isso se concretizou pela colaboração entre professores da escola, acadêmicos do curso de Educação Física e pesquisadores, mostrando a importância da universidade nesse contexto.

Os focos das intervenções colaborativas eram auxiliar os professores na construção e desenvolvimento de projetos que contribuíssem para o ensino de saúde na escola. Os PCN (BRASIL, 1998) têm um papel preponderante como instrumento de apoio às reflexões sobre educação em saúde. O texto relativo às séries iniciais define claros objetivos de ensino: conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva. Dessa forma, consideramos bastante relevante o desenvolvimento da temática “piolhos”, já que, na opinião das professoras participantes do estudo, esse tema estava se apresentando como um dos principais problemas de saúde na escola em que aconteceu o projeto.

A pediculose é uma questão recorrente na saúde pública, atingindo a população em geral, com maior incidência em crianças pela facilidade que elas têm de ter contato com o ambiente natural, o que facilita a sua transmissão. Segundo Mano e Gouveia (2007), na cultura brasileira, esse problema se mostra como um tema complexo, associado, com frequência, a questões de higiene, baixo grau de escolaridade e más condições de vida, como é o caso da escola em estudo.

A atividade “Matando Piolho” foi desenvolvida pelos professores e pesquisadores por sua importância para a saúde infantil e conseqüente necessidade de se desenvolver estratégias para se abordar abertamente o tema, desmistificando-o e diminuindo o preconceito existente e, dessa forma, facilitando o controle da doença. Esse objetivo parece termos atingido, considerando que seis meses depois, ao retornar à escola e ao conversar com algumas crianças que fizeram parte do projeto, uma delas respondeu, quando questionada sobre seus piolhos: “*não tenho mais nenhuzinho, tô usando xampu toda semana*”.

As características dos insetos foram abordadas ao se explorar o “ciclo de vida do piolho” e conceitos básicos como a reprodução por meio de ovos ou o conceito de “ninfas” (o inseto jovem, que não chegaram a fase reprodutiva) foram explorados como características relevantes para a diferenciação entre os filos (famílias) de animais como os insetos e os mamíferos. A consciência de que o piolho é um parasita humano e as formas de se lidar com parasitoses foram o mote para a reflexão sobre o corpo humano como um ambiente que deve ser cuidado e observado atentamente ao longo de uma vida saudável.

A opção pela utilização do vídeo com um dos recursos didáticos utilizados no projeto, para apresentação do conteúdo aos alunos, partiu do princípio de que o material audiovisual é um importante aliado no processo de ensino e aprendizagem de conceitos; segundo Vasconcelos et al. (2008), isso acontece devido à dinamização da prática pedagógica. Vale lembrar que quando utilizamos os meios de comunicação estamos usando sua linguagem e sua aplicação e que esta é a base do processo de conhecer.

O meio audiovisual não é apenas um recurso didático, mas através dele pode-se criar uma nova forma de ajudar a (re)construção do conhecimento (LEÃO, 2004; VASCONCELOS et al, 2008). Segundo Lima (2001), este processo é possível devido ao vídeo ser um recurso que possibilita a síntese entre imagem e som, gerando as mais diversas sensações dependendo do que é transmitido, deixando de ser apenas som e imagem, mas também uma forma de expressão.

O uso da história em quadrinhos vem sendo utilizada como estratégia de ensino para aprendizado em ciência e educação em saúde. Embora estudo como o de Negrete (2002) não tenha mostrado diferenças ao comparar a utilização de histórias em quadrinhos com textos tradicionais de literatura científica, para memorização de conceitos e aprendizado científico o referido autor verificou que a história em quadrinhos é muito mais atrativa no aprendizado. Fato esse, também, observado no presente estudo, cujas histórias produzidas foram muito criativas e expressaram a realidade em que os alunos viviam.

Segundo Reis (2000), as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas no sentido de confrontar ideias e gradualmente orientar a criança na descoberta do seu ser enquanto autor de sua própria história. Ao utilizarmos a história em quadrinhos nas aulas podemos levar as crianças a perceber como ocorre o envolvimento social dos personagens e a visualizar melhor o meio em que estão inseridos.

A utilização da estratégia de construir fantasias para encenar os conceitos aprendidos teve como principal objetivo estimular a criatividade dos alunos. Segundo Vygotsky (1998), o estímulo à capacidade criadora infantil no âmbito da educação escolar é de extrema relevância. Segundo ele, os processos criadores infantis se refletem sobretudo no faz de conta porque nele as crianças (re)elaboram a experiência vivida em seu meio social, edificando novas realidades de acordo com seus desejos, necessidades e motivações.

Vygotsky (1998) nos explica também que a imaginação ou fantasia nutre-se de materiais tomados da experiência vivida pela pessoa. O referido autor salienta ainda que quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material colocado à disposição da imaginação. Dessa forma, chega-se à importante conclusão pedagógica de que devemos ampliar a experiência cultural da criança, caso se pretenda fornecer-lhe uma base suficientemente sólida para que ela venha a desenvolver amplamente sua capacidade criadora.

Neste sentido, a escola pode oferecer experiências significativas aos educandos, que os afetem na esfera emocional, social, motora e cognitiva; que os motive a buscar e conquistar muito mais que conteúdos. Um dos caminhos pode ser o de se trabalhar com a arte.

Também foi possível observar e confirmar através da opinião das professoras, que as atividades propostas (vídeo, história em quadrinhos e o teatro), desenvolvidos a partir das intervenções colaborativas, foram realizadas pelos alunos de uma forma muito prazerosa, levando ao constante debate em sala de aula. Ainda no entendimento das professoras, essas atividades levaram os alunos a novas descobertas, sendo isso muito importante para o crescimento global do discente.

Para que as ações fossem mais efetivas, sentiu-se a necessidade do envolvimento da família; segundo uma das professoras, “*a proposta foi adequada, porém necessitava um envolvimento da família*”. Schünemann, Duarte, Bessa e Carneiro (2012) salientam que as famílias das escolas públicas são normalmente consideradas pelo corpo docente como negligentes e desinteressadas pela escolarização dos filhos. Essa crença é ainda mais intensa quando se refere às classes populares, que são vistas pelo senso comum como desatentas para com seus filhos, pois com frequência são feitas afirmações a respeito da desestruturação das relações familiares nas quais vivem os alunos das escolas públicas.

As questões sobre o envolvimento entre família e escola também têm despertado o interesse dos pesquisadores (BOST; VAUGHN; BOSTON; KAZURA; O’NEAL, 2004; FERREIRA; MARTURANO, 2002), principalmente no que se refere às implicações para o desenvolvimento social e cognitivo do aluno e suas relações com o sucesso escolar.

A família e a escola, de acordo com Polônia e Dassen (2005), emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual e social. Não negamos essa importância, no entanto, ao envolver a família no processo educativo, surgem algumas dificuldades, sendo as principais: a necessidade de trabalho para o sustento familiar – destaca-se, principalmente, a escola em estudo, que se caracteriza por extrema pobreza – e o desinteresse pelas atividades desenvolvidas na escola dos filhos. Tentamos chamar os pais para a socialização das atividades, mas tivemos a presença somente de uma mãe no dia da apresentação.

Vários pesquisadores (ANTUNES, 2003; BOCK, 2003; FERREIRA; MARTURANO, 2002; MARQUES, 2002; SILVEIRA, 2003) têm discutido os diferentes mecanismos e estratégias de integração entre pais e escola, reconhecendo suas peculiaridades e apontando os pontos que favorecem e dificultam tal relação.

Concordamos com Polônia e Dassen (2005), quando afirmam que os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola; devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade. Assim, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade das famílias, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os seguimentos.

Embora a participação da família não tenha sido efetiva, o uso de estratégias diferenciadas para trabalhar a temática “piolho” proporcionou, segundo as professoras do estudo, um aprender significativo. A utilização do método de Projetos como estratégia de aprendizagem, com temas geradores, de acordo com Freire (2002), proporciona um ambiente motivador e propício ao ensino. Não se pode esperar que haja conhecimento onde o aluno é convidado a “memorizar” os conteúdos “narrados” pelo professor. O professor precisa atuar como mediatizador do conhecimento, utilizando práticas problematizadoras, possibilitando que atos de cognoscentes se renovem constantemente (FREIRE, 2002).

Segundo Barbosa, Gontijo e Santos (2004), o método de projetos tem se destacado por possibilitar uma formação que busca integrar teoria e prática, pois possuem um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolvem uma situação-problema e têm como objetivo articular propósitos didáticos e sociais, ou seja, construir a aprendizagem juntamente com um produto final. Segundo Moço (2011), cada projeto pode ser considerado

uma estratégia de trabalho em equipe, a qual favorece a articulação entre os diferentes temas das áreas do conhecimento escolar, na solução de um dado problema focado na aprendizagem de conceitos, procedimentos e valores, durante o desenvolvimento das aulas.

Behrens e José (2001) defendem que a opção por um ensino baseado em projetos proporciona a possibilidade de uma aprendizagem pluralista e permite articulações diferenciadas de cada aluno envolvido no processo. Ao alicerçar projetos, o professor pode optar por um ensino com pesquisa, com uma abordagem de discussão coletiva crítica e reflexiva que oportunize aos alunos a convivência com a diversidade de opiniões, convertendo as atividades metodológicas em situações de aprendizagem ricas e significativas. Esse procedimento metodológico propicia o acesso a maneiras diferenciadas de aprender e, especialmente, de aprender a aprender.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os resultados do presente estudo envolvendo o ensino colaborativo, foi possível perceber que estratégias didáticas desenvolvidas conjuntamente têm potencial para melhorar a qualidade do ensino regular. Quanto às perspectivas de atuação em sala de aula, os resultados apontaram que é preciso difundir nos contextos escolares a contribuição do ensino colaborativo, garantindo que os momentos vivenciados entre as professoras/participantes do ensino básico, auxiliadas pelos acadêmicos, possam ser refletidos em práticas futuras.

Envolver professores atuantes e em formação fortalece o saber docente de ambos com a troca de informações e auxilia na resolução de problemas, favorecendo o processo de aprendizagem dos alunos. Entretanto, neste estudo ficou evidente a necessidade de um maior envolvimento dos demais professores, como o professor de informática, bem como a supervisão da escola e as famílias.

Também foi possível concluir que ensinar a partir de projetos torna o aprender mais motivante e significativo. A pediculose foi foco nesse estudo em virtude de ser um dos principais problemas de saúde enfrentados pelas professoras e alunos, mas a partir desse método pode ser abordada qualquer outra temática, desde que parta da realidade dos alunos.

A pediculose, tema do projeto desenvolvido na escola, é um problema social atual e as comunidades devem participar de atitudes preventivas e ações de controle da infestação. A escola precisa contar com a ajuda de seus docentes, discentes, pais e da comunidade para melhorar os índices de infestação, bem como esclarecer questões sobre este tema, o qual deve estar dentro do programa curricular proposto no início de cada ano letivo. Há muitas deficiências de trabalhos educativos na área de saúde pública, os quais devem ser estabelecidos por meio de informação objetiva e eficaz à população.

O método de projetos utilizado nesse estudo proporcionou um crescimento global do aluno, levando-o a novas descobertas e favorecendo a aprendizagem significativa. Como novas necessidades e demandas de saúde foram encontradas nesse estudo, novas propostas de trabalho devem ser articuladas por essas professoras. Dessa forma, a universidade irá permanecer por mais tempo nesse contexto escolar, no sentido de proporcionar maior segurança aos professores envolvidos, incentivar o desenvolvimento dos conteúdos a partir do método de projetos, bem como estimular outros professores a aderirem a essa proposta.

Torna-se fundamental ressaltar a importância da parceria entre a escola e a Estratégia da Saúde da Família<sup>6</sup>, já que estes profissionais possuem contato com o contexto familiar do aluno. Portanto, a partir deles pode haver a aproximação da família ao ambiente educacional, o que poderá contribuir para a eficácia do ensino sobre saúde na escola.

6 A Saúde da Família é entendida como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde. Estas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma área geográfica delimitada. As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, bem como na manutenção da saúde desta comunidade (PORTAL DA SAÚDE. Disponível em: <[http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape\\_esf.php](http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_esf.php)>. Acesso em: 28 mai. 2015).

## APOIO

- Pró Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.
- E. E. E. M. Prof. Maria Bandarra Westphalen da cidade de Cruz Alta – RS.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Maquino. Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In: MEIRA, Mariza Eugênio Mellilo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias e críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 139-168.

ARAÚJO, Ulisses. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

BARBOSA, Eduardo Fernandes; GONTIJO, Alberto de Figueiredo; SANTOS, Fernanda Fátima dos. O método de projetos na educação profissional: ampliando as possibilidades na formação de competências. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 40, p. 182-212, dez. 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida; JOSÉ, Eliane Mara Age. Aprendizagem por projetos e os contratos didáticos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 77-96, jan./jun. 2001.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas; GAMBOA, Silvio Ancézar Sanchez. A metodologia da problematização com o Arco de Magueréz: uma perspectiva teórica e epistemológica. **Filosofia e Educação (Online)**, v. 3, n. 2, out. 2011/ mar. 2012.

BOCK, Ana M. Bahia. Psicologia e educação: cumplicidade ideológica. In: MEIRA, Mariza Eugênio Mellilo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003. p. 70-104.

BOST, Kelly; VAUGHN, Brian; BOSTON, Ada; KAZURA, Kerry; O'NEAL, Colleen. Social support networks of African-American children attending a Head Start: a longitudinal investigation of structural and supportive network characteristics. **Social Development**, n. 13, p. 393-412, 2004.

BRASIL. **Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP 2011, IDEB 2013. Pesquisa: “Escola Estadual Ensino Médio Profa. Maria Bandarra Westphalen, 4ª série / 5º ano, Cruz Alta - RS”: Disponível em:** <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/home.seam?cid=1161636>> **Acesso em: 05 jun. 2014.**

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Escolas Promotoras de Saúde. Política nacional de Promoção da saúde**. Brasília 2006. Disponível em: < [http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/esc\\_prom\\_saude\\_Brasil.pdf](http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/esc_prom_saude_Brasil.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Projeto Promoção da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde/MS. A promoção da saúde no contexto escolar. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 533-535, 2002.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FARMÁCIA TURCIFALENSE. **Piolhos e lêndeas**, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4znICdojekw>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, p. 35-44, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.

FREIRE, Paulo. **Instituto Paulo Freire/Programa De Educação Continuada. Inter-transdisciplinaridade e transversalidade. Projetos e Textos. Disponível em:** <[http://www.inclusao.com.br/projeto\\_textos\\_48.htm](http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_48.htm)>. **Acesso em: 07 mai. 2014.**

GABANI, Flavia Lopes; MAEBARA, Clarice Martins Lima; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Pediculose nos centros de educação infantil: Conhecimentos e práticas dos trabalhadores. **Esc Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 309-317, abr./jun. 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Mont Serrat, Ventura. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. In: \_\_\_\_\_. **A organização do currículo por Projetos de Trabalho**. 5. Edição. Porto Alegre: Artmed, 1998.

- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimento. São Paulo: Líber Livro, 2008.
- KRUG, Marília de Rosso; MARTINS, Aline de Oliveira; NASCIMENTO, Bianca Bueno do; NASCIMENTO, Karine Bueno do; SOARES, Félix Alexandre Antunes. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde. In: ENCONTRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA: Compartilhar conhecimentos e práticas: um desafio para os educadores, XII, 2013, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.
- KRUG, Marília de Rosso; NASCIMENTO, Bianca Bueno do; MARTINS, Aline de Oliveira; NASCIMENTO, Karine Bueno; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; PEREIRA, Adriano Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde: resultados preliminares. In: SOUZA, Cejane Baiocchi (Org.). **Temas contemporâneos em extensão das instituições de ensino superior comunitárias** - Extensão, direitos humanos e formação da cidadania. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014. p. 119-132.
- LIMA, Artemilson Alves de. **O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula**. Um estudo de caso do CEFET-RN, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. O professor de línguas como pesquisador de sua ação: a pesquisa colaborativa. In: GIMENEZ, Telma. **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2002. p. 39-55.
- MANO, Sônia Maria Figueira; GOUVEIA, Fábio Castro. Catapiolho. Jogo infantil sobre pediculose. Museu da Vida, Mendes EG. Caminhos da pesquisa sobre formação de professores para inclusão escolar. In: MENDES, Enicéia Gonsalves; ALMEIDA, Maria Amélia; HAYASHI, Maria Cristina Picenbatoinnocentini. (Orgs.). **Temas em Educação Especial**: conhecimentos para fundamentar a prática. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2008. p. 92-122.
- MARQUES, Ramiro. **O envolvimento das famílias no processo educativo**: resultados de um estudo em cinco países, 2002. Disponível em: <<http://www.eses.pt/usr/ramiro/Texto.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Melillo. **Psicologia escolar**: teorias críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.
- MENDES, Enicéia Gonsalves. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, Eduardo José (Org.). **Inclusão e acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006. p. 29-41.
- MOÇO, Anderson. Tudo o que você sempre quis saber sobre projetos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 241, abr. 2011.
- MOURA, Dácio Guimarães; BARBOSA, Eduardo Freitas. **Trabalhando com projetos** – planejamento e gestão de projetos educacionais. Petrópolis: Vozes, 2006.
- NEGRETE Aquiles. Science via fictional narratives: communicating science through literary forms. **Ludus Vitalis**, v. 18, p. 197-204, 2002.
- OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. Pesquisa-ação colaborativa e a prática docente localmente situada: dois estudos em perspectiva. **Revista Unisinos Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p.58-64, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.101.06>> Acesso em: 20 fev. 2014.
- PIMENTA, Selma Garrido; GARRIDO, Elza; MOURA, Manoel Oriosvaldo. Pesquisa Colaborativa na Escola Facilitando o desenvolvimento profissional de Professores. **24ª Reunião Anual da ANPEd**, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001.
- POLONIA, Ana da Costa; DASSEM, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família escola. **Psicologia Escolar Educacional**, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.
- REIS, Márcia Santos Anjos. A revista em quadrinhos como recurso didático no ensino de ciências. **Ensino em Re-vista**, v. 9, n. 1, p. 105-114, jun./jul. 2000/2001.
- SCHÜNEMANN, Haller Elimar Stach; DUARTE, Enios Carlos; CARNEIRO, Maria Carolina. Família e escola pública: contribuições familiares para o êxito escolar. **Revista Educação em questão**, Natal, v. 44, n. 30, p. 62-87, set./dez. 2012
- SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga. A família a escola e a (pós)modernidade: GUARESCHI, Pedrinho A.; PIZZINATO, Adolfo; KRÜGIER, Liara Lopes; MACEDO, Mônica Medeiros Kotter (Orgs.). **Psicologia em questão**: reflexões sobre a contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 123-132.
- TALENTO, Palhaço: **Piolho**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBh4SKt2-ZI>>. Acesso em: 20 mar. 2014
- VASCONCELOS, Flávia Cristina Gomes Catunda de; LEITE, Bruno Silva; ARAÚJO, Rodrigo Venício Gonsalves de; LEÃO, Marcelo Brito Carneiro. O podcasting como uma ferramenta para o ensino-aprendizagem das reações químicas. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 2008, Caracas. **Anais Eletrônicos**, Caracas, 2008. Disponível em: <[http://www.niee.ufrgs.br/eventos/RIBIE/2008/pdf/podcasting\\_erramienta.pdf](http://www.niee.ufrgs.br/eventos/RIBIE/2008/pdf/podcasting_erramienta.pdf)> Acesso em: 01 mai. 2014.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores**: ideias e práticas. Lisboa: EDUCA, 1993.

Artigo recebido em:  
18/11/2014

Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# JUVENTUDE EMDIÁLOGO: TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## YOUTH IN DIALOGUE: DIGITAL TECHNOLOGIES IN UNIVERSITY EXTENSION

*SALES, Shirlei Rezende<sup>1</sup>*

*FERREIRA, Aline Gonçalves<sup>2</sup>*

*VARGAS, Francielle Alves<sup>3</sup>*

### RESUMO

Atualmente, a vivência das mais diversas práticas cotidianas tem sido marcada pela intensa presença das tecnologias digitais, o que tem alterado nossos modos de conduzir a vida. Essa relação com as práticas no ciberespaço tem produzido a cibercultura, a qual tem sido, especialmente vivida pelos/as jovens. A juventude ciborgue que ocupa o ciberespaço tem levado diferentes demandas para as escolas de ensino médio brasileiras. Nesse contexto, apresentamos o Portal EMDiálogo ([www.emdialogo.uff.br](http://www.emdialogo.uff.br)): um projeto de extensão universitária – desenvolvido pelos grupos Observatório da Juventude da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais - MG) e Observatório Jovem da UFF (Universidade Federal Fluminense – RJ). O presente artigo desenvolve o argumento de que o Portal EMDiálogo oferece possibilidades para alterar as práticas curriculares no ensino médio, na medida em que opera com elementos característicos da cultura juvenil, especialmente da cibercultura.

Palavras-chave: Juventude; Cibercultura; Portal EMDiálogo; Extensão universitária.

### ABSTRACT

Currently, various daily practices have been marked by the intense presence of the digital technologies that have been changing our ways of living. This relation with the cyberspace have developed the cyberculture, which has been especially experienced by young people. This cyborg youth involved in the cyberspace has led to different demands to the Brazilian High Schools. In this context, we present the EMDiálogo Portal ([www.emdialogo.uff.br](http://www.emdialogo.uff.br)): a university extension project developed by the Youth Observatory Programs from the Federal University of Minas Gerais - MG and the Federal Fluminense University - RJ. This article aims to discuss the possibilities offered by the EMDiálogo Portal concerning a change in the Brazilian High Schools' curriculum practices, since this educational cyberspace operates with young cultural elements, especially the cyberculture.

**KEYWORDS:** Youth; Cyberculture; EMDiálogo Portal; University Extension.

1 Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: [shirlei.sales@gmail.com](mailto:shirlei.sales@gmail.com)

2 Pedagoga. Aluna do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: [linegferreira@hotmail.com](mailto:linegferreira@hotmail.com).

3 Analista de Sistemas e Linguista. Aluna do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Engenharia de Software pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Brasil. E-mail: [francielleavargas@hotmail.com](mailto:francielleavargas@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem sido marcada pela intensa presença das tecnologias digitais nas mais diversas práticas cotidianas, o que vem compondo o que podemos nomear de cultura digital ou, nos termos que aqui utilizamos, cibercultura. Entendemos como cibercultura o “conjunto de práticas, de atitudes, de significados, de símbolos, de modos de pensamento e de valores produzidos, experimentados e compartilhados no ciberespaço” (SALES, 2014, p. 232). Ciberespaço, por sua vez, consiste no “território que surge da interconexão mundial dos computadores, a internet” (SALES, 2014, p. 232).

Novas relações, novos sujeitos e novos modos de ser e estar no mundo emergem nesse processo, respondendo as exigências da sociedade contemporânea “conectada”. As juventudes, em suas diversas possibilidades de existência, podem ter no ciberespaço mais um local que disponibiliza elementos para se construir, se orientarem e potencializarem as diversas formas de aprendizagem e de condução da vida. Isso acontece por meio do processo de ciborguização dos modos de existência, o que de forma geral é bastante intenso nos modos juvenis de viver. A ciborguização juvenil consiste na incorporação das tecnologias digitais nas práticas cotidianas, nas condutas nas formas de pensar e de gerir a vida. Esse processo constitui a denominada juventude ciborgue, cuja existência é marcada pela intensiva presença das tecnologias digitais.

O ciberespaço atua na produção da juventude ciborgue, por meio das práticas ciberculturais que cada vez mais adentram nos muros da escola e vão, de algum modo, interferir no currículo escolar. As grandes transformações do mundo, com o advento da cibercultura, alteram os modos de vida das juventudes, sendo que a instituição escolar continua, na grande maioria das vezes, com o seu formato analógico, sem grandes alterações.

A partir desse cenário, o Portal EMdiálogo ([www.emdialogo.uff.br](http://www.emdialogo.uff.br)) surge como um espaço de diálogo sobre o ensino médio, onde o/a jovem torna-se protagonista e não apenas um/a receptor/a passivo/a. O Portal consiste em uma ação de extensão universitária desenvolvida conjuntamente por dois grupos de pesquisa, ensino e extensão de duas universidades brasileiras: o Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG – MG) o Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense (UFF – RJ).

Como uma autêntica atividade de extensão, o Portal EMdiálogo encontra-se indissociavelmente articulado às atividades de pesquisa de ambos os grupos e às atividades docentes dos seus integrantes. O projeto teve o início de suas atividades em 2009 e atualmente constitui uma das ações do Projeto Diálogos com o Ensino Médio, com o apoio da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC).

Um grande desafio dessa nova linguagem, contemplada pela rede social EMdiálogo, é a problematização dos seus efeitos sobre os diversos cotidianos das juventudes, principalmente em suas vivências no ensino médio. Este trabalho discute, portanto, alguns pontos de conexão entre o Portal EMdiálogo e as culturas juvenis na contemporaneidade, marcadas pela ciborguização dos modos de existência. O argumento desenvolvido é de que o Portal EMdiálogo oferece possibilidades para alterar as práticas curriculares no ensino médio, na medida em que opera com elementos característicos da cultura juvenil, especialmente da cibercultura.

## COMPREENDENDO AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS

A partir dos estudos sobre juventudes, Dayrell (2009, p.25) afirma que, “por razões econômicas, políticas, culturais e, sobretudo, de classe e frações de classe ou grupos sociais, só faz sentido falar em juventudes”. Como a juventude se mostra diversa, não se pode referir a ela como sendo única, no singular, pois é múltipla. De acordo com Marília Sposito (2005), além de plural, a juventude é a fase da vida em

que se inicia a busca da autonomia, marcada pela construção das identidades pessoais e coletivas.

A condição juvenil pode ser vivida em diferentes espaços. A internet, assim como o cinema, o rádio, a televisão, os celulares, entre outras mídias e linguagens, tornou-se constitutiva da condição juvenil. Segundo Lévy (1999, p.11), os/as jovens são os/as maiores responsáveis pelo crescimento do ciberespaço. Em suas palavras:

[...] o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. [...] Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e que cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.

As ferramentas de redes sociais proporcionam às juventudes experiências de acesso aos mais diversos saberes, os quais podem ser construídos de forma autônoma devido à descentralidade própria de tais ferramentas. São os/as jovens, a rede e o desejo de conhecimento que movimentam o ciberespaço, transformando o modo como esses sujeitos experimentam as informações e saberes desse território. Segundo Sibilía (2012a, p.87), o/a jovem não seria meramente um/a receptor/a – aquele/a que decodifica, critica ou se deixa alienar -, mas um/a usuário/a que “surfa” ininterruptamente no caos das informações; alguém que, portanto, deve produzir de modo ativo as operações necessárias para fixar e dar sentido a esse fluido, apropriando-se dele para transformá-lo em experiência.

Os sentidos atribuídos à relação do/a jovem com a escola sofreram grande impacto com ao advento da internet e das redes sociais. É possível evidenciar, segundo D’Ambrósio (2003), que esse “velho” contexto escolar, linear e estático, se apresenta como um “competidor” em condições de desvantagem em relação às novas tecnologias digitais.

De fato, muito se passa fora da escola e, como consequência disso, o professor repetidor, que vê sua missão [apenas] como ensinador do conteúdo disciplinar, tem seus dias contados. Ele será substituído por um vídeo ou por um CDROM, ou por alguma nova peça de tecnologia ainda em desenvolvimento...ele não terá condições de competir com seus “colegas eletrônicos” que desempenham tarefas de repetidores de conhecimento congelado [...] que falam e repetem quantas vezes for necessário [...] como o hipertexto, [que] esclarece pontos que não foram bem entendidos, chegando a dialogar com o aprendente (D’AMBROSIO, 2003, p. 60-61).

No caso do ensino médio, os/as jovens parecem não conseguir mais atribuir sentido aos velhos métodos de uma escola que insiste em reproduzir os mesmos saberes de forma analógica e linear, desprezando o contexto no qual está inserida. Por sua vez, esse contexto, repleto de dinamismo e tecnologias, demanda uma nova forma de se relacionar com essa juventude ciborgue, digital, interativa e conectada. Manter a mesma relação ultrapassada e analógica com esses/as jovens é um equívoco. Segundo Sibilía (2012a, p. 51),

Surge um choque digno de nota: justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, tem de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel a suas tradições, continua

a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas, dos uniformes, da prova escrita e da lição oral.

Paula Sibilia (2012a) afirma que há um mal-estar na relação da escola com os sujeitos que a frequentam. Segundo ela, a escola foi pensada em uma outra época, configurada em outra lógica, com indivíduos que demandavam diferentes questões. Na atualidade, a instituição escolar pouco dialoga com seus/suas alunos/os, porque, ela pode ser comparada a uma tecnologia de época: um aparelho historicamente configurado. A autora destaca que “a escola seria, então, uma máquina antiquada; e, por isso, seus componentes e seu funcionamento são cada vez mais conflitantes com nossos jovens” (SIBILIA, 2012a, p. 195). Assim, o diálogo entre os sujeitos da atualidade e a instituição escolar se torna pouco eficaz.

Pensando nisso, muitas questões surgem quando são evidenciadas as relações dos sujeitos com a escola: como o cotidiano escolar pode promover maior interlocução com os/as jovens e construir experiências significativas nesse ambiente? Quais são as vivências e saberes construídos fora do ambiente escolar? É importante entender as culturas juvenis e as múltiplas linguagens que os/as jovens possuem.

As culturas juvenis são as práticas que possibilitam a “demarcação de identidades entre os/as jovens, diferenciando-os enquanto jovens, das crianças e dos adultos e ainda expressando adesão a um determinado estilo” (REIS; JESUS, 2013, p. 5) e se manifestando na diversidade em que a condição juvenil se constitui. Dayrell (2009, p.19) destaca que o mundo da cultura para os/as jovens, “aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil”.

Ainda de acordo com esse autor, os/as jovens “amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante delas, possuem desejos e propostas de melhorias de vida” (DAYRELL, 2009, p. 19). Dayrell afirma que, nas vivências culturais dos/as jovens, a ostentação dos aparelhos eletrônicos ganha visibilidade e produz um certo impacto na condição juvenil. Arelada aos artefatos eletrônicos, a linguagem criada e constantemente reinventada pelos/as jovens, também possui um importante lugar no âmbito das culturas juvenis.

As práticas culturais das juventudes não são homogêneas, assim como as formas de se viver as juventudes também não são. Tais práticas se orientam conforme “os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico” (DAYRELL, 2009, p. 20). Articulada às múltiplas expressões culturais, a sociabilidade aparece como outra dimensão da condição juvenil.

Segundo Dayrell (2009), muitos estudos sinalizam a centralidade da sociabilidade que é desenvolvida prioritariamente nos grupos de pares, nos tempos e espaços de lazer e diversão, mas que também se mostram presentes em espaços institucionais como o trabalho e a escola. De acordo com o autor, “a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com a “turma” que fazem os programas, “trocam ideias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivo” (DAYRELL, 2009, p.20). Dayrell (2009) ainda afirma que a sociabilidade parece pertencer à dimensão da necessidade que o/a jovem possui de se comunicar, exercer sua solidariedade, democracia, autonomia, construir sua identidade e efetivar as trocas afetivas.

O ciberespaço é um importante local para os/as jovens construírem as relações de sociabilidade através de sites de relacionamentos, ferramentas de redes sociais, blogs, etc. Segundo Garbin (2003, p.121), “a mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso

comportamento” e se mostra parte constitutiva da juventude como um importante aspecto das culturas juvenis e da sua condição. A chamada juventude ciborgue (SALES, 2010), ou “Geração Net” (GARBIN, 2009), nasceu utilizando internet e isso modifica sua percepção de mundo e comportamento. No tópico a seguir, discutiremos a influência da cibercultura na vida da juventude ciborgue.

## CIBERCULTURA: ALGUNS DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Com advento da cibercultura novos desafios foram postos às juventudes a partir do surgimento das tecnologias digitais. Perspectivas diversas surgem da relação deste/a jovem com o/a outro/a, consigo mesmo/a, com a escola e com mundo. Nesse “novo” espaço interativo-comunicacional, as juventudes encontram-se intermediadas pelas ferramentas de redes sociais que, imersas no mundo *on-line*, relativizam o tempo e os espaços geográficos, modificando as formas de sociabilidade juvenil, comportamentos múltiplos que emergem a partir do surgimento do ciberespaço.

Práticas culturais, afetivas e intelectuais modificaram-se a partir da cibercultura e, por consequência, novas atividades surgem no ciberespaço. Diante do processo de midiatização cibernética, os/as jovens puderam experimentar novas percepções culturais e uma nova modelagem cultural em seu cotidiano. Babin e Kouloumdjian (1989), em suas pesquisas com os/as jovens ante a realidade da comunicação advinda com os avanços das tecnologias, confirmam a hipótese de que a invasão das novas mídias e o emprego das tecnologias na vida cotidiana modelam progressivamente um outro comportamento intelectual e afetivo. Os/as jovens “estão em outra”, afirmam os autores, e isso significa outras necessidades, outras percepções, outros relacionamentos, além daqueles conhecimentos muitas vezes vazios de significados que lhes chegam por meio das escolas e dos livros, organizados de forma tradicional e linear.

Nessa perspectiva, o ciberespaço não pode mais ser visto apenas como um lugar onde se trocam e buscam informações ou ainda um local onde se procura o lazer, mas ao contrário, deve ser entendido como um ambiente de produção de cultural, compartilhamento de saberes, no qual os/as jovens assumem e constroem suas identidades. Garbin (2009, p.36) afirma que a internet deve ser compreendida como um artefato cultural para que possa ser incorporada pelos processos de escolarização como uma prática válida, a fim de que os/as jovens que “passam horas teclando prazerosamente, possam também, passar horas lendo e produzindo com o mesmo prazer”. Em síntese, os/as jovens se aproximam e se identificam, minimizando ou anulando as distâncias geográficas, das comunidades virtuais e constroem suas identidades no ciberespaço.

Nesse contexto, a rede social EMDiálogo opera com elementos da cibercultura, atualmente constitutiva das culturas juvenis. O ciberespaço não é apenas o local que abriga o Portal, mas o próprio espaço em que a relação dos/as jovens com a cibercultura é também vivenciada. A juventude, a escola e as relações com o ciberespaço são objetos de investimento do EMDiálogo. Isso acontece por meio dos debates propiciados pelas publicações postadas no site em suas comunidades temáticas.

Sobre a sua estrutura, o Portal está organizado em 57 comunidades temáticas, nas quais são disponibilizados conteúdos, em diferentes suportes como vídeos, áudios, imagens e textos. Atualmente, conta com mais de 300 vídeos, atualizações e publicações de artigos diariamente, materiais que estabelecem uma relação direta com o universo das culturas juvenis e das escolas de ensino médio brasileiras. Os títulos das comunidades e os respectivos avatares já são um convite ao debate entre os/as jovens, como pode ser visto na figura 1.



Além de publicar e debater o conteúdo das comunidades já existentes, qualquer usuário/a cadastrado/a no EMdiálogo pode enviar a proposta de criação de uma nova comunidade abordando um tema que gostaria de discutir que, por ventura, não esteja contemplado em nenhuma comunidade existente. Por meio dessa íntima conexão com as culturas juvenis em suas comunidades temáticas, o Portal aponta pistas para a alteração das práticas curriculares. Além do debate sobre diversificadas questões que se referem diretamente ao ensino médio, o EMdiálogo disponibiliza ainda variadas possibilidades de uso curricular do seu conteúdo: indicações para aproximar a escola da juventude ciborgue que a habita. Alguns desses usos estão publicados na Galeria de Experiências do Portal.

A Galeria de Experiências EMdiálogo é um espaço que reúne propostas de ação e relatos de atividades realizados como ferramentas de aprendizado no ensino médio. Além das experiências e sugestões de atividades já cadastradas, os/as usuários/as do Portal EMdiálogo podem cadastrar novas propostas metodológicas de atividades, bem como compartilhar experiências realizadas nas escolas. Todo o material inserido fica disponível para consulta e comentários, funcionando como uma base organizada para agregar conhecimentos em torno das experiências curriculares.

A galeria foi pensada como um ambiente virtual colaborativo para agregar boas práticas e experiências interessantes que contribuam para a melhoria da qualidade da escola pública; a Galeria de Experiências EMdiálogo aproxima realidades distintas, ao mesmo tempo em que possibilita encontrar pontos de conexão entre elas. O que se quer é tecer uma grande e significativa rede de experiências e conhecimentos.

Para garantir a qualidade dos conteúdos compartilhados, o Portal conta com o trabalho de uma rede de colaboradores/as de 8 universidades federais de todo o Brasil, da qual fazem parte alunos/as de graduação e pós-graduação, professores/as da educação básica e do nível superior de ensino, dentre outros sujeitos que atuam para a construção de um ensino médio de qualidade. Nesse cenário de redes colaborativas, o portal EMdiálogo se conecta a outras ferramentas de redes sociais, como *Youtube, FaceBook e Twitter*, criando uma rede de circulação de ideias. Essa teia de conexões midiáticas tem um papel fundamental em relação às possibilidades sociointeracionais das juventudes no ambiente virtual de diálogo, criando relações entre pares, isto é, entre alunos/as do ensino médio.

Além desses aspectos, o funcionamento do Portal EMdiálogo aciona uma série de saberes próprios do ciberespaço, como a utilização de ferramentas de navegação, as conexões por meio de *hiperlinks*, os conteúdos indexados por *tags*, além do uso do "internetês". A linguagem cibernética e a linguagem juvenil se conectam, portanto, na composição do Portal EMdiálogo. É exatamente isso que discutiremos no tópico a seguir.

## MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O ciberespaço, além de potente veículo comunicacional da contemporaneidade, tem se mostrado um ambiente com uma identidade linguística carregada de especificidades constitutivas da comunicação no contexto virtual. Acompanhamos, assim, o aparecimento de múltiplas linguagens, além das técnicas hipermodais. Segundo Lemke (2002), a linguagem hipermodal<sup>4</sup> constitui um sistema de gêneros e linguagens submetidas a um processo de hibridização, formando uma unidade superior que não pode ser identificada

4 Lemke (2002, p.300) utiliza o termo "hipermodalidade" para descrever as novas interações entre os sentidos expressos pela palavra, pela imagem e pelo som nos sistemas de hipermídia, tais como a WWW (World Wide Web – Rede de amplitude mundial).

com ou subordinada a nenhuma de suas unidades constitutivas. Nesse novo sistema há diálogo não apenas entre os discursos e vozes sociais expressas verbalmente, mas entre signos e discursos de qualquer natureza (visuais, sonoros, musicais, etc). Segundo Garbin (2003), a internet reúne três campos que pareciam distintos uns dos outros até o advento da web e sua socialização: a cultura, a comunicação e a informação. A autora afirma que as fronteiras desses três temas desapareceram ou foram quebradas após a chegada da internet.

A própria palavra escrita, as imagens, os vídeos, a fala, a música, se transformaram e podem ser encontrados nas diversas culturas juvenis. Segundo Garbin (2009), essa juventude

é portadora também de uma linguagem própria, internáutica, abreviada, sincopada, cheia de códigos e sinais, uma espécie de ‘fala-teclada’ quase indecifrável para os não usuários da rede, na qual os jovens parecem expressar a sua preocupação com o ‘conteúdo’ da escrita, seja ela na Rede, em seus poemas, em seus blogs, orkut, webzines, twitters, cadernos de escola, redações... (GARBIN, 2009, p. 33).

Garbin (2009) afirma que essa linguagem, que muitos/as nomeiam de “internetês”, assim como todas as outras, possui características especiais adequadas à sua função que é a de comunicar. Porém, com surgimento desse conjunto diverso de mídias digitais, novos desafios comunicacionais se apresentam ao contexto juvenil. Comunicar-se, além de uma faculdade e necessidade humanas é parte indispensável no processo de construção e formação do mundo. Segundo Vidigal de Carvalho (1995, p. 158):

Comunicar significa repartir, dividir, pôr em comum. O homem compreende a si mesmo quando entra em comunhão com os outros e para os outros, pois as relações inter-humanas implicam a alteridade entre os próprios homens. Fora disto fica caracterizada a agressão existencial.

Segundo Gabin (2009, p. 34), essa nova forma de se comunicar – o “internetês” – “não é uma ameaça aos tradicionais adjetivos escolares da escrita”, porque não toma o espaço e nem substitui a linguagem formal. Segundo ela, o “internetês” é a interação deste ou daquele contexto com a linguagem que lhe convém; é fundamentalmente uma marca da cultura juvenil contemporânea; é uma linguagem construída no ciberespaço, gerida a partir da necessidade dessas juventudes de criar signos e significados que naveguem pelos novos meios de comunicação. Segundo Sales (2010, p. 57), o “internetês” “é o eixo articulador da subjetividade ciborgue” e essa nova linguagem cibernética hiperinterativa possui características que contemplam a representação das afetividades juvenis vivenciados no ciberespaço.

## ALGUNS EFEITOS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

As novas práticas de significação e comunicação desencadeadas pelas tecnologias digitais, e utilizadas no ciberespaço se intensificam no processo de efemeridade e fluidez das relações experimentadas pelos/as jovens no contexto socio-virtual estabelecido na internet. Esse movimento privilegia um alcance maximizado à informação em tempo minimizado, criando assim uma língua hipermodal que atende essa especificidade, além de traduzir a necessidade cognitiva juvenil de se comunicar pelas redes sociais.

Referenciando tal processo Braga (2004), lembra que, com os gêneros da web, emerge uma nova realidade comunicativa que ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros tradicionais. Como bem analisa a autora, cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis, pois cada forma semiótica é única na medida em que agrega um conjunto de normas interpretativas e possibilidades de significado que lhe são particulares.

Para exemplificar essa nova linguagem hipermodal recriada e reproduzida nas redes sociais, podemos citar as hashtags e os emoticons. Essa primeiro recurso consiste no uso de termos empregados geralmente para representar afetos, ideias, jargões ou até mesmo frases inteiras, desde que não sejam separadas por espaços. Além disso, usa-se o símbolo do jogo da velha (#) para marcar o início de uma hashtag, o que cria um link ativo (espaço específico sobre o assunto) que pode ser visitado e compartilhado com os/as usuários/as das redes sociais. Essa nova marca linguística que emergiu a partir do ciberespaço pode também representar uma palavra, uma ideia, uma filosofia, etc. Comumente usadas pelos/as jovens nas mais diversas redes sociais, as hashtags são empregadas também para designar categorias de conteúdos na internet, representando os temas centrais trabalhados por dado texto ou linguagem no ciberespaço.

Com base nisso, o projeto de extensão universitária Portal EMdiálogo é constituído por uma linguagem hipermodal de alcance juvenil cuja a proposta é propiciar diálogos sobre o ensino médio público brasileiro. Há uma adequação da linguagem dos artigos e das problematizações realizadas nos posts para que haja maior proximidade do Portal e seus conteúdos e discussões com as diversas realidades dos/as jovens brasileiros/as estudantes do ensino médio.

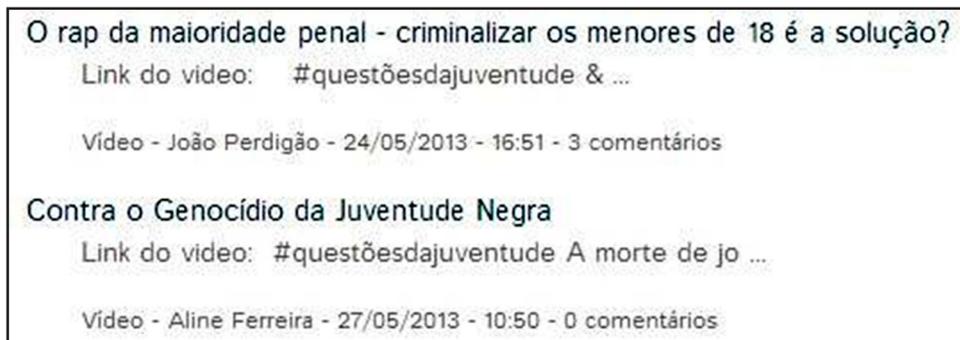


Figura 2: Exemplos de hashtags no Portal EMdiálogo. Fonte: www.emdialogo.uff.br. Acesso em: 20 Jun. 2013.

Por sua vez, os emoticons são resultado da contração das palavras em inglês: emotion (emoção) e icon (ícone). São ícones, geralmente circulares, que representam expressões faciais e, dessa forma, são associados ao estado emocional da pessoa que tecla. Os emoticons são, portanto, “desenhos – alguns com animação – os quais além de expressar sentimentos divertem, enfeitam. São técnicas estilísticas que acrescentam colorido e humor aos textos produzidos pelas/os internautas” (SALES, 2010, p. 58). O Portal EMdiálogo utiliza também os emoticons nas publicações em suas comunidades, conforme pode ser visto na figura 3.



Figura 3: Exemplos de emoticons na rede social Emdialógo. Fonte: [www.emdialogo.uff.br](http://www.emdialogo.uff.br). Acesso em 20 Jun. 2013.

Os significados dos *emoticons* são construídos e ressignificados a partir do contexto das redes sociais. Na figura 4 vemos alguns exemplos dos *emoticons* utilizados nas redes sociais.

😊 :)	feliz	😬 :	cara de tacho	😞 (:	entediado
😞 :(	triste	😬 / :)	desconfiado	😬 =P~	babando
😉 ;)	piscadinha	🤪 =) )	rolando de rir	🤔 : - ?	pensando
😄 :D	grande sorriso	👶 o: -)	anjinho	😬 #-o	arrependido
👁️ ; ;)	olhar 43	🤓 : -B	nerd	👏 =D>	aplausos
🤗 > :D<	grande abraço	🕒 =;	espera aí	👉 : -SS	roendo as unhas
😬 : - /	confuso	👉 : -c	me liga	😬 @-)	hipnotizado
😘 : x	apaixonado	👉 : ) ]	ao telefone	😬 : ^o	mentiroso
😬 : " >	envergonhado	👉 🗨️ ~X (	arrancando os cabelos	😬 : -w	esperando
😬 : P	mostrando a língua	👉 : -h	tchau	😬 : -<	suspirando
😬 : -*	beijo	👉 : -t	dá um tempo	😬 > : P	blééé
😬 = ( (	coração partido	👉 8->	sonhando acordado	👉 (<) :	cowboy
😬 : -o	surpreso	😬 I-)	dormindo	👉 X_X	Não quero ver
😬 X (	zangado	😬 8-	virando os olhos	👉 : ! !	depressal
😬 : >	orgulhoso	👉 I-)	perdedor	👉 \m/	agite!
😬 B-)	legal	😬 : -&	enjoado	👉 : -q	negativo
😬 : -S	preocupado	👉 : -S	segredo	👉 : -bd	positivo
👉 # : -s	ufal	👉 [ - (	de mal	👉 ^# (^	não fui eu
😬 > :)	diabólico	😬 : o)	palhaço	👉 : a r !	pirata*
😬 : ( (	chorando	👉 8-)	bobão		
😬 : ) )	gargalhando	👉 < : -P	festa		

Figura 4: Exemplos de emoticons nas redes sociais. Fonte: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2011/04/emoticons-yahoo-deixe-seu-messenger-mais-divertido.html>. Acesso em 20 de Jun. 2013.

Assim como a linguagem utilizada na internet não é apenas uma, é múltipla, o perfil dos/as jovens também abrange uma multiplicidade com amplas possibilidades de construir suas identidades. Nesse processo, afirma Garbin (2009, p.35), os/as jovens se constituem por meio de consumos culturais, os quais, “produzem, interpelam, subjetivam, disciplinam, regulam e ensinam modos dos sujeitos de ser/estar no mundo, através de artefatos e práticas produzidas culturalmente”. O Portal EMdiálogo opera portanto, com elementos da linguagem cibernética – “internetês” – acionando mais um importante elemento da cultura juvenil contemporânea. Isso faz dele um artefato que dialoga intimamente com a juventude ciborgue.

## CONCLUINDO

A partir das questões explicitadas sobre os desafios do ensino médio brasileiro, como a ainda precária universalização do acesso, altos índices de evasão, falta de sentido produzido pelos/as jovens, assim como a deficiente aprendizagem significativo, tem-se um cenário que traz muitos limites para essa decisiva etapa da educação básica. O ensino médio aparece como um momento da escolarização que possui condições estruturais, de currículo e de formação que estão longe de atender às demandas dos sujeitos em que ali estão. Com o advento da internet, muitos questionamentos adentraram as escolas sobre como articular as novas tecnologias digitais ao cotidiano de aprendizagens dos/as estudantes.

As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes na vida dos/as jovens e assim, as instituições educacionais se veem frente a essas questões a respeito de como validar esses saberes no cotidiano escolar e incorporá-los aos currículos. Sales (2010, p.63) afirma que o contexto escolar “opera com outra lógica, com outras técnicas, com outros saberes, com outro currículo, ainda que aspectos da vida pós-moderna adentrem constantemente as escolas”. É possível articular as tecnologias digitais aos currículos? Como aproximar as demandas das juventudes à realidade do ensino médio?

O projeto de extensão universitária Portal EMdiálogo, em articulação com as atividades de ensino e pesquisa científica, pode contribuir para a elaboração das práticas pedagógicas das escolas de ensino médio brasileiras, pois oferece múltiplas possibilidades para se trabalhar com os/as jovens. Além de ser uma ferramenta de rede social, o Portal funciona a partir da proposição de debates em torno de temáticas relevantes para a juventude. Enfim, o EMdiálogo pode ser produtivo na articulação das demandas juvenis, a fim de minimizar a incompatibilidade com as escolas, anunciada por Sibilía (2012a), pois utiliza elementos da cibercultura e promove debates sobre temáticas que fazem parte do universo cultural da juventude ciborgue.



## REFERÊNCIAS

BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. F. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 144-162.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. Ética na Comunicação. In: Simpósio Internacional de Ética, 2, 1995. Rio de Janeiro. *Anais do 2º Simpósio Internacional de Ética. Rio de Janeiro: UFU, 1995. Volume 20. n.º revista 01 e 02. 157-162.* Disponível em <<http://www.cocfi.ufu.br/FTP/SumariosRevistasFil.pdf> >

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Novos paradigmas de atuação e formação de docente. In: PORTO, Tania M. E. (Org.). *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003. p. 55-77.

DAYRELL, Juarez. Uma diversidade de sujeitos. O aluno do Ensino Médio: o jovem desconhecido. In: *Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. Salto para o futuro, Ano XIX, boletim 18 - p. 16-23. Nov. 2009. Disponível em: < <http://portaldoProfessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012176.pdf>> Acesso em 02 mai.2015

GARBIN, Maria Elisabete. Participação juvenil nas escolas. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: *Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. Salto para o futuro. Brasília. Ano XIX boletim 18 – p. 30-40. Nov, 2009.

GARBIN, Maria Elisabete. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 23. p. 119-35, maio/jun./jul./ago. 2003.

LEMKE, Jay L. Travels in Hypermodality. (2002). Disponível em <<http://vcj.sagepub.com/content/1/3/299.abstract>> Acesso em 19 de julho de 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

REIS, Juliana Batista dos; JESUS, Rodrigo Ednilson. Culturas juvenis e tecnologias. In: CORREA, Licínia. Maria. (Org.). *Projeto Diálogos com o Ensino Médio: Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador*. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <[http://observatoriodajuventude.ufmg.br/jubemi/pdf/modulo04\\_01.pdf](http://observatoriodajuventude.ufmg.br/jubemi/pdf/modulo04_01.pdf)> Acesso em: 10 ago. 2013.

SALES, Shirlei Rezende. Interface entre currículo escolar e currículo do Orkut: ciborguização da juventude contemporânea. In: PARAÍSO, Marluce Alves. (Org.). *Pesquisas sobre currículo e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010. p. 53-74.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 229-248.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012a.

SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiper-conectado: Redes em vez de muros?. *Matrizes* (USP. Impresso), v. 5, 2012b. p. 195-211.

SPOSITO, M.P. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados. *Jóvenes: Revista de Estudios sobre Juventud*, México, DF, v. 9, n. 22, jan./jun. 2005.

Artigo recebido em:  
3/2/2015

Aceito para publicação em:  
23/06/2015



# O USO DAS AJUDAS TÉCNICAS PELOS PROFESSORES DE SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E CLASSES INCLUSIVAS

## USE OF TECHNICAL ASSISTANCE BY TEACHERS OF MULTIFUNCTIONAL FEATURES AND CLASS ROOMS INCLUSIVE

UFF / UERJ - RJ

*RODRIGUES, Suellen da Rocha<sup>1</sup>*  
*FERNANDES, Edicléa Mascarenhas<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este estudo é uma ramificação do Projeto de Extensão “Diversidade e Inclusão: Vivenciado Linguagens”, desenvolvido pelo Núcleo de Educação Especial e Inclusiva da UERJ e tem como objetivo pesquisar o uso da ajuda técnica por parte dos professores de Salas de Recursos Multifuncionais e Classes Inclusivas, de um município da região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia utilizada é a pesquisa participante/pesquisa-ação, a partir da realização de duas oficinas que buscaram possibilitar aos professores a oportunidade de conhecer e refletir sobre importância de tais recursos, através do contato e da experimentação, tendo sido aprovado pela Plataforma Brasil, em 2014, sob o nº do parecer: 647.037. Concluímos que a atividade desenvolvida pelo projeto proporcionou aos professores um maior conhecimento sobre a ajuda técnica, não somente na compreensão do uso de software, mas no seu uso como ferramenta que vem a facilitar a autonomia de seu aluno.

Palavras-Chave: Ajudas Técnicas; Acessibilidade; Educação Inclusiva.

### ABSTRACT

This study is a branch of the Extension Project “Diversity and Inclusion: Experiencing Languages”, developed by the Special and Inclusive Education Center of UERJ and aims to research the use of technical assistance by teachers of Multifunctional Resources and Inclusive Classrooms in a town in the south region of Rio de Janeiro. The methodology used was participatory research/action research: two workshops were held in order to allow teachers the opportunity to learn about and reflect on the importance of such resources through contact and experimentation. This research was approved by Plataforma Brasil in 2014, under the number 647.037. Results revealed that the activity developed by the project provided teachers with better understanding of technical assistance, not only regarding the use of the software, but also its use as a tool to foster students’ autonomy.

Keywords: Technical Assistance; Accessibility; Inclusive Education.

1 Aluna do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil.  
E-mail: suellen2709@yahoo.com.br

2 Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Professora convidada do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. Doutorado em Ciências na Área de Saúde da Criança e da Mulher pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Brasil E-mail: professoraediclea.uerj@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve sua raiz a partir das atividades realizadas pelo projeto de Extensão “Diversidade e Inclusão: Vivenciado Linguagens”, vinculado ao Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NEEI) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tal projeto é de natureza qualitativa, realizado no cotidiano das classes inclusivas, e objetiva contribuir para a formação continuada dos professores e com o processo de avaliação das potencialidades afetivas, cognitivas, motoras e linguísticas dos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, identificando as áreas de necessidades. Assim, é possível que os professores possam não só compreender como também lidar com as especificidades educacionais de cada aluno.

Para isso, foi realizada uma parceria entre o Núcleo de Educação Especial e Inclusiva com a coordenação de Educação Especial de um município da região Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro, tendo como base os princípios da extensão, ou seja, a troca entre a universidade e a sociedade. Segundo o Fórum Nacional de Pró-Reitores, que ocorreu em 1987, a Extensão Universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e transformadora entre Universidade e Sociedade.

A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. - Fórum Nacional de Pró-Reitores, 1987 (Fórum Nacional de Pró-Reitores, *apud* SERRANO, 2011, p. 7)

Para isso, utilizaremos como referenciais teóricos Glat & Fernandes (2005), Fernandes et al. (2007) e Fernandes e Orrico (2011), além de nos ampararmos nas legislações que tratam da educação inclusiva e da formação dos profissionais de educação. Afinal, a garantia do direito à educação do aluno com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, público-alvo da Educação Especial, é assegurada por elas. Um exemplo é a Declaração de Salamanca, ao estabelecer que “a escola deve se adaptar ao aluno e não o aluno a escola” (UNESCO, 1994) e da LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996), que em seu artigo 59º destaca que os sistemas de ensino deverão assegurar aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades”.

Porém, antes de darmos início a essa discussão, é importante destacar que o processo da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva recente encontra-se em amplo debate social e no contexto das políticas públicas no sentido de equalizar oportunidades e também de garantir os recursos específicos aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Atualmente, a garantia da inclusão mais uma vez foi referendada pelo Decreto nº 6.949/09 (BRASIL, 2009), que garante a proteção dos direitos das pessoas com deficiência<sup>3</sup>.

O Decreto nº 7.611/11 (BRASIL, 2011) estabelece como público-alvo da educação especial os alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, devendo a Educação Especial garantir os serviços de apoio especializado voltados a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização desses estudantes. São denominados os serviços de apoio

<sup>3</sup> Termo utilizado pelo Decreto.

como Atendimento Educacional Especializado, que devem ocorrer nas Salas de Recursos Multifuncionais.

O art. 5º, § 3º do Decreto supracitado estabelece que tais espaços devam ser: “ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado”. Tais ambientes, portanto, devem visar eliminar as barreiras físicas e de comunicação dos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, facilitando a participação e o desenvolvimento acadêmico e social dos mesmos, além de contar com equipamentos apropriados.

Atualmente, com a política de implementação das Salas de Recursos Multifuncionais, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) entrega às escolas as chamadas ajudas técnicas (também descritas com as seguintes terminologias: “Tecnologia Assistiva”, “Tecnologia de Apoio”, “Tecnologia Adaptativa”, “Adaptações”, “Recursos de Acessibilidade”). Isso é descrito no “Manual de Orientação: Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais”<sup>4</sup> (BRASIL, 2010), para ser instalado nas Salas de Recursos Multifuncionais, aos quais podem ter acesso todos os professores da escola.

Porém, tais recursos acabam não chegando aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, pela ausência de uma formação continuada aos professores e da existência de um material de apoio adequado para o seu uso. Importante destacar que dos materiais enviados pelo MEC, trataremos neste trabalho especificamente sobre o uso de *softwares*<sup>5</sup> educativos e inclusivos.

Esses artefatos oferecem às pessoas com necessidades especiais uma maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado, trabalho e integração com a família, amigos e sociedade. Ou seja: “A ajuda técnica é definida com qualquer elemento que facilite a autonomia pessoal ou possibilitando o acesso e uso de meio físico.” (FERNANDES; ORRICO, 2011, p. 74). Portanto, trata-se de uma ferramenta muito importante para a pessoa com necessidades especiais.

Então, as ajudas para as pessoas com deficiências e necessidades especiais constituem-se como espaço de extensão de sua própria identidade corporal. A perda de uma função corporal envolve um novo redimensionamento da pessoa em relação ao seu próprio esquema corporal. (FERNANDES; ORRICO, 2011, p. 74).

4 Os materiais enviados pelo MEC para as Salas de Recursos Multifuncionais são distinguidos como: Tipo I, que oferecem: equipamentos (laptop, estabilizador, scanner, lupa eletrônica, microcomputadores, teclado com colmeia, acionador de pressão, mouse com entrada para acionador e dominó de associação de ideias); Materiais Didático-Pedagógicos (esquema corporal, bandinha rítmica, material dourado, software comunicação alternativa, dominó de frases, dominó de frutas em libras, alfabeto Braille, plano inclinado – suporte para leitura, Memória Tátil, quebra cabeças – sequência lógica, dominó de associação de ideias, memória de numerais, tapete alfabético encaixado, dominó de animais em libras, dominó tátil, kit de lupas manuais e sacolão criativo monta tudo), e Mobiliários (mesa redonda, armário, cadeiras, mesa para impressora, quadro branco, mesas para computador); e as do Tipo II, que além dos recursos pelo Tipo I, oferecem: impressora Braille – pequeno porte, soroban, máquina de datilografia Braille, reglete de mesa, guia de assinatura, kit de desenho geométrico, calculadora sonora e punção. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17430&Itemid=817](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17430&Itemid=817). Acesso em: 12 jan. 2014.

5 Software é uma sequência de instruções escritas para serem interpretadas por um computador com o objetivo de executar tarefas específicas. Também pode ser definido como os programas que comandam o funcionamento de um computador. Informação disponível em: <http://www.significados.com.br/software/>. Acesso em: jan. 2015.

A ajuda técnica é acesso, acessibilidade, ponte para um reequilíbrio no mundo interno e para a manutenção da vida social da pessoa com deficiência. É ser humano que segue em sua existência. (FERNANDES; ORRICO, 2011, p. 75-76).

Levando em consideração que, atualmente, os municípios vêm ampliando a oferta de matrícula dos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, devido às legislações ligadas à Educação – como a LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996) e o Decreto nº 3.298/99 (BRASIL, 1999) –, é muito oportuno que o professor obtenha uma educação continuada. Afinal, a educação está sempre em processo, em evolução, através do surgimento de novas metodologias, tecnologias e reformulação de conceitos.

Principalmente no campo da educação especial, cria-se um espaço de análise, investigação e debate acerca de questões concretas, inerentes à problemática da adaptação do currículo nacional a diferentes níveis, sobretudo ao uso da tecnologia assistiva; numa perspectiva de repensar a escola enquanto instituição que reconhece a diversidade como o seu paradigma organizador.

## MÉTODO

A metodologia utilizada é qualitativa, através da realização da pesquisa participante/pesquisa-ação, em que foram realizadas duas oficinas de Tecnologia Assistiva oferecidas para professores de Salas de Recursos Multifuncionais e de Classes Inclusivas. E com base na extensão, pensamos na utilização destas metodologias, pelo fato de entendermos que a pesquisa participante

[...] vincula-se à imersão prática, no sentido das comunidades não terem somente seus problemas estudados, mas terem formas para resolvê-lo; porque uma das suas pretensões é contribuir para que as comunidades se tornem sujeitos capazes de história própria, individual e coletiva. (FERNANDES, 2007, p.121)

Enquanto a pesquisa-ação faz

[...] formulação do problema: a partir de definido claramente o problema, inicia-se uma série de coletas de informações, documentais ou orais para definir melhores ações; avaliação da ação, dos resultados, que pode implicar a redefinição do problema, se necessário, e até de um novo plano de ação. (FERNANDES, 2007, p.121)

Com isso, a utilização da pesquisa participante/pesquisa-ação tem como objeto pesquisar o sujeito em seu sentido pleno, buscando soluções para os problemas apresentados pelos sujeitos participantes. Ou seja, foi escolhida por entendermos que essa proposta nos possibilitaria investigar a formação que é oferecida aos professores, sendo essa formação anterior ou posterior à conclusão de seu curso, a fim de concluir se as mesmas já se encontram no paradigma da inclusão.

Para isso, analisaremos as falas e os questionamentos dos profissionais da educação a respeito da formação de tais indivíduos para o exercício de uma educação verdadeiramente inclusiva, levando em consideração o uso da tecnologia assistiva como ferramenta que venha a auxiliar esse processo de inclusão.

## PROCEDIMENTO

Para a concretização deste estudo, foram realizadas duas oficinas, com duração de quatro horas cada, nos meses de agosto e setembro de 2014. Participaram 27 professores de Salas de Recursos Multifuncionais e Classes Inclusivas de um município da região Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro, que conta com uma área de 477,662 km<sup>2</sup> e com 8.545 habitantes. O critério utilizado para a escolha dos professores foi a necessidade de que eles atuassem em Salas de Recursos ou Classes Inclusivas e que tivessem interesse em participar das oficinas.

As oficinas foram realizadas da seguinte forma:

- 1ª Oficina: Apresentação sobre o uso da Tecnologia Assistiva e uma investigação prévia com os participantes, em que serão observados os conhecimentos já existentes sobre o uso de tais recursos no processo de ensino/aprendizado dos educandos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Essa etapa foi feita a partir da observação entre as discussões apresentadas nas oficinas; das respostas obtidas através de um questionário composto de sete perguntas abertas e uma pergunta fechada.
- 2ª Oficina: Apresentação de cinco softwares utilizados a fim de analisar as dificuldades e facilidades apresentadas pelos professores para com a utilização de tais recursos e uma avaliação oral a respeito da oficina, em que os participantes apontaram os pontos positivos e negativos dos softwares.

Os cinco *softwares* utilizados foram escolhidos de maneira que pudessem atender os diferentes alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, além do fato de os *softwares* selecionados serem gratuitos.

Tal escolha se deu com o objetivo de estimular os professores a fazerem uso dos programas, através da garantia ao acesso livre. Ressaltamos que o acesso livre dos programas facilita que as instalações não ocorram apenas nos computadores das escolas, mas também em seus computadores particulares.

Os programas selecionados foram:

- ABC do Sebran – Programa composto de 12 jogos que visam ajudar o aluno na área da Matemática e da Língua Portuguesa, além de auxiliar na coordenação motora, atenção e raciocínio lógico. Trata-se de um programa composto por figuras coloridas, música (opcional), jogos alfabetizantes e leituras para as crianças que se encontram na etapa de alfabetização.
- Braille Fácil – Programa desenvolvido para a criação de textos em Braille, transcrevendo automaticamente os documentos em texto para Braille. Tal programa possibilita que até mesmo a pessoa que não tenha conhecimento específico do Braille seja capaz de escrever um documento em Braille; porém, é importante destacar que, mesmo com as facilidades que a ferramenta proporciona, é importante que o usuário tenha um pouco de conhecimento quando for realizar uma transcrição mais específica.
- DosVox – Programa usado como leitor de tela de computadores, passa as informações presentes no computador através de som, proporcionando que a pessoa com deficiência visual acesse todo o sistema do computador através de

um sintetizador de voz. O programa ainda contém jogos educativos que podem ser utilizados por pessoas que não sejam deficientes visuais, assim também como as suas demais funções.

- Editor Livre de Prancha – Programa desenvolvido com o intuito de confeccionar pranchas de Comunicação Alternativa e Ampliada<sup>6</sup>, destinado principalmente para pessoas com dificuldades de comunicação.
- LetMe Talk – Programa de Comunicação Alternativa e Ampliada para dispositivos móveis, tipo Android, que pode ser utilizado por autistas, paralisados cerebrais, Síndrome de Down, desordens de articulação/fonológicas etc. Contém mais de 9 mil imagens em seu banco de dados e permite a importação de imagens salvas no dispositivo, podendo, inclusive, adicionar fotos retiradas na hora.

É importante destacar que, no início da pesquisa, foram selecionados os seguintes softwares: o ABC do Sebran, o Braille Fácil, o Boardmaker, o Editor Livre de Prancha, o NVDA e o Tobii Sono Flex.

Entretanto, ao longo da pesquisa, o software Boardmaker foi considerado desnecessário pelo fato de se tratar de um software pago. Mesmo sabendo que o Boardmaker faz parte do material enviado pelo MEC para as Salas de Recursos Multifuncionais, pelo fato de ser um software que só pode ser usado em um computador por vez (é necessário que, além de instalá-lo no computador, o usuário, ao fazer seu uso, coloque o CD no computador), isso tornou-se uma dificuldade na realização das oficinas com os professores.

Além disso, já tínhamos, em nossa apresentação, o software Editor Livre de Prancha, que assim com o Boardmaker é um programa que tem como intuito a elaboração de pranchas de Comunicação Alternativa e Ampliada.

Foram ainda substituídos os softwares NVDA pelo Dosvox, que além de ser um leitor de tela, também possui jogos didáticos que podem ser utilizados por alunos que não são deficientes visuais; e o Tobii Sono Flex pelo LetMe Talk, por ser considerado um programa mais completo e de mais fácil manuseio.

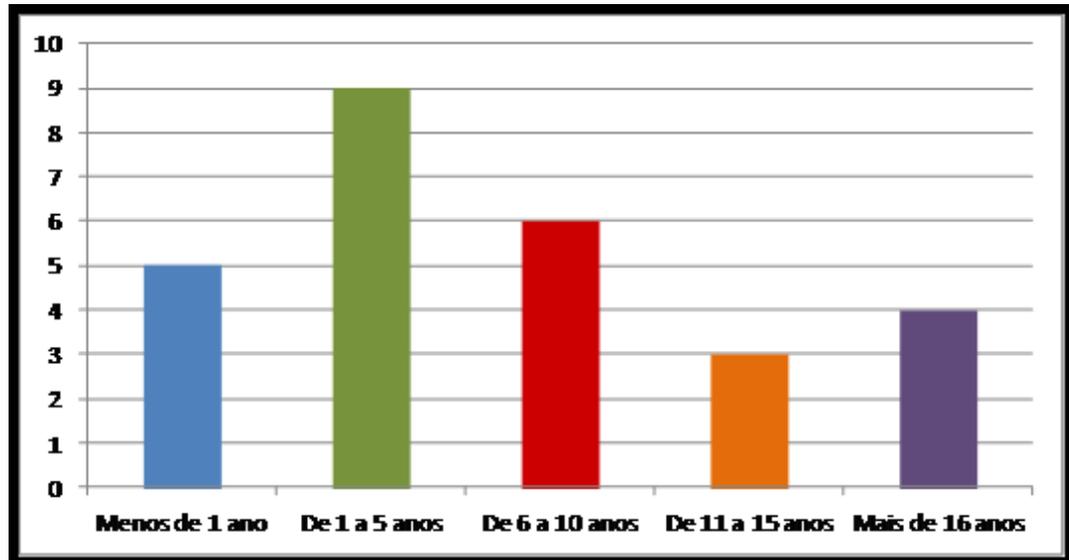
Cabe ainda ressaltar que as oficinas foram gravadas (áudio), com o objetivo de se acompanhar, na dialética participante, as formas de apreensão dos materiais e o uso dos mesmos pelos professores participantes. Além disso, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil, sendo aprovada no dia 23 de maio de 2014, sob o nº do parecer: 647.037, e contou com a assinatura de um termo de consentimento livre por parte dos participantes, a partir do esclarecimento sobre a pesquisa.

## RESULTADOS

Antes de dar início à apresentação dos resultados, é importante destacar que até o presente momento foram analisadas as duas primeiras oficinas, que atenderam 27 professores de Salas de Recursos Multifuncionais e Classes Inclusivas.

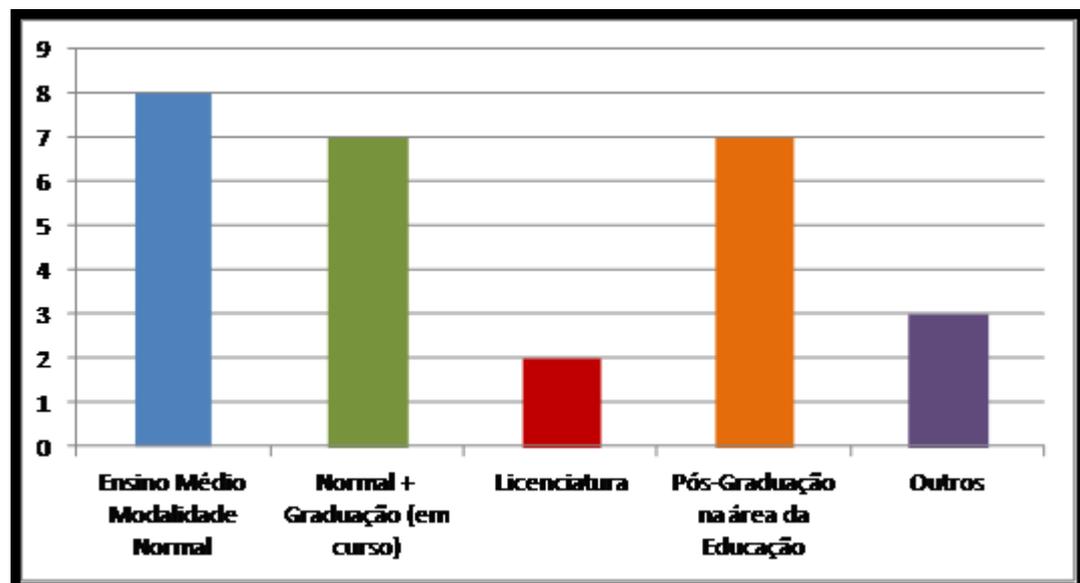
---

<sup>6</sup> Segundo Walter e Almeida, Comunicação Alternativa e ampliada é um termo utilizado para definir outras formas de comunicação como o uso de gestos, expressões faciais, o uso de pranchas de alfabeto ou sinais pictográficos, comunicadores com voz sintetizadas e tabletes. É considerada Alternativa quando o indivíduo não apresenta outra forma de comunicação, e considerada Ampliada quando o indivíduo possui alguma comunicação, mas essa não é suficiente para a suas trocas.

**Gráfico 1 – Tempo de Magistério dos Professores**

Como primeiro dado da pesquisa, observamos que 14 professores atuam em sala de aula há, no máximo, 5 anos, dos quais 5 ainda não completaram nem um ano de magistério. Pelos dados obtidos, é possível concluir que a formação dos professores ocorreu há menos de 10 anos, haja vista a idade informada ser de 20 a 27 anos.

Dos demais professores entrevistados, 6 atuam entre 6 e 10 anos, 3 entre 11 e 15 anos, e 4 atuam há mais de 16 anos no magistério, em que as idades se situam entre 26 e 44 anos.

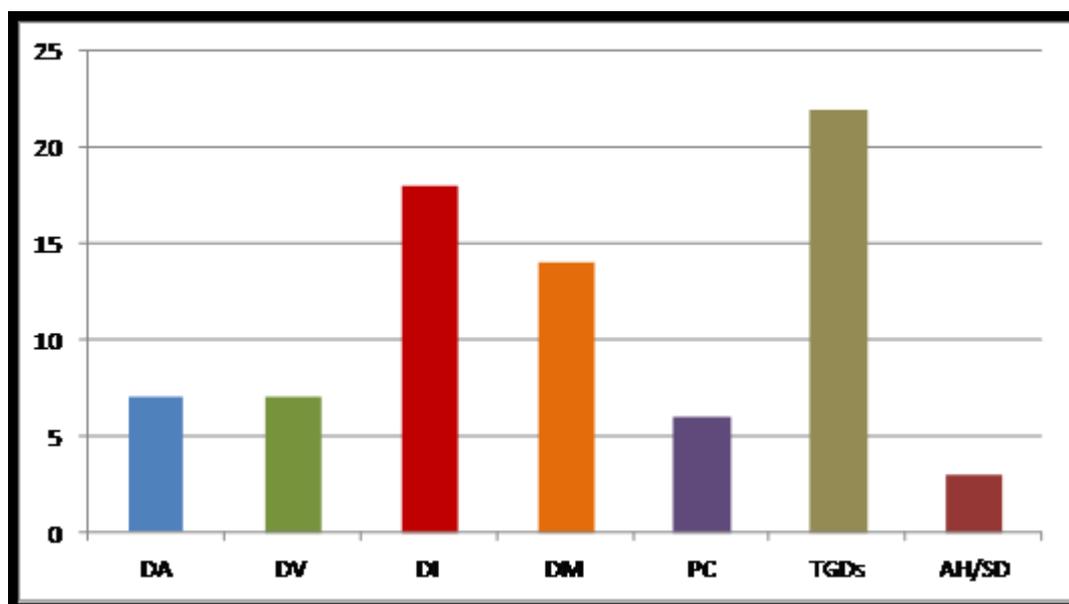
**Gráfico 2 – Formação dos Professores**

Sobre a formação dos professores, chama a atenção que, dos 27 professores que participaram das oficinas, 15 possuem somente o Ensino Médio na modalidade Normal, ou seja, formação mínima para o exercício do magistério. Destes 15 professores, apenas 7, menos da metade, estão fazendo alguma graduação.

Em contrapartida, 7 professores, mesmo após a conclusão de suas graduações, continuaram buscando se aperfeiçoar por meio de cursos de pós-graduação na área da Educação. Durante a realização das oficinas, todos os professores mencionaram a importância de que o professor esteja sempre em busca de novos conhecimentos, e, para isso, além de ser necessário que ele tenha interesse nessa formação continuada, é necessário que os municípios, além de oferecerem cursos, oficinas, palestras etc., ofereçam-lhes suportes para a realização de formação paralela a prestada por eles.

Segundo Glat e Fernandes (2005, p.4), “[...] para oferecer uma educação de qualidade para todos os educandos, inclusive os portadores de necessidades especiais, a escola precisa capacitar seus professores, preparar-se, organizar-se”.

**Gráfico 3 – Tipos de necessidades educacionais especiais atendidas pelos professores**



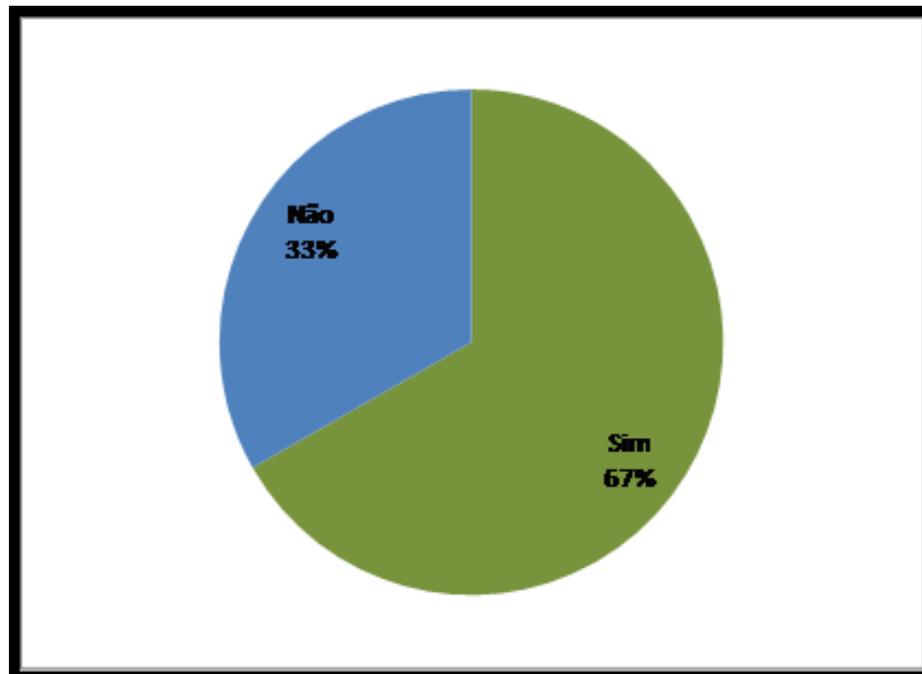
A partir dos dados, é possível observar que a clientela do município é bastante diversificada. Outro destaque está relacionado às siglas apresentadas no Gráfico 3, referentes à identificação dos alunos atendidos:

- DA - Deficiência Auditiva
- DV - Deficiência Visual
- DI - Deficiência Intelectual
- DM - Deficiência Motora
- PC - Parálisia Cerebral
- TGDs - Transtornos Globais do Desenvolvimento
- AH/SD - Altas Habilidades ou Superdotação

É importante destacar que, dos entrevistados, 01 (um) professor não respondeu esta pergunta.

Sobre o atendimento, destacamos que a maioria são alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento, seguidos de Deficiência Intelectual e Deficiência Motora, e, em menor escala, alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, seguidos dos alunos com Paralisia Cerebral e Deficiência Auditiva e Visual empatados.

**Gráfico 4 – Quantitativo de professores que usam alguma Ajuda Técnica com seus alunos com necessidades educacionais especiais**



É possível observar que 33% dos participantes das oficinas não fazem uso da Tecnologia Assistiva para a realização do atendimento educacional especializado de seus alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Não obstante, Embora como vimos anteriormente, o Decreto nº 7.611/11 (BRASIL, 2011) estabelece, em seu Art. 3º, que o atendimento educacional especializado tem como objetivo:

- I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;
- II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;
- III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino.

Isso nos leva a refletir qual metodologia esses professores utilizam durante o processo de ensino/aprendizagem dos seus alunos. Para que o processo seja eficaz, faz-se necessário que o professor obtenha uma formação contínua e especializada em educação especial, criando um espaço de análise, investigação e debate sobre problemas concretos, inerentes à problemática da adaptação do currículo nacional, em diferentes níveis.

O trabalho pedagógico precisa contribuir para que os alunos com necessidades educativas especiais tenham a oportunidade de estruturar sua relação com o conhecimento de maneira a tornarem-se íntegros enquanto indivíduos e enquanto classe (FERNANDES; *et al*, 2007, p. 7).

É importante destacar ainda que, dos 27 professores participantes da pesquisa, apenas 4 não souberam, ou não quiseram, responder se sabiam o que seria Tecnologia Assistiva e para que serve. Em grande parte das respostas apresentadas, definições coincidem com o real sentido de ajudas técnicas.

P 2 – *“É uma ferramenta que ajuda no desenvolvimento do trabalho com o aluno com dificuldades educacionais especiais.”*

P 7 – *“É todo tipo de tecnologia que possibilite assistir um aluno com alguma deficiência/superdotação, levando-o a uma aprendizagem significativa.”*

P 20 – *“É aquela tecnologia que ajuda o profissional a adaptar o currículo e as atividades de acordo com a necessidade do aluno.”*

Quanto ao questionamento sobre a existência de formação continuada para os professores, sobre o atendimento educacional especializado aos alunos público-alvo da educação especial por parte do município, as respostas são divididas. Ou seja, para alguns professores, o município oferece, e para outros não, como seguinte fala:

P-24 – *“Formação continuada não. O que tivemos são palestras específicas”.*

Outros relatam que o município vem começando a realizar essas formações:

P-14 – *“Estamos iniciando agora com oficinas e alguns cursos oferecidos. Seria interessante oferecer para os cursos um curso de pós em AEE (Atendimento Educacional Especializado)”*

Sobre os *softwares* apresentados, os que mais agradaram os professores foram:

- ABC do Sebram – Por se tratar de um jogo que contém jogos educativos;
- Dosvox – Além de ser utilizado pelos alunos com deficiência visual, apresenta jogos que podem ser utilizados com os demais públicos da educação especial.

*“Adorei o ABC de Sebram, já me vejo fazendo o uso dele para atender meus alunos com deficiência intelectual. Achei muito legal ele apresentar graus de dificuldade; assim, posso ir avaliando se o meu aluno está assimilando o conteúdo, e caso eu perceba que ele ainda não está preparado para aquele nível do jogo, é só eu voltar para o nível anterior.”* (fala de um dos professores durante a realização da oficina)

*“Eu não sabia que o Dosvox poderia ser utilizado com alunos que não tivessem Deficiência Visual; para mim, ele só era um leitor de tela. Gostei dos joguinhos, vou utilizá-los com os meus alunos!”* (fala de um dos professores durante a realização da oficina)

Por sua vez, o LetMe Talk foi o programa que ganhou maior atenção por parte dos professores. Embora seja uma tecnologia usada em tablets, o fato de poder ser utilizado em aparelhos do tipo Android faz com que possa ser instalado tanto nos tablets, quando nos celulares, podendo, assim, dar voz para aqueles alunos que não conseguem se comunicar.

Esse fato chamou a atenção dos professores, que acabaram identificando que o material poderia ser, utilizado, inclusive pelos responsáveis dos seus alunos.

*“Achei bem interessante o programa LetMe Talk, aqui na secretaria a gente recebeu alguns tablets que vão poder ser utilizados com os alunos que não*

conseguem se comunicar, e até mesmo ensinar para os responsáveis, já que a maioria das pessoas hoje em dia tem esse tipo de celular. Muito legal mesmo!” (fala de um dos professores durante a realização da oficina)

“O que mais me chamou atenção no LetMe Talk foi o fato de ser utilizado em celulares, isso me faz pensar que podemos apresentá-lo para os pais dos nossos alunos, que não conseguem se comunicar, para que eles usem com seus filhos em casa, também.” (fala de um dos professores durante a realização da oficina)

As falas dos professores demonstram o quão imprescindível e importante é o diálogo da universidade com a sociedade, aqui representada pelos professores, no sentido de promover a conscientização por meio de formação que proporcione o desenvolvimento da sensibilidade docente, da percepção e identificação dos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, público para além de suas necessidades educacionais especiais, no reconhecimento das diferenças e singularidades dos indivíduos.

## CONCLUSÃO

Observa-se, através dos discursos dos professores, que ainda falta apoio por parte do poder público no oferecimento e incentivo de que eles (os professores) tenham uma formação mais específica sobre o uso da ajuda técnica; que as mesmas são de extrema importante no processo de ensino e aprendizado dos alunos, em especial o público-alvo da educação especial.

Embora tenha sido percebível, durante as oficinas, a surpresa por parte dos professores quando é falado que todos os softwares apresentados são gratuitos e encontram-se facilmente para download na internet, o que acabou fazendo com que percebessem que a formação continuada não é apenas uma obrigação do estado em oferecê-la, mas também do professor em estar continuamente a buscando. E ainda que existem muitos recursos gratuitos que podem ser utilizados como apoio para a construção de materiais, o ensino de conteúdos, a avaliação etc.

Concluimos que a realização das oficinas proporcionou aos professores um novo olhar para o uso dos equipamentos tecnológicos. É preciso que o professor, quando necessário, modifique e ajuste suas estratégias pedagógicas de ensino na medida em que observa o desenvolvimento de seu aluno.

Embora grande parte dos professores tenha dito que tinham conhecimento sobre o uso da ajuda técnica, efetivamente não faziam o uso de tais ferramentas, e, a partir das oficinas, perceberam que é necessário que o professor tenha um olhar diferenciado sobre os alunos e sobre a própria formação.

Este olhar deve ocorrer de maneira mais humana e consciente, contribuindo para o acesso ao conhecimento dos alunos, apresentando-lhes questões acerca dos seus direitos, reconhecidos por leis, a fim de se combaterem práticas segregadoras vivenciadas historicamente.

Pode-se constatar, portanto, que o uso da pesquisa participante/pesquisa ação no projeto extensionista desenvolvido no município trouxe maior conhecimento por parte do público docente sobre a ajuda técnica, e não somente na apreensão do uso dos diferentes tipos de software, mas na aplicação dos mesmos no cotidiano das salas de aula para com os alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN nº 9.394/96**. Brasília: MEC/SEESP, 1996.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. **Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências**. Brasília: MEC/SEESP, 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm). Acesso em: 10 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Portal de ajudas técnicas. **Tecnologia Assistiva: recursos de acessibilidade ao computador**. Brasília: MEC/SEESP, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas\\_tec.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf). Acesso em: 14 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007**. Brasília, 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 22 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Manual de Orientação: Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais**. Brasília: MEC/SEESP, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17430&Itemid=817](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17430&Itemid=817). Acesso em: 9 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Brasília: MEC/SEESP, 2011. Disponível em: <http://www.leidireto.com.br/decreto-7611.html>. Acesso em: 4 jun. 2014.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. **Especialização em Educação Especial: fundamentos da educação especial**. Metodologia Científica. 1.ed. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

\_\_\_\_\_. *et al.* A disciplina prática pedagógica em educação inclusiva no currículo das licenciaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: uma proposta de formação reflexiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBMEE), IV., 2007. **Anais....** Londrina, 2007.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas; ORRICO, Hélio Ferreira. **Acessibilidade e Inclusão Social**. 1.ed. Rio de Janeiro: Deescubra, 2011.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. **Revista de Educação Especial**, Out/2005.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de Extensão Universitária: um diálogo com Paulo Freire**. 2011. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf). Acesso em: 17 jan. 2015.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Salamanca/ESP. Brasília: Corde, 1994.

WALTER, Cátia; ALMEIDA, Maria Amélia. Avaliação de um programa de comunicação alternativa e ampliada para mães de adolescentes com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.16, n.3, p. 429-446, 2010-12. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382010000300008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000300008&lang=pt). Acesso em: 22 jan.2015.

Artigo recebido em:  
18/1/2015

Aceito para publicação em:  
23/06/2015



# O DESPERTAR DO GOSTO PELA LEITURA: UMA BIBLIOTECA COM SABER E SABOR

## AWAKENING THE PLEASURE OF READING: A LIBRARY WITH KNOWLEDGE AND FLAVOR

*ANDRÉ, Bianca Pires<sup>1</sup>*  
*AZEVEDO, Samara Moço<sup>2</sup>*  
*SILVA, Rosilani Balthazar da<sup>3</sup>*  
*SILVA, Camille Auatt da<sup>4</sup>*  
*CURTY, Layra do Espírito Santo<sup>5</sup>*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é compartilhar os resultados de um Projeto de Extensão realizado em uma Escola Municipal em Campos dos Goytacazes, com alunos do 6º ao 9º ano, durante o ano de 2013. O Projeto tinha a finalidade de, além de montar uma biblioteca, analisar o tipo de relacionamento que os alunos desenvolviam com a leitura. Os dados foram recolhidos através de observação em sala de aula, questionários e realização de atividades que estimulassem a leitura. Os resultados mostram que a leitura não pode ser considerada uma atitude passiva de decodificação de palavras, mas precisa ser estimulada pela família e pelos professores através de “modelos de leitura”, assim como pela liberdade e flexibilidade da escolha de temas.

Palavras-chave: Leitura; Ensino Fundamental; Alunos; Biblioteca.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to share the results of an Outreach Project carried out in a Municipal School in Campos dos Goytacazes with 6th to 9th grade students during the 2013 school year. The project intended both to set up a library, as well as to analyze the type of relationship that students developed with reading. Data were generated through classroom observation, questionnaires and activities that stimulated reading. The results show that reading cannot be considered the mere passive decoding of words, but an activity that needs to be stimulated by family and teachers through “reading models”, as well as students’ freedom and flexibility to choose the themes they want to read.

Keywords: Reading; Elementary School; Students; Library.

1 Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona.

E-mail: [biankapires@gmail.com](mailto:biankapires@gmail.com)

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. E-mail: [samara.moco@gmail.com](mailto:samara.moco@gmail.com)

3 Aluna do curso de Mestrado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF.

E-mail: [rosilanibalta@hotmail.com](mailto:rosilanibalta@hotmail.com)

4 Aluna do curso de Mestrado da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. E-mail: [camilleauatt@yahoo.com.br](mailto:camilleauatt@yahoo.com.br)

5 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. E-mail: [layracurty@hotmail.com](mailto:layracurty@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

No auge da segunda década do século XXI, vivemos numa sociedade em que a cultura letrada vem perdendo espaço para a cultura da imagem de forma surpreendente. Se antes nos queixávamos que o povo brasileiro lia pouco, hoje continuamos a nos queixar que nossos jovens não tem o hábito da leitura. E com o avanço das novas tecnologias, este quadro poderia se ver ainda mais afetado.

No entanto, de acordo com Kato (1990, p. 26), a “Leitura é condição essencial para que se possa compreender o mundo, os outros, as próprias experiências e (...) torna-se imperativo que o aluno desenvolva habilidades linguísticas para que possa ir além da simples decodificação de palavras”.

Nesse sentido, Soares (2013) entende o ato de ler como um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Não são categorias polares, mas complementares: ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos. Portanto, saber decodificar as palavras de um texto sem entendê-las ou saber interpretá-las não pode ser considerado um ato de leitura, conforme apontam alguns teóricos, como Geraldí (2011), Freire (2009) e Soares (2000).

Segundo a ONU, só há leitura quando: 1) ler é uma tradição nacional; 2) o hábito de ler vem de casa; e, 3) são formados novos leitores. E nesses critérios mencionados o Brasil ainda deixa muito a desejar.

Dessa maneira, enquanto houver desinteresse pela leitura, a começar por muitos pais e professores, nossos alunos e alunas continuarão, de certa forma, “privados” de compreender melhor o mundo, de se conhecerem plenamente e de desenvolverem habilidades linguísticas, como afirmou Kato (1990).

Entendemos, assim, a importância da universidade tanto para formar bons professores, através de seu ensino, como contribuir diretamente para a melhoria da educação básica, por meio de projetos de extensão. A partir desta demanda específica, surgiu o desejo de fazer um projeto que criasse ponte entre a universidade e a escola, tendo a leitura como foco. Segundo Severino (2007),

*A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo. O que se desenrola no interior da universidade, tanto do ponto de vista da construção do conhecimento, sob o ângulo da pesquisa, como de sua transmissão, sob o ângulo do ensino, tem a ver diretamente com os interesses da sociedade. (SEVERINO, 2007, p. 31)*

O Projeto “Saber e Sabor: o relacionamento de alunos do ensino fundamental com a leitura”, financiado pelo Programa da FAPERJ (Processo E-26/112.273/2012) de “Apoio à melhoria do ensino em escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro”, surgiu como tentativa de fomentar o interesse pela leitura em alunos de uma escola no centro da cidade de Campos dos Goytacazes, na Região Norte Fluminense do Rio de Janeiro.

O Projeto contou com uma ação investigativa, cujo objetivo principal era conhecer o tipo de relacionamento dos alunos desta escola com a leitura, e, por outro lado, com uma ação prática e extensionista, organizando uma biblioteca dentro da escola, a fim de que os alunos, pelo menos, pudessem ter a oportunidade de conhecer o mundo por outros vieses.

A escolha da realização do Projeto neste Centro Educativo esteve relacionada a questões sociais, políticas e educacionais que envolviam a referida escola e, principalmente, pelo interesse no fortalecimento de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Vale destacar que se o IDEB de 2011 do Rio de Janeiro foi um dos mais baixos do país, segundo o INEP/MEC/2012, as escolas públicas de Campos dos

Goytacazes estavam ainda entre os índices mais baixos nesta projeção. O IDEB de 2011 deste Centro Educativo foi de 2,3 e estava bem abaixo da média se comparado com o IDEB de Campos, que foi de 3,4. Por outro lado, era ainda menor se comparado com o IDEB do Rio de Janeiro, que foi de 4,8. Em 2013, o IDEB do Rio de Janeiro foi 4,9, de Campos foi 3,2 e o da escola pesquisada foi de 2,9.

A partir do exposto, o objetivo deste artigo é compartilhar como o projeto de extensão foi desenvolvido através da criação de uma biblioteca escolar e divulgar alguns dos resultados da pesquisa por meio das experiências que os alunos e alunas foram construindo com a leitura.

## METODOLOGIA

O presente projeto foi realizado a partir de ações simultâneas, já que o objetivo inicial era tanto montar uma biblioteca, através de um espaço já existente com livros empilhados, como fomentar a leitura por meio de atividades lúdicas e analisar o relacionamento dos alunos com a leitura, com base nas atividades e assiduidade à nova biblioteca.

A pesquisa foi desenvolvida ao longo do ano de 2013, com alunos do 6º ao 9º ano do turno da manhã, que totalizavam 396 alunos do total de 765 matriculados. Depois de um primeiro momento de observação e realização de atividades nas aulas para conhecer o perfil dos alunos, foi aplicado o primeiro questionário. Em um segundo momento, depois da abertura da biblioteca e realização de outras atividades, foi aplicado o segundo questionário, ao final do ano, para saber como eles haviam se relacionado com a leitura. Para a pesquisa, foi contabilizado apenas os alunos que haviam respondido os dois questionários previstos para o estudo. No primeiro questionário, tivemos a participação de 254 alunos, no segundo 202, e na média final apenas foram contabilizados os dados de 161 alunos participantes.

Os alunos tinham idades compreendidas entre 10 e 18 anos. O percentual de alunos mais velhos entre 16 e 18 anos (alunos repetentes) totalizava 10% da amostra (16 alunos). A maioria dos alunos estava com 14 anos (22% - 36 alunos), seguidos dos de 13 anos (18% - 29 alunos), dos de 15 anos (14% - 22 alunos), dos de 12 anos (13% - 20 alunos), dos de 11 anos (11% - 18 alunos) e os de 10 anos (1,2% - 2 alunos).

Existiam algumas turmas só com alunos repetentes, que eram apontadas como turmas “problemas” e, por este motivo, muitos professores preferiam trabalhar nas turmas com o menor número de repetentes possível. Porém, ao longo da realização de atividade nas turmas, o grupo da pesquisa foi percebendo que, mesmo que os alunos tivessem dificuldades com a leitura, na verdade a maioria deles se mostrava desmotivado e desinteressado com sua vida escolar.

No entanto, era notório o interesse deles quando íamos realizar atividades que não eram no formato de suas aulas regulares. As atividades eram feitas em grupos e sempre traziam alguma novidade, como uso de música, poesia, objetos inusitados, cuja finalidade era a aproximação destes alunos ao mundo da leitura e da produção de textos. Apesar das dificuldades pessoais, pudemos notar que muitos alunos tinham potencial para ser muito melhores do que realmente estavam sendo.

Vale a pena destacar que o perfil dos alunos deste Centro Educativo estava caracterizado por um público que vivia em distintas partes rurais e urbanas de Campos, por isso estudavam em uma escola localizada na região central da cidade. As famílias

geralmente eram numerosas, e a renda dos pais, tendo em vista as profissões descritas no questionário, não era muito alta.

## A ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

Uma biblioteca pode ser considerada um espaço organizado com diversos materiais informativos, onde pessoas possam fazer consultas e empréstimos. Contudo, o objetivo de uma biblioteca não é apenas “guardar livros”, mas sim, proporcionar o contato das pessoas com a literatura através da criação de um espaço de convivência, de debate, de reflexão e de fomento à leitura.

Assim, nossa expectativa era poder montar um espaço onde os alunos e alunas do Centro Educativo pesquisado pudessem ter acesso a diferentes literaturas. Almejávamos também um espaço reservado para pesquisarem e estudarem, já que a estrutura da escola não possuía um ambiente deste porte anteriormente.

Durante cinco meses estivemos preparando a sala destinada para a biblioteca: limpeza, pintura, organização e retirada dos livros e objetos excedentes, além da compra de mobiliários, computadores e impressora. Durante este tempo, muitos alunos curiosos chegavam à sala que era chamada de “biblioteca”, porque concentrava todos os livros didáticos da escola, e perguntavam o que fazíamos ali. Explicávamos que tínhamos a intenção de fazer uma biblioteca e os alunos olhavam com expressão ora de alegria e surpresa, ora de descrédito e admiração. Era de se esperar tais reações, tendo em vista todo o trabalho que tínhamos pela frente, como se pode observar a seguir.

**Figuras 1 e 2: Foto da Biblioteca Antes**



Fonte: Dados da Pesquisa

No entanto, outros alunos mais críticos diziam: “*aquilo não é uma biblioteca, é um depósito*”, mostrando parte de sua indignação pelo mau uso do ambiente. Dessa forma, podemos notar que um espaço apenas com uma concentração de livros não pode ser considerado uma biblioteca. Uma biblioteca escolar é um lugar privilegiado onde os alunos possam desenvolver habilidades tanto de formação e investigação, quanto de convivência com os colegas. Por isso, a urgência de criação de bibliotecas nas escolas, como previsto pelo Projeto de lei 12.244/2010 de 24 de maio de 2010, com uma média de pelo menos um livro por aluno matriculado.

Neste sentido, o Projeto teve grande dificuldade de realização, porque a verba aprovada não contemplou o item para compra de livros. Foi quando tivemos a ideia

de fazer uma parceria com a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Instituição que abrigou o Projeto, e montar mais uma ação extensionista envolvendo diretamente a Instituição no Projeto, através da doação de livros por parte de toda a comunidade Uenfiana.

Estabelecido o desafio de conseguir livros para a biblioteca, fizemos uma campanha de marketing para formar um acervo que estivesse em bom estado, fosse atrativo e relacionado com o universo juvenil. A ideia era obter livros recentes, best sellers, e que tivessem causado certo impacto na comunidade leitora internacional. Conforme destaca Godoy e Armelin (2011, p. 70), “um primeiro passo para desenvolver o gosto dos leitores iniciantes é colocá-los em contato com muitos textos de boa qualidade”, o que “significa também levar em conta os valores estéticos da obra (linguagem criativa, sugestiva, fluente, temas interessantes ou intrigantes, inventividade no jogo das palavras, potencial lúdico e outros), o respaldo da crítica e, sobretudo, a receptividade dos leitores a quem a obra se destina”.

Entretanto, não haveria problemas se recebêssemos os clássicos da literatura brasileira, por exemplo, mas queríamos livros que, em um primeiro momento, despertassem o interesse dos adolescentes, os quais denominamos “literatura isca”, porque a partir daí o caminho para os clássicos seria bem mais curto.

Foi lançada, então, a campanha: “Patrocine Sonhos: Doe Livros”. Como a intenção era conseguir livros renomados e interessantes, fizemos um apelo para a comunidade de alunos, professores e funcionários da UENF, com faixas nas entradas da instituição, solicitando a doação de livros que tivessem marcado a vida dos leitores e que pudessem também marcar a vida dos alunos e alunas participantes do Projeto.

A campanha foi divulgada na página oficial da UENF, no Facebook, através do perfil “nosnaescola”, e usamos também estratégias mais clássicas, colando cartazes por todos os prédios da UENF. O resultado foi surpreendente. Recebemos mais de 500 livros com temas diversos. Vale destacar como exemplo um professor do curso de Biologia, que logo na primeira semana da campanha, que durou um mês, nos brindou com cerca de 30 livros, como a coleção do Harry Potter, Crepúsculo, O Código Da Vinci, entre outros livros lacrados. Percebemos que o importante da campanha estava sendo a qualidade dos livros e não a quantidade.

**Figura 3: Foto dos Livros Arrecadados**



Fonte: Dados da Pesquisa

Após a arrecadação dos livros, fizemos outra empreitada, desta vez para sua catalogação. Por ser um trabalho muito técnico e específico, contamos com a colaboração da bibliotecária de um dos Centros da UENF (CCH), que desde o início aceitou fazer parte da equipe do Projeto. Depois dos livros arrecadados, tivemos algumas reuniões com a bibliotecária, que preparou um material para nosso grupo de pesquisa, com o passo a passo para catalogar e com toda a numeração oficial necessária.

Mandamos confeccionar um carimbo e uma ficha catalográfica especialmente para a biblioteca da escola. A bibliotecária nos cedeu outras fichas catalográficas, que usamos como ficha de inscrição para cada aluno que quisesse se registrar para usar a biblioteca. A ficha abria campo para registro do nome, telefone, turma e idade do usuário. A ideia inicial era fazer toda a catalogação diretamente em um programa para bibliotecas. Mas como os programas encontrados funcionavam de forma online, e a escola ainda tinha dificuldades com a rede, optamos por fazer o catálogo manual para inaugurar a biblioteca e depois conversar com o diretor para saber as possibilidades de conseguir uma internet melhor.

#### **Figuras 4 e 5: Fotos Catalogação dos Livros**



Fonte: Dados da Pesquisa

A dinâmica que desenvolvemos foi montar uma caixa com o cadastro dos alunos, uma caixa com a ficha de todos os livros cadastrados e uma terceira caixa que seria a união da ficha do aluno com a ficha do livro. Se houvesse mais de um aluno com o mesmo livro, o procedimento era de colocar a ficha do aluno presa com a do livro. Na devolução, cada ficha voltava para sua caixa de origem. Para controle, fizemos também um livro de registro contendo o nome do aluno, turma, título do livro, data de retirada e data prevista para a entrega do livro. Decidimos que os alunos podiam pegar apenas um livro por vez e teriam prazo de uma semana para devolvê-lo ou, ainda, renová-lo por mais uma semana.

#### **Figura 6: Foto Biblioteca Inaugurada**



Fonte: Dados da Pesquisa

Vencidas todas as etapas de organização, a Biblioteca Saber e Sabor foi inaugurada no dia 4 de setembro de 2013. A expectativa era grande tanto por parte da escola, como por parte também da nossa equipe. A cerimônia de abertura foi bem simples. O Diretor reuniu alguns alunos em uma sala e discorreu um pouco sobre suas experiências pessoais com a leitura, falou do Projeto e da importância que a biblioteca poderia ter na vida de cada um deles. Depois, a Coordenadora do projeto apresentou toda a equipe, agradeceu o trabalho incansável de cada uma das bolsistas e também proferiu algumas palavras de incentivo aos alunos, levando-os a refletir sobre o tipo de vida que eles gostariam de ter no futuro e como a leitura poderia ajudá-los a se descobrirem.

## AS ATIVIDADES REALIZADAS

Como foi mencionado no início deste artigo, apenas um espaço com livros, por melhor que seja – pela estrutura e pela variedade de títulos –, não é o suficiente para estimular os alunos e muito menos o suficiente para formarmos leitores. Dessa maneira, ao longo do Projeto tivemos também a preocupação de realizar algumas atividades para incentivar estes alunos. Sabemos que existe uma dificuldade no estímulo da leitura tanto por causa da obrigatoriedade que se estabelece em muitas escolas, como pela condução de atividades que não são atrativas, causando certa passividade muitas das vezes. Outra problemática, nesse sentido, é a pouca liberdade para a escolha de um título que seja agradável ao aluno e não imposto pelo professor ou pela família.

Para que houvesse uma aproximação entre os alunos e o mundo da leitura, realizamos as seguintes atividades:

- **Tenda da Leitura** – Após arrecadar os livros e antes de abrir oficialmente a biblioteca, durante alguns dias, montamos uma tenda no pátio da escola para que os alunos já fossem tomando contato com os novos livros e também pudessem ser estimulados pela curiosidade, pelo manuseio, pela troca e pela interação entre eles e o livro. Eles podiam ler no pátio, mas ainda não podiam levar o livro.
- **Quebra-cabeça musical** – Para não assustar os futuros leitores com atividades muito densas, misturamos música e poesia. Escolhemos músicas que tratavam da temática do tempo, como “Tempos Modernos”, de Lulu Santos, e poesias que também tinham a mesma temática, como “Tempo”, de Drummond, e “As pontes que você irá encontrar”, de Nietzsche. A letra da música foi recortada por verso e misturada em um envelope. Depois de ouvir a música, os alunos tinham apenas que montar o quebra-cabeça em seus grupos. Após o quebra-cabeça montado, fizemos uma ponte com as poesias e também com a vida pessoal deles, perguntando o que eles planejavam para o futuro.
- **Baú da imaginação** – Para esta atividade levamos um baú com objetos e cada aluno sorteava um objeto. Em grupos de 4 ou 5, eles tinham que escolher um conto e recontá-lo utilizando os objetos. Ficamos muito surpresas com a capacidade criativa de alguns grupos.
- **Concurso literário** – Nossa última atividade foi a produção de texto. Fizemos um concurso no final do ano para toda a escola, com direito a banca examinadora e medalhas de participação. Apenas 15 alunos participaram com seus textos, mas a qualidade dos mesmos foi muito boa. O turno da manhã inteiro esteve presente e foi um momento de confraternização. A aluna vencedora escreveu um conto com, aproximadamente, 3 páginas.

Foi muito interessante notar o comportamento dos alunos durante as atividades. Eles sempre começavam mais desanimados, com certo descaso e no final estavam mais estimulados e produziam bons textos e discussões. Este desânimo também era reflexo de uma rotina escolar que costumava privilegiar mais as aulas expositivas, a cópia e a pouca participação dos alunos, como foi observado durante o tempo que estivemos nas salas de

aula. Segundo Silva (2007),

Para que todos os alunos continuem a desenvolver a aprendizagem, é preciso que o professor oportunize uma interação, socialização e valorize as diferenças, bem como criar condições para que o aluno se sinta estimulado. De maneira lúdica diversificada e dinâmica, contextualizando com a realidade a qual está inserido. (SILVA, 2007, p.71)

Dessa forma, se faz necessário trabalhar não somente a leitura, mas todo tipo de conteúdo, através de atividades que colaborem de forma mais ativa e prática com a aprendizagem dos alunos. E, por mais que seja trabalhoso, cabe ainda ao professor este tipo de trabalho. Só o livro, só a biblioteca, só o quadro de giz, ou mesmo as novas tecnologias, não são suficientes para proporcionar aos alunos experiências de aprendizagem que vão gerar um sentimento de sucesso e de realização.

Toda atividade bem planejada e adequada ao nível do aluno pode colaborar com sua melhor aprendizagem e favorecer novas experiências de êxito escolar, ao contrário de apenas gerar um sentimento de fracasso, como temos presenciado.

## ANÁLISES E RESULTADOS

A partir das observações realizadas nas salas de aula, dos questionários aplicados, das atividades propostas e da abertura da biblioteca, pudemos analisar como estavam sendo construídas as experiências dos alunos com a leitura. Um dado interessante foi constatar que 51% dos alunos afirmaram que preferiam realizar suas leituras no formato digital, 23% no formato impresso e o restante não o fazia em nenhum formato, ou não responderam. A leitura no formato digital é fruto da sociedade moderna e tecnológica que vivemos. A escola também deveria aproveitar esta oportunidade para estar mais próxima de seus alunos.

Nesse sentido, Galli (2012) afirma ser necessário que o professor se aproprie das Novas Tecnologias e faça uso delas para auxiliar seus alunos em relação à seleção das informações adquiridas por este meio, possibilitando uma reflexão sobre tais informações, para que os educandos adquiram seus conhecimentos a partir da capacidade crítica e não aceitem tudo o que leem como verdade absoluta.

Em relação ao acesso aos livros, foi possível perceber que, dentro de um quantitativo de 161 alunos, apenas 12% (19 alunos) afirmaram não ter acesso direto a livros. A grande maioria, 35% (56 alunos), afirmou ter acesso aos livros através da compra. Ainda, 25% afirmaram pegar livros emprestados (41 alunos), 2 % recebem doação (3 alunos), 19% pegam na biblioteca (30 alunos), e 12% (19 alunos) não têm acesso a livros, como citado anteriormente. Os dados mostram que, na verdade, 58% (93 alunos) não possuem acesso direto a livros, muitos precisam de uma fonte intermediária para realizar suas leituras.

A falta de acesso direto aos livros, até mesmo por ser um artigo de “luxo”, se considerados os preços elevados do mercado livresco, pode ser um motivo para a falta de relacionamento com a leitura. Para fomentar o hábito da leitura, seria interessante o relacionamento começar desde cedo, quando a criança é estimulada pela leitura feita pela mãe, como sugere Abramovich (1993).

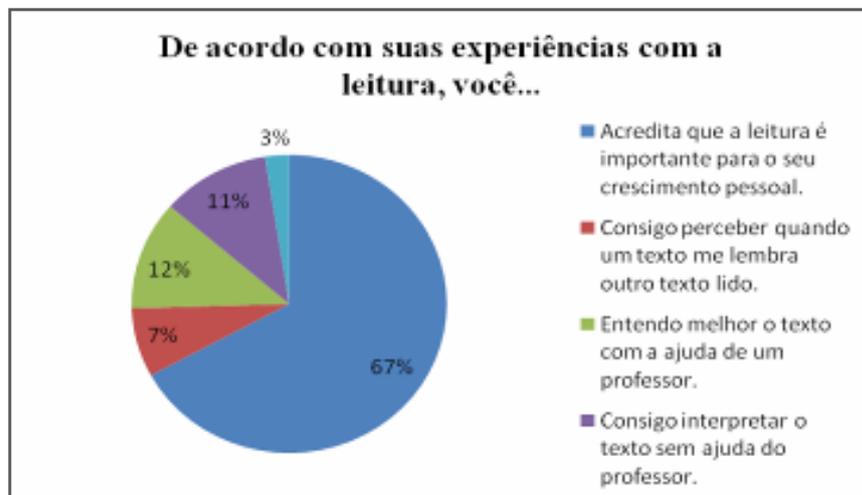
Porém, se os alunos chegaram até o ensino fundamental com um grau baixo de relacionamento, é porque realmente em casa não havia livros, pelo menos os adequados à sua idade. E se os alunos que afirmam comprar livros realmente comprassem, por ser um total de 56 alunos, um terço dos participantes, os resultados escolares seriam bem diferentes.

Vale destacar que, tendo em vista o perfil socioeconômico da escola, muitos dos alunos que afirmaram “comprar” livros, pode ser que não o façam efetivamente.

Comprovamos a hipótese empiricamente e em sala de aula. Ao perguntarmos para uma aluna, que estava lendo a revista “Horóscopo”, se ela possuía livros em casa, a menina deu um suspiro profundo e respondeu: “*Quem dera que eu tivesse livro em casa, não tenho livro nem aqui na escola...*”. Assim, supomos ser evidente que a falta de acesso direto aos livros influencia na trajetória de leitura dos alunos, e usar a biblioteca é opção concreta. Pegar emprestado com amigos ou receber doação, como responderam alguns alunos, é obra do acaso.

No entanto, mesmo que estes alunos e alunas tenham pouco acesso aos livros, são conscientes da importância da leitura em suas vidas, como pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 1



Fonte: Dados da Pesquisa

Se por um lado, houve um quantitativo de 67% que acreditavam na leitura, outro grupo menos expressivo, de 12%, acreditava que, com a ajuda do professor, poder-se-ia também relacionar melhor com os textos. Não obstante, ao serem perguntados sobre o incentivo dos professores, 41% dos alunos responderam que sempre eram incentivados, 44% às vezes, 11% nunca, e 4% apenas eram incentivados em datas comemorativas. E, no intuito de verificar se os professores estavam aproveitando a biblioteca como recurso para suas aulas, foi perguntado se eles levavam os alunos à biblioteca. A resposta foi surpreendente.

Gráfico 2



Fonte: Dados da Pesquisa

Entende-se que muitas vezes a problemática da leitura está relacionada ao pouco acesso que os alunos têm aos livros, e em alguns casos também seus professores. Contudo, é difícil compreender que depois de haver uma estrutura toda montada na escola não haja empenho por parte dos docentes em melhorar sua prática e fomentar um melhor desempenho também de seus alunos.

Para Kramer (2001), “É impossível tornarmos nossos alunos pessoas que leem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores [...]” (KRAMER, 2001, p.103). Concordando com Kramer (2001), Maia (2007) destaca que “é preciso que o professor goste de ler para estimular o interesse do aluno através do seu exemplo.” Pode-se perceber, na afirmação dessas autoras, que talvez muitos professores não trabalhem com a leitura, independentemente da matéria que lecionem, justamente porque fora da escola também não sejam leitores e, por conseguinte, não desempenham seu papel na formação de novos leitores.

A fim de continuar conhecendo o tipo de literatura a que os alunos tinham mais acesso, perguntamos sobre autores e obras que já haviam ouvido falar e que estavam relacionados à literatura brasileira clássica, literatura brasileira atual, clássicos da literatura universal e novos clássicos da literatura universal moderna como os chamados “best-sellers”. Fizemos uma lista com dez autores e eles podiam marcar o número de opção que desejassem.

**Tabela 1 - Autores que já ouviram falar.**

Autor	Sim	Não
Monteiro Lobato	123	38
Clarice Lispector	39	122
Shakespeare	28	133
Maurício de Souza	72	89
Thalita Rebouças	36	125
Castro Alves	33	128
Gonçalves Dias	34	127
Jorge Amado	93	68
Fernando Pessoa	44	117
Stephanie Meyer	9	152

Fonte: Dados da Pesquisa

Nesta primeira tabela, não houve surpresa que o mais conhecido dos autores fosse Monteiro Lobato. De certa forma, é muito gratificante que um dos grandes nomes da Literatura Infantil Brasileira ainda seja lembrado por seu público. Esta associação deve ter a ver com o programa “Sítio do Pica-pau Amarelo”, que foi reeditado em dois momentos depois de sua estreia, em 1977. A primeira reedição foi em 2001, com uma roupagem toda nova e, em 2010, houve outra reedição, desta vez em forma de série animada, formato digital, diferente do programa original, exibido até final de 1986. Maurício de Souza ficou em terceiro lugar, com uma popularidade muito boa e mais contextualizada dentro do universo infanto-juvenil, já que eles afirmaram gostar tanto de gibis.

O segundo autor mais conhecido foi Jorge Amado, e também fazemos relação deste conhecimento com a apresentação da Minissérie Gabriela, escrita pelo autor, que foi ao ar em 2012, na Rede Globo, no ano anterior à realização desta pesquisa. A grande surpresa foi a autora menos conhecida ser Stephanie Meyer, tendo sua popularidade apenas entre 9 alunos. A causa do assombramento se encontra justamente por ter sido a obra mais conhecida pelos participantes da pesquisa, como pode ser visto a seguir.

**Tabela 2- Obras que já ouviram falar.**

Obras	Sim	Não
Crepúsculo	136	25
Capitães de Areia	22	139
Sonho de uma Noite de Verão	31	130
Navio Negreiro	40	121
A Hora da Estrela	16	145
A Moreninha	14	147
A Cabana	25	136
O Pequeno Príncipe	75	86
Dom Casmurro	15	146
O Cortiço	27	134

Fonte: Dados da Pesquisa

A contradição entre as informações das tabelas está no fato de que, se por um lado, a autora Stephanie Meyer é menos conhecida entre os adolescentes da escola pesquisada, por outro lado, seu livro *Crepúsculo* é o mais conhecido entre os mesmos adolescentes. Este tipo de contradição mostra parte do pouco relacionamento que os alunos possuem com aspectos simples que envolvem a leitura, como saber o nome do autor de um livro, ainda mais quando esteve tão comentado na mídia nos cinco últimos anos. Talvez, o conhecimento dos alunos em relação ao livro *Crepúsculo* esteja muito mais relacionado ao filme do que propriamente ao livro.

A segunda obra mais popular entre os alunos foi *O Pequeno Príncipe* e, por se tratar de um clássico, talvez já tivessem ouvido falar deste livro por seus pais e familiares, ou talvez pela célebre frase: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Já a terceira obra mais conhecida entre os alunos foi *Navio Negreiro*. Não saberíamos associar algum fator específico para que os alunos tivessem conhecimento deste texto. As hipóteses que podemos levantar para certo conhecimento deste texto seriam as aulas de história ou literatura, por ser um texto muito importante, ou mesmo uma questão cultural, tendo em vista a escola apresentar um grande número de alunos de origem negra.

Os clássicos da Literatura Brasileira como *A Moreninha*, *Dom Casmurro*, *Capitães de Areia* e *O Cortiço* ainda são bem desconhecidos para os alunos. No entanto, faziam parte do acervo inicial que estava na biblioteca da escola quando começamos o Projeto. Independentemente dos autores e obras conhecidas, o importante é termos presente que uma trajetória de leitura geralmente começa de forma tímida. E um resultado muito positivo que tivemos foi o aumento considerável do número de alunos que agora frequentava a biblioteca, passando de 19% para 54%. Em contrapartida, o número de alunos que não frequentavam diminuiu de 81% para 44%. Vale lembrar que só a estrutura física da biblioteca não traz nenhum benefício direto ao aluno, mas é sempre um começo.

Desse modo, fica claro que, à medida que o leitor vai lendo textos do seu interesse, vai navegando por novos caminhos, fazendo viagens que o permita descobrir novos mundos, e este próprio relacionamento (leitor, autor, texto) faz com que o leitor tenha curiosidade em saber o nome do autor, conhecer mais sobre sua vida, assim como o leva a ler mais livros deste mesmo autor ou escolher estilos próximos de leitura.

## CONCLUSÃO

A leitura ativa, não aquela que apenas decodifica as palavras, pode ser considerada uma grande aliada tanto no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, como em sua formação pessoal. Deste modo, objetivo deste Projeto de extensão era montar uma biblioteca em uma escola municipal em Campos dos Goytacazes, a fim de que alunos do 6º ao 9º anos pudessem ter acesso ao mundo da leitura.

Através de observação na sala de aula, aplicação de questionários, atividades lúdicas e abertura da biblioteca, foi possível conhecer um pouco das experiências que os alunos tinham com a leitura por meio dos livros que liam (ou não), pelo trabalho desenvolvido por seus professores, pela frequência na biblioteca e pelas intervenções espontâneas feitas ao longo das interações com a equipe do Projeto.

A partir da análise dos dados recolhidos, verificamos que o descobrimento do tipo de literatura que se encaixa no perfil do aluno é fundamental. Muitas pessoas não gostam de ler porque ainda não

descobriram um tipo de literatura que a envolva de forma especial. O gosto pode começar talvez por um texto curto de um determinado assunto e, aos poucos, se cultivado, vai ampliando para textos mais longos e de temas diversos. Nesse caso, é importante que haja também um desejo íntimo do aluno em querer aprender, que tanto pode vir dele mesmo, como pode ser estimulado pela família ou pela escola.

Por outro lado, tendo em vista que a leitura é tida por muitos alunos como “obrigação”, “sacrifício”, e nunca como “prazer” ou “encantamento”, faz-se necessário uma associação da leitura com liberdade de escolha do gênero desejado. Algumas vezes, o relacionamento com a leitura se torna tenso porque o aluno tem uma preferência e lhe é imposta outra modalidade, ou mesmo outros autores, fazendo com que ele desista de ler.

Vale destacar que, juntamente com a liberdade de escolha, deve vir também o direito de abandonar a leitura e começar outra sempre que não haja identificação com o que se está lendo. É claro que este aspecto é mais válido para a leitura pessoal e nem sempre para a leitura escolar. Entendemos que, dentro de um relacionamento significativo com a leitura, ninguém deveria ser obrigado a ler algo que não proporcionasse certo prazer. Por isso, a troca de texto ou gênero é sempre positiva para fortalecer ainda mais o relacionamento literário.

De forma muito clara, foi constatado também que o grau de leitura dos professores influencia diretamente no comportamento leitor dos alunos. O tipo de leitor que o professor é, os livros paradidáticos que ele escolhe para a turma, independentemente da matéria, pode influenciar neste relacionamento, assim como o incentivo direto através de atividades em sala de aula, atividades dirigidas na biblioteca e recomendação de livros. Os alunos e alunas precisam de referenciais de leitura para desenvolverem um melhor relacionamento com a mesma, quer seja referência de seus professores, pais e/ou amigos.

Em face disso, este Projeto de extensão teve como desejo principal atender parte de uma demanda social e educativa, colaborando com o fomento a leitura. Para Severino (2007), a universidade tem um compromisso com a sociedade e deve trabalhar também a partir de suas necessidades. Nesse sentido, faz-se necessário que nossos alunos não sejam apenas leitores de perfis de redes sociais, mas tenham acesso a distintas literaturas que possam colaborar com sua aprendizagem efetiva. Do contrário, como dizia o mestre Freire (2009), estaremos formando apenas “letores” e não leitores.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

ARMELIN, M. A. M. de O.; GODOY, M. C. F. de. Formação de mediadores de leitura: sistematização de duas experiências. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v.1, n.1, p. 59-85, dez. 2011. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br> Acesso em: 12 jul. 2014.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2009.

GALLI, F. C. S. Discursos sobre a leitura na contemporaneidade: entre o texto-papel e o texto-tela. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 51.1, p.175-192, Jan./Jun. 2012.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.

KATO, Mary A. **No mundo da Escrita**. São Paulo: Ática, 1993.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência-notas sobre o seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.) **A magia da linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A; SEPE, 2001.

MAIA, Josiane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Nelson M. **Integração e aprendizagem**. São Paulo, SP: Vozes, 2007.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.) **Leitura: perspectivas disciplinares**. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p.18-29.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6.ed. 5.reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

Artigo recebido em:  
14/1/2015

Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# DIÁLOGOS DE SABERES: TRAJETÓRIA DO GEPE CULTURA POLÍTICA DA UFT-TO

## KNOWLEDGE OF DIALOGUE: PATH OF CULTURE GEPE UFT-TO POLICY

ALMEIDA, Rejane Cleide, Medeiros de <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo é resultado de estudos, pesquisa e extensão do GEPE – Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão Cultura Política, que desde 2010 iniciou suas atividades, agregando alunos dos cursos de Ciências Sociais e Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis. Apresentar-se-ão experiências de extensão sobre movimentos sociais e universidade. A metodologia desenvolvida nas ações compreendeu estudos de textos referenciais sobre o tema, pesquisa bibliográfica, pesquisa participante e apresentação dos textos pelos alunos no grupo. Contou com atividades de extensão no acampamento Padre Josimo, finalizando com a produção da I Jornada de Estudos sobre Movimentos Sociais, Cultura e Política. Os resultados apontam que práticas de pesquisa/extensão possibilitam uma diversidade de transformações do povo em sujeitos políticos em suas reivindicações na sociedade à qual pertencem.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Diálogos de Saberes; GEPE Cultura Política.

### ABSTRACT

This article is the result of studies, research and extension of GEPE – Study Group of Research and Extension Political Culture, which has started its activities in 2010, and in which takes part students from Social Sciences and Pedagogy Course of Federal University of Tocantins, campus Tocantinópolis. This study examines the extension experiences of social movements and university. It employed reference texts about the topic, bibliographical and participatory research, and presentation of texts by students. It was developed through extension activities in camp Padre Josimo and at the end it was organized the First Seminar on Social Movements and Political Culture. The results demonstrate that the practices of research and extension enables a diversity of changes on people's perceptions about their political role regarding their claims in the society which they belong.

Keywords: Social Movements; Knowledge of Dialogues; GEPE Political Culture.

<sup>1</sup>Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil. Aluna do curso de Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. E-mail: rejmedeiros@uft.edu.br .

## INTRODUÇÃO

A extensão universitária apresenta como elementos norteadores a interface, o ensino, a pesquisa e a extensão. Tem por objetivo proporcionar condições para a realização de atividades extensionistas, partindo do princípio de que este é um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino, a Pesquisa e a Extensão de forma indissociável, que viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Visa estabelecer o vínculo entre o conhecimento acadêmico, a intervenção social e o comprometimento com o desenvolvimento sociocultural da comunidade. (PLANO PLURIANUAL INSTITUCIONAL, UFT, 2010).

O papel da extensão universitária é, portanto, realizar o compromisso da Universidade, através dos programas, projetos, cursos, serviços, seminários, entre outras ações, que são cadastradas, apoiadas e executadas pela Pró-Reitoria de Extensão – PROEX. A extensão da Universidade Federal do Tocantins – UFT tem por princípio norteador consolidar políticas acadêmicas de extensão, fortalecendo o projeto da Universidade de interagir com os diversos grupos sociais, de forma a contribuir para o desenvolvimento da região. (PLANO PLURIANUAL INSTITUCIONAL, UFT, 2010)

O artigo apresenta seções que tratam inicialmente do percurso metodológico da pesquisa na extensão. Em seguida, apresentar-se-á o histórico do território em estudo, suas características e seu histórico de luta. Nesses meandros, é pertinente demarcar o conceito de território, territorialização, como sendo indispensável para o entendimento do espaço que se estuda e se conhece. O processo de territorialização é compreendido pelas ocupações de terra e conquistas de assentamentos rurais. A luta pela terra permite entender que a forma de organização social e o território são indissociáveis da luta camponesa. Apresentar-se-á, também, o conceito de movimentos sociais como ações coletivas políticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais.

Na seção seguinte, expõe-se a formação do GEPE – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão, com atividades do grupo (entende-se que o grupo de pesquisa/extensão é um espaço para potencializar projetos de extensão entre os acadêmicos) e o conhecimento da comunidade em estudo. A seguir, discute-se a atividade de pesquisa/extensão que ocorreu no Acampamento Padre Josimo em Buriti – TO, que buscou resgatar a história de luta pela terra de um coletivo de camponeses.

Na sequência, discutir-se-á sobre a I Jornada de Estudos sobre Movimentos Sociais, Cultura e Política como atividade geradora de reflexões sobre as teorias dos movimentos sociais na contemporaneidade, como também do protagonismo dos movimentos nas ações coletivas do campo.

E, por fim, seguem as considerações finais sobre as atividades de extensão que potencializaram conhecer a realidade em estudo, apontando que muitas das práticas constituídas na pesquisa surgem como método de ação e forma de aprendizagem coletiva. Isso pode possibilitar uma diversidade de transformação do povo em sujeitos políticos, em suas reivindicações na sociedade à qual pertencem. Ressalta-se a importância da pesquisa nas atividades de extensão e como os resultados da pesquisa geram atividades de extensão, a fim de contribuir com as comunidades por meio de projetos que colaborem com o desenvolvimento local.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Destaca-se que a pesquisa nas atividades de extensão é importante para o conhecimento da realidade em estudo e, posteriormente, intervenção nesta realidade; sobretudo porque os resultados da pesquisa são investidos na extensão como forma de projetos, ou seja, são instrumentos que potencializam a transformação.

Nesta perspectiva é que a pesquisa sobre movimentos sociais, gerada a partir da organização política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, com a compreensão das práticas, da forma organizacional dos homens e mulheres nos movimentos sociais no Bico do Papagaio, tem como prerrogativa conhecer o modo de ser e pertencer desses(as) camponeses(as). A pesquisa é participante, com observação participante. Para Brandão (1999, p.13):

A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classes que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa.

Entretanto, o autor adverte que não é necessário que o pesquisador seja como ele para conhecê-lo. É necessário que o cientista e sua ciência tenham compromissos e participação com o trabalho histórico e os projetos do outro. A pesquisa precisa, sobretudo, compreender para servir.

A partir desse entendimento, buscou-se realizar a pesquisa que ora se apresenta no movimento da totalidade e possibilidade histórica, para uma análise das práticas que visualizam participação, investigação e ações educativas, como momentos de um mesmo processo. Neste processo, encontra-se o germe de um ou mais estilos alternativos de trabalho junto aos camponeses(as), sujeitos históricos da região do Bico do Papagaio em Tocantins. O propósito é contribuir, por meio da produção e da comunicação de conhecimentos, para a criação de uma nova hegemonia.

Os projetos de extensão surgem a partir das pesquisas sobre movimentos sociais: 1. Movimentos sociais e práticas educativas, 2. Movimentos sociais e produção de saberes, ambos no período de 2010 a 2014. Como organização de atividades de extensão, foi proposta uma jornada dos movimentos sociais, que tinha por objetivo proporcionar espaços de debates e reflexões sobre a luta pela terra.

Outra importante atividade de extensão foi conhecer o acampamento Padre Josimo – na época era o mais antigo do Estado, à beira da estrada, cerca de quatro anos. Hoje os camponeses(as) estão assentados(as).

Em contato com os acampados(as), os discentes apresentaram a universidade e como os jovens camponeses poderiam ter acesso ao ensino superior. Os discentes também organizaram uma roda de conversa para falar sobre a conjuntura do país, os problemas que os afligem e ouviram os camponeses(as) sobre suas dificuldades de viver à beira da estrada, sendo criminalizados e desrespeitados pelo Estado e pela sociedade. A história do acampamento foi contada pelos trabalhadores(as).

Esta foi uma possibilidade para que os discentes pudessem conhecer as pautas de luta dos movimentos sociais do campo, suas bandeiras, organização, identidade, princípios e busca por direitos sociais, políticos e culturais, assim como estabelecer uma relação entre a comunidade e a universidade.

Outra atividade de extensão desenvolvida foi a I Jornada de Estudos sobre Movimentos Sociais, Cultura e Política, que nasce a partir do projeto de extensão com os trabalhadores(as) Sem Terra do acampamento Padre Josimo, a fim de possibilitar reflexões sobre a temática. A Jornada ocorreu no período de 19 a 21 de abril de 2013, na Universidade Federal do Tocantins – Campus de Tocantinópolis. Envolveu a comunidade acadêmica, alunos do ensino médio da cidade e de municípios vizinhos, movimentos e

organizações sociais.

A Jornada contou com uma programação que possibilitou debates e reflexões, tais como: “O Protagonismo dos Movimentos Sociais na Construção da Cultura Política”, MST – Movimento Sem-Terra e Movimentos dos Atingidos por Barragens – MAB – TO, luta pela terra, conflitos agrários e desenvolvimento rural.

A caracterização do Território onde as atividades de extensão ocorreram é relevante para a compreensão de disputas entre projetos na região.

## CARACTERIZAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS

O Estado do Tocantins tem um dos mais baixos indicadores socioeconômicos do país. O universo da pobreza no estado vem desde a sua estrutura socioeconômica, baseada na exploração da mineração no Século XVIII até os dias atuais. Os índices do censo (IBGE, 2010) mostram que o Brasil tem 16,2 milhões de brasileiros que vivem em extrema pobreza, o equivalente a 8,5% da população. No Tocantins, esse percentual chega a 11,8% da sua população que vive em extrema pobreza. São cerca de 163 mil de um total de 1.417.694 habitantes, de acordo com dados do PNAD (2012). Dos mais de 163 mil pobres do estado, 48,5% estão na área rural e 51,4%, na área urbana. A pesquisa mostrou que 12,8% da população vivem com renda mensal *per capita* de até um quarto do salário mínimo. São 398.367 domicílios nessas condições (considerando-se 3,3 pessoas por domicílio). Outros 21.979 (5,5% do total) domicílios não têm rendimentos. Ampliando-se a análise, chega-se a verificar que mais de 72,5% (1.033.412) da população do estado sobrevive com renda de até um salário mínimo por mês, considerando-se a média de 3,3 pessoas por domicílio.

A população do Tocantins é formada, em grande parte, por migrantes, que vêm do Pará, Maranhão e outros estados do Nordeste. Os provenientes de outros estados somam 35,1% (no Brasil os migrantes nacionais correspondem a 19%), estando 74% no espaço urbano. Dados referentes à população demonstram que aproximadamente 49% da população do Tocantins são do sexo feminino. É também uma população jovem, ao passo que cerca de 48% da população têm menos de 19 anos (no Brasil esse índice é de 40%), e a densidade populacional do estado é de 4,2 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa anual de crescimento populacional situa-se na faixa de 2,6%, contra 2,9% da Região Norte e 1,6% do Brasil.

## A REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

A mesorregião do Bico do Papagaio compreende 66 municípios, sendo 25 no estado do Pará, 16 no Maranhão e 25 no norte do estado do Tocantins. Está delimitada a oeste com o estado do Pará e a leste com o estado do Maranhão. É inserida no ecossistema de mata de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, comumente chamada de Pré-Amazônia, zona de ocorrência de babaquais. Essas áreas são partes integrantes da Amazônia Legal. Confluência do cerrado com a mata amazônica, a região é banhada pelos rios Araguaia e Tocantins, o que a torna uma região rica em diversidade ambiental. A diversidade social também é extremamente rica: indígenas, pequenos agricultores, quilombolas, assentados, pescadores, extrativistas, mineradores e artesãos. A ocupação da região pode ser dividida em duas frentes, com características distintas: pecuária extensiva,

mineração, agricultura de exportação e agricultura familiar.

A população foi estimada pelo IBGE (2010) em 198.388, ao passo que 61.012 vivem na área rural, o que corresponde a 34% do total. E, deste total, 7.406 são agricultores familiares; está dividida em 25 municípios, possui uma área total de 15.767,856 km<sup>2</sup> e foi cenário de lutas de resistências na ditadura militar e da luta dos posseiros na década de 1980.

Já o Município de Tocantinópolis (município do Bico do Papagaio), onde localiza-se o *campus* da Universidade Federal do Tocantins, conta com uma população de 22.619 pessoas e uma área de 1.077,073 km<sup>2</sup>.

O Bico do Papagaio, como é conhecido pelo seu desenho, que assemelha um bico de um pássaro, possui grandes extensões de terras griladas por latifundiários que vieram de outras regiões do país em busca de terras, ignorando a existência de camponeses e indígenas nessas terras. Estes fatores foram decisivos para o Movimento Sem Terra se constituir enquanto sujeitos coletivos no Tocantins, com uma política de resistência e sobrevivência.

Esta região foi marcada por intensos conflitos agrários pela posse da terra, durante as décadas de 1970 a 1980, entre trabalhadores rurais da Região Nordeste do país, principalmente a população oriunda dos estados do Maranhão e do Piauí, fazendeiros e investidores da Região Centro-Sul do país. Eles se apropriaram de grandes extensões de terra para a prática da pecuária de corte, motivados pelos incentivos fiscais oferecidos pelo Governo Federal, como forma de promover o crescimento econômico e a ocupação da Amazônia. Nesta área, conhecida como o “corredor Carajás”, porta para o transporte dos minérios extraídos no estado do Pará, assistiu-se a um intenso processo de “grilagem”, expropriações violentas das famílias dos agricultores(as), perseguições, assassinatos de posseiros e práticas constantes de violação dos direitos humanos.

A luta pela resistência se fortaleceu com a vinda de missionários(as) da Comissão Pastoral da Terra – CPT, que foi muito importante no apoio aos trabalhadores(as) rurais. Já na década de 1980, criaram os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais – STR na região, com o apoio da CPT. Desta forma, se organizaram, articularam a implementação de um amplo processo de reivindicação pela reforma agrária, que passou a exigir o direito à posse da terra enquanto meio de produção e sobrevivência. Na segunda metade dos anos de 1980, o Governo Federal, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, inicia a implantação dos Assentamentos Rurais.

Os primeiros assentamentos implantados foram nos municípios de Esperantina e São Miguel do Tocantins. Com a criação do Estado do Tocantins, em 1989, muitos municípios foram desmembrados, dando origem a vários outros, a exemplo do município de Axixá do Tocantins, desmembrado de Itaguatins. A região onde se localizam os municípios de Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Esperantina e São Miguel do Tocantins é conhecida atualmente como Polo Pioneiro do Bico do Papagaio.

Em função destes acontecimentos, a população da região continuou a se organizar, transformando os municípios que formam o território do Bico do Papagaio numa das regiões do estado com o maior poder de mobilização e de articulação, capaz de enfrentar as situações adversas não somente do ponto de vista das organizações da sociedade civil, mas também na organização da produção.

Os territórios são formados, sobretudo, no espaço geográfico, a partir de diferentes relações sociais. Essa premissa conceitual de território permite avançar no sentido de

problematizá-lo. O espaço e o território são fundamentais para a realização das relações sociais, uma vez que estas últimas produzem continuamente espaços e territórios de formas contraditórias, solidárias e conflitivas. O território é um espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder é concedido pela receptividade: o território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação.

É no espaço geográfico que estão os espaços sociais produzidos pelas relações entre as pessoas, a humanidade e a natureza (FERNANDES, 2010). É por essa via que se transforma o espaço geográfico e se modifica a paisagem dos territórios, regiões e lugares. A produção do espaço se constitui a partir das relações sociais no movimento da vida, da natureza, em sua articulação com a produção do conhecimento.

Para Santos (2011, p. 247), há uma “interdependência e inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso”. Isso introduz a ação humana e, como potencialidades, o trabalho e a política.

O território, na proposição de Santos (2011, p. 248), constitui as ações passadas, cristalizadas e também presentes, materializadas nas ações: “as configurações territoriais são o conjunto dos sistemas naturais, herdados por uma determinada sociedade”. São, nesse sentido, objetos, técnicas e cultura constituídos historicamente. Isso implica o sentido e o significado real que surgem das atividades realizadas por um conjunto de ações. Conclui-se daí que o espaço é eminentemente histórico e sua historicidade parte da constituição da materialidade territorial e das características das ações sociais.

Em Tocantins, a luta pela terra nos últimos 20 anos resultou na conquista de diversos latifúndios, originando 24 mil famílias assentadas em 364 projetos de assentamentos, presentes em mais de 92 municípios do Tocantins. O processo de territorialização é compreendido pelas ocupações de terra e conquista de assentamentos rurais. Para Fernandes (2010), esses territórios constituem-se em novos espaços. É onde os trabalhadores rurais se recriam e reproduzem a luta pela terra, mediante a formação de um movimento camponês. Essa leitura da terra permite compreender que a forma de organização social e o território são partes indissociáveis da luta camponesa.

A territorialização é um processo permanente na história dos movimentos sociais, em especial para o MST. Isso porque a luta camponesa pela terra, a conquista de um latifúndio e sua transformação em assentamento rural promovem mudanças na estrutura fundiária. A divisão da terra aumenta significativamente o número de pessoas nesse território. Essa nova realidade altera as formas de organização do espaço e do trabalho e, por conseguinte, as relações sociais e políticas. O acesso à terra é condição essencial para o campesinato para assegurar seu meio de existência, construir sua identidade e reproduzir seu trabalho familiar.

Para Fernandes (2010), a territorialização dos movimentos sociais por meio da ocupação da terra é uma forma de enfrentamento, resistência e recriação do campesinato. As lutas realizadas proporcionaram a ressocialização de trabalhadores que nunca tiveram terra. Nessa luta, entrecruzam-se diversas motivações: indignação, necessidade, interesse, consciência política, identidade camponesa, concepções de economia moral da terra e a expectativa de superação forjada na dinâmica coletiva de luta.

Como movimentos sociais, Gohn (2007) define ser a ação dos homens na trajetória da História, o que envolve um fazer e um pensar por meio de ideias que fundamentam essas ações. A autora destaca que a categoria espacial (movimentos de periferia, guetos

pobres, camponeses, dentre outros) tem um forte peso no componente social. A força social dos movimentos sociais se dá a partir da análise do contexto político em que se desenvolve o movimento, por meio da reflexão de suas redes de articulação, dos princípios articulatórios internos e externos.

Ressalta, ainda, que a avaliação de um movimento deve contribuir para o processo de mudança social, entre avanços e retrocessos, mediante a participação ou contribuição dos repertórios de ações coletivas dos movimentos sociais, entre ciclos de protesto que se constituíram em determinados momentos históricos.

As principais categorias teóricas dos movimentos sociais são históricas e ditadas no tempo e no espaço com diferentes paradigmas. Algumas preexistem; outras são criadas pela investigação. Tanto se fundamentam em conceitos já existentes, como se originam de novos conceitos. São construídos de uma cultura política. Algumas categorias analíticas originaram-se de fenômenos como exclusão social, resistência e participação, o que abarca, dentre outros aspectos, experiência, direitos, cidadania e identidade coletiva. Numa dimensão de longo alcance, os movimentos sociais politizam as demandas de forma geral, dando-lhes visibilidade na esfera pública (GOHN, 2007).

Estudar os movimentos sociais é o grande objetivo do GEPE. Desde compreender como se organizam os movimentos, quais suas referências e orientações políticas, concepções de sociedade e, especialmente, os elementos teóricos para subsidiar a construção da organicidade do movimento. Assim, na seção a seguir, apresentar-se-á uma breve incursão sobre a história do grupo e sua atuação na pesquisa e na extensão.

## FORMAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDO, PESQUISA E EXTENSÃO

O GEPE Cultura Política nasce a partir do interesse em estudar o tema dos movimentos sociais. O objetivo do grupo de pesquisa e extensão era conhecer a realidade local e regional onde o campo da UFT está localizado, sobretudo, em uma região de intensas lutas pela terra. Nesse contexto, os discentes se envolveram na temática, o que despertou o interesse de conhecer esse território, que conta com uma substancial presença de camponeses e suas atividades na agricultura familiar. Ressalta-se, também, que no território é forte a presença do agronegócio como forma de produção de mercadoria.

Projetos de iniciação científica, de extensão, grupos de trabalhos, TCC (trabalhos de conclusão de curso) são atividades que deram forma e conteúdo ao movimento dos discentes no mundo acadêmico, desenvolvendo uma relação com a comunidade e com a produção científica. O grupo iniciou-se em 2010, organizou mobilizações e místicas nas atividades de extensões, produziu um coletivo de jovens que desenvolveram o gosto pela pesquisa e pela extensão.

As atividades desenvolvidas no grupo são compostas de procedimentos e instrumentos metodológicos, como o levantamento bibliográfico que se vincula ao tema, tais como: ensinar e aprender em acampamento do MST; questões agrárias e campesinato; leitura do material bibliográfico selecionado, como também participação nas atividades, ocupações e manifestações do Movimento; realização de entrevistas com os trabalhadores(as) do acampamento Padre Josimo; exposição das leituras no GEPE (Grupo de Estudo e Pesquisa Cultura política).

Como ações norteadoras de extensão, produziram-se duas atividades denominadas: 'Formação política no acampamento Padre Josimo' e a 'I Jornada de Estudos sobre Movimentos Sociais, Cultura e Política', as quais serão apresentadas a seguir.

## PESQUISA NA ATIVIDADE DE EXTENSÃO: ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO – TO

Partindo da premissa de que os conflitos agrários contemporâneos têm suas origens na natureza e na forma como foi o processo de ocupação do território brasileiro desde o Descobrimento, no qual ainda neste período era forte a concentração fundiária, como adverte Buainaim (2008, p. 23): “[...] a terra no país ocupava um papel central na economia e na sociedade brasileira, fosse como fonte de poder, fosse como reserva de valor”.

O país também passou por grandes momentos, mas sem qualquer mudança na distribuição da propriedade da terra, como o fim do tráfico de escravos, abolição da escravatura, proclamação da República, Revolução de 1930, processo de industrialização, entre outros (BUAINAIM, 2008). A luta pela terra fez emergir novos atores sociais e, junto com eles, seus saberes, frutos de experiências: fazeres e saberes da luta cotidiana.

Como resultado de saberes entre universidade e comunidade, realizou-se uma atividade política no acampamento Padre Josimo, Buriti – TO, envolvendo discentes do GEPE Cultura Política, em 2013. Tinha por objetivo realizar uma formação política com os acampados.

O processo de formação política da consciência política é complexo e amplo, pois trata da elevação permanente em todos os sentidos, do nível de conhecimento e experiência de vida dos trabalhadores, dos militantes, dirigentes e dos quadros políticos da organização. (CARTILHA MST, 2013, p. 27).

Ao chegar ao acampamento, encontramos um coletivo de camponeses numa roda de conversa, discutindo sobre os problemas do acampamento e as ações políticas contra os desmandos do Estado. Os discentes falaram do objetivo da visita ao acampamento e da possibilidade de estabelecer um diálogo entre a realidade e a teoria estudada na academia, uma vez que o GEPE tem por objeto de estudo os movimentos sociais e a luta pela terra.

O acampamento recebe o nome em homenagem a Padre Josimo, liderança da luta pela terra na região do Bico, assassinado em 1987 por pistoleiros, a mando dos ruralistas, grileiros de terra. Está localizado às margens da rodovia TO-201, no município de Buriti do Tocantins. Sua população é de 9.767 habitantes. Possui uma área de 272,19 km<sup>2</sup>. O acampamento surgiu a partir de uma associação de trabalhadores rurais, na qual todos tinham o mesmo objetivo: conseguir o benefício da terra para nela trabalhar.

Nós fazíamos reunião lá na rua mesmo, lá na cidade [...]; nós nos reuníamos assim, no quintal; em todo lugar que dava certo, nós marcávamos uma reunião. Tinha mais de três anos que nós tínhamos essa associação e nunca tinha conseguido nada, aí nós entramos em contato com o MST, eles vieram conversar com nós, daí a gente acampou na beira da estrada, como agora estamos nós [...]. Na época, veio umas 40 famílias, veio gente de todos os lugares, lá da Esperantina e Buriti. Aí nós chegamos aqui era de noite, quatro horas da madrugada, chegamos aqui e todo mundo começou a limpar a área. Aí as pessoas ficaram sabendo: É os Sem-Terra invadiram acolá! Aí foram chegando mais, aí esse acampamento era grande, aquilo tudo era casa, tudo, tudo [...] era muita gente, de todo lugar: Maranhão, Pará. (Entrevistada, 34 anos, 2013).

A ocupação ocorreu em outubro de 2005, e o acampamento possuía cerca de 200 famílias. Mas, devido à burocratização do INCRA para desapropriação das terras, o procedimento se tornou demorado e, com isso, muitos desistiram. Hoje, o acampamento tem quatro anos de existência e possui 42 famílias. Eram 50 famílias. Entretanto, dez famílias já foram assentadas. Para muitos, essa é uma das grandes vitórias do acampamento Padre Josimo. “[...] já chegou a ter 200 famílias, aí foram desistindo, foram desanimando, algumas não tinham tempo de esperar, dizia que a terra não ia sair, mas tem deles que já está de novo aqui de volta”. (Entrevistado, 44 anos, 2013).

O acampamento não tem nenhuma infraestrutura: as barracas construídas são de palha; não há fornecimento de energia elétrica; não possuem geradores; e a água é conseguida através de poço artesiano construído pelos acampados. O Estado não fornece nenhuma estrutura ao acampamento, pois é considerado uma invasão às terras públicas. Em frente do acampamento, localiza-se uma fazenda, e no fundo há um assentamento: o Santa Cruz. Assim, os acampados sobrevivem por meio de programas de assistencialismo do Governo. Os trabalhadores realizam serviços em fazendas próximas e na estratificação do azeite do coco babaçu.

No estado do Tocantins, a luta pela terra se constitui, historicamente, por uma região de fronteira agrícola, caracterizada por um cenário de lutas e resistência dos camponeses. O MST constitui sujeito político no Tocantins, incorporando uma experiência histórica, enquanto classe na região. Martins (2009) apresenta um estudo sobre fronteira, no qual adverte que a história contemporânea da fronteira no Brasil é uma história de destruição, mas também é uma história de resistência, de revolta, de protesto e, sobretudo, de esperança. É essencialmente uma história das lutas sociais.

Nesse sentido, concorda-se com o autor, pois a fronteira é o lugar do encontro das diferentes razões de estarem ali. De um lado, estão os grandes proprietários de terra; do outro, os camponeses pobres. Mas o conflito que se aloja nesse cenário faz com que a fronteira seja um lugar dos desencontros, de formas diferentes de produção da vida na terra, de visões de mundo.

Sobre a luta pela terra e a tensão entre projetos em disputas é que surge o projeto sobre a I Jornada dos Movimentos Sociais. Na seção seguinte, apresentar-se-á a trajetória de extensão da I Jornada de Estudos sobre Movimentos Sociais, Cultura e Política, seu desenvolvimento e resultados.

## **ATIVIDADE DE EXTENSÃO - I JORNADA DE ESTUDOS SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS, CULTURA E POLÍTICA: O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA PRODUÇÃO DE SABERES**

A Jornada de Estudos sobre Movimentos Sociais, Cultura e Política foi organizada pelo GEPE Cultura Política e o Centro Acadêmico Florestan Fernandes, do curso de Ciências Sociais. Fruto de debates no grupo e das atividades vivenciadas junto ao MST, no acampamento Padre Josimo, ocorreu no período de 19 a 21 de abril de 2013, no *campus* de Tocantinópolis. Envolveu a comunidade acadêmica, alunos do ensino médio da cidade e de municípios vizinhos, movimentos e organizações sociais.

A Jornada contou com uma programação que possibilitou debates e reflexões, tais como: “O Protagonismo dos Movimentos Sociais na Construção da Cultura Política” – MST – TO e MAB – TO; “A importância da mobilização estudantil nas lutas sociais”;

e também ocorreram oficinas sobre movimento negro; teoria dos movimentos sociais; teoria política; mística nos movimentos sociais; a nova esquerda na América Latina; Agroecologia e Agronegócio: disputas e conflitos; o feminismo na atualidade; diversidade sexual; arte circense. Foi realizada uma roda de conversa sobre “Cidadania e Direitos Humanos”, “História Indígena e Transculturalidade”.

A Jornada teve como objetivo geral proporcionar à comunidade acadêmica reflexões sobre o papel dos movimentos sociais nas diversas temáticas tratadas nas lutas sociais, no intuito de fomentar o protagonismo estudantil, facilitando a inserção desses atores nas discussões acadêmicas e sociais. E, especialmente, estabelecer uma relação entre os movimentos sociais e a universidade. Como objetivos específicos: 1. Oportunizar o debate entre estudantes e membros da comunidade em geral, dentro de eixos temáticos escolhidos; 2. Fomentar o protagonismo estudantil; 3. Oportunizar a participação dos discentes da UFT em movimentos sociais; 4. Intercambiar experiências; 5. Promover a arte e a cultura.

Entre textos e contextos, as reflexões teóricas sobre movimentos sociais e ações coletivas abordadas durante os debates na Jornada por professores da Universidade apresentaram um estudo conceitual, que segue no tópico a seguir.

## **RESULTADOS DA I JORNADA: DEBATES TEÓRICOS APRESENTADOS SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E AÇÕES COLETIVAS**

Os debates teóricos tratados pelos professores na Jornada apresentaram uma síntese sobre as principais abordagens das teorias dos movimentos sociais. Apontam para a compreensão dos processos das ações coletivas contemporâneas enquanto entendimento da superação da dualidade entre novos e velhos movimentos sociais, que, historicamente, marcou o debate conceitual no campo das ciências sociais.

Isso é um grande salto para as análises dos movimentos sociais, uma vez que, nas sociedades contemporâneas, o conflito sociopolítico não tem espaço delimitado de ação, não faz parte do sistema econômico industrial e nem tem origem nos sistemas formais de representação política. O conflito está na vida cotidiana, e os movimentos sociais não são personagens que se movem em função do fim que lhe atribuem os ideólogos, mas se apresentam como redes complexas de relações entre níveis e significados diversos da ação coletiva de atores sociais.

Nessa perspectiva, a identidade coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões, conflitos entre atores sociais, pois, na vida cotidiana, os indivíduos fornecem um sentido à própria ação, que não é mais aquela indicada pelas estruturas sociais e submetida aos vínculos da ordem constituída.

Diante do exposto, pode-se constatar que há uma construção de um espaço social e analítico plural no qual a ação coletiva de atores se torna uma questão de investigação. Há uma distinção quanto às orientações da ação coletiva na medida em que os fenômenos coletivos envolvem a solidariedade. O conflito entre atores e a quebra de limites de incompatibilidade do sistema de relações sociais e outros atores estariam mais comprometidos com a manutenção dos limites de variabilidade do sistema social.

Os estudos sobre movimentos sociais se constituem no campo da Sociologia como um debate que enfrenta diversos olhares. Para Alonso (2009), três grandes teorias explicativas para os estudos sobre movimentos sociais podem ser assim definidas: Teoria

da Mobilização de Recursos (TMR), Teoria do Processo Político (TPP) e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). Entende-se, outrossim, que essas teorias sofreram mudanças ao longo das transformações da sociedade contemporânea, incluindo elementos de dimensões culturais.

Para Alonso (2009), os percursores da Teoria da Mobilização de Recursos defendiam que os movimentos sociais precisavam de uma estrutura organizativa para, de fato, ocorrer e se manter. A racionalização das atividades políticas, da burocratização e das normas, hierarquias internas e divisão do trabalho, especialização dos membros, com os líderes, como gerentes, administrando os recursos e coordenando ações poderiam potencializar o movimento. Negavam os elementos explicativos do Marxismo, no que se refere à questão economicista. Defendiam que mais importante do que identificar as razões é, notadamente, explicar como ocorre o processo. E a ação coletiva só se dá por meio da presença de recursos materiais (financeiros) e humanos (ativistas).

Assim, a teoria ressalta a racionalidade e a organicidade do movimento, negando as ideologias e os valores nas proposições das mobilizações coletivas. Para a autora (ALONSO, 2009), esta teoria não teve influência de destaque nas pesquisas sobre movimentos sociais na América Latina. Isso ocorreu porque nega o lugar da cultura. A principal crítica a este modelo teórico era de que o mesmo excluía valores, normas, ideologias, projetos, cultura e identidade dos grupos sociais estudados.

Para Tarrow (2009), a ação coletiva não é uma categoria abstrata, que fica fora da História, da política ou da Sociologia. Torna-se confronto quando os sujeitos, que têm seus direitos negados, não têm acesso às instituições, desafiam as autoridades. É a ação coletiva de confronto é a única arma de que dispõem contra os mais poderosos. Os movimentos elaboram ideologias, socializam seus problemas e privações, buscam marcar suas identidades como forma de pertencimento e mobilizam seus membros com organicidades, muitas vezes. Os organizadores, portanto, utilizam-se do confronto para ganhar visibilidade, reunir maior número de pessoas e mobilizá-las contra seus opressores.

Por sua vez, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais também se enquadra como teoria macro-histórica e associação entre mudança social e formas de conflitos. Alguns autores, entre os quais Alberto Melucci, Touraine e Habermas, estão nesta teoria, que tem como princípio a interpretação cultural dos movimentos sociais. Os novos movimentos sociais seriam formas particulares de resistência e de busca de reconhecimento da diversidade, grupos sociais residentes no âmbito da sociedade, que valorizam formas de produzir a vida.

Nesse sentido, as mudanças estão ligadas às transformações vividas pela sociedade complexa. Isto porque os processos de individualização e autonomia dos sujeitos concedem à experiência individual um *status* elevado. Implica dizer que os processos do modo de viver destes sujeitos são cada vez menos estudados. Portanto, é dada importância às experiências da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir como sentido da própria ação, o que, para Melucci (2011), muda o foco para as dimensões culturais da ação humana.

Definem-se, nessa teoria, os movimentos sociais como sendo forma de ação coletiva, que surge a partir de um campo de oportunidades e possui lideranças e estratégias. Por essa razão, vê-se que incorpora a tese da TPP. Mas vai discutir sobre redes de relacionamentos, que implica construção e interação, e não de estruturas de mobilizações. Ocorre, entretanto, um deslocamento das reivindicações, do entendimento de redistribuição –

mundo do trabalho para vida cotidiana –, afirmando novas identidades e novos valores. Assim, os movimentos de classe dão lugar a movimentos simbólicos, identitários e cognitivos. Isso ocorre devido às mudanças na forma de dominação cultural (tecnologia e ciência).

Para Melucci (2001), os movimentos sociais nas sociedades complexas diferem de um ator coletivo politicamente organizado. Possuem características de redes de grupos, pontos de encontro, circuitos de solidariedade. Isso implica novos elementos e profunda transformação na forma organizativa.

A forma de organização possui um caráter simbólico e está imerso na vida cotidiana. Os elementos significativos nessa sociedade complexa estão relacionados a questões da identidade individual e à ação coletiva. A solidariedade do grupo não se separa da individual e das questões afetivas e do que tem de mais novo hoje, a questão comunicacional dos indivíduos e sua relação com as coisas da vida.

A ação coletiva se manifesta através de ruptura de limites. Simultaneamente, os fenômenos coletivos implicam a solidariedade, isto é, a capacidade dos autores em reconhecer outros e serem reconhecidos como partes integrantes da mesma unidade social.

O conflito orienta procedimentos dos atores sociais. Melucci (2005) afirma que um movimento, como categoria analítica, não se limita apenas ao conflito e sua presença não é suficiente para caracterizar uma ação coletiva como movimento social, já que aponta para outras formas de conflito e de consenso. O autor adverte que a questão que precisa ser observada é quanto à forma de análise e de tratamento do conflito dentro de uma lógica mais ampla das relações sociais.

Mas uma questão se põe nesse debate sobre a diversidade nos movimentos e que Scherer-Warren (1998) chama à atenção é que os movimentos sociais contemporâneos possibilitam uma definição como redes sociais complexas que apresentam elementos simbólicos e de solidariedades entre os sujeitos, cujas identidades se constroem no processo dialógico de identificações éticas e culturais, intercâmbios e negociações.

A partir das discussões teóricas sobre os conceitos e matrizes sobre os movimentos sociais, parte-se do pressuposto de que a teoria dos processos políticos apresenta uma matriz que coaduna com o que os movimentos do campo definem como sendo um movimento que, em suas bases, enfrenta o modelo do capital para a agricultura, o agronegócio, que hoje é hegemônico e impôs uma forma de exploração da natureza e do trabalho. Mas também gera contradições, e isso impõe uma correlação de forças muito adversa para as forças populares do campo avançarem. (CARTILHA MST, 2013, p.6).

Neste sentido é que o protagonismo dos movimentos sociais do campo na luta pela terra apresenta uma realidade que é tensa e uma tarefa indiscutivelmente de todos. Assim é que a Jornada agregou, através dos debates, possibilidades de projetos de extensão para fortalecimento do projeto da luta dos povos do campo.

## **O PROTAGONISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA LUTA PELA TERRA**

Os resultados da Jornada sobre o protagonismo dos movimentos sociais na luta pela terra apresentaram sínteses relevantes para o desenvolvimento de projetos de extensão junto aos povos do campo, em especial ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, uma vez que apontou para o estado de penúria em que estão submersos homens e mulheres do

campo.

Desenvolver atividades de formação política com acampados e assentados da reforma agrária é uma possibilidade que surgiu a partir do diálogo entre os saberes da academia e os saberes dos camponeses em luta pela terra e por reafirmação dos direitos sociais. Direitos que sofrem uma desintegração na conjuntura atual, intensa expulsão de comunidades tradicionais das suas terras, ampliação da reprodução do capital, sobretudo do agronegócio.

Uma das consequências da concentração das terras é a pressão política e econômica pela apropriação e expropriação das terras dos camponeses por parte das empresas capitalistas. Essa expansão capitalista no campo nega, numa prática de exclusão social e produtiva, o modo de produzir e de viver dos camponeses.

Para Carvalho (2014, p.3):

Constata-se, na dinâmica da agricultura brasileira, o confronto entre dois modelos de produção: o modelo capitalista, cuja racionalidade está concentrada no lucro e tem como estratégia a artificialização e a estandardização dos produtos agrícolas (amplo senso) para a exportação; o modelo camponês de produção, cuja lógica é estabelecida pela reprodução social da família e tem como estratégia a diversificação de cultivos e criações, a harmonia entre a ação antrópica e a natureza e a oferta de alimentos saudáveis.

Isso alude projetos em disputas, em que, de um lado, está a expansão do capital e, do outro, a luta das populações do campo pela reprodução social da vida. Os camponeses elaboram estratégias, que vão desde a disputa pelos programas assistencialistas até formas de resistências sociais, devido à violação continuada dos seus direitos, seja por grandes empresários proprietários de terras, e até por grileiros.

Para Carvalho (2014), uma forma de resistência e atuação dos movimentos sociais do campo deve ser a consolidação da unidade política dos movimentos sociais e organizações sociais populares do campo, rumo a uma aliança popular no campo, a partir de objetivos estratégicos pactuados, que se coloquem além dos objetivos táticos de reivindicações e de protestos.

Uma das propostas que surgiram a partir da Jornada foi o desenvolvimento de atividades de extensão junto à população do campo (Bico do Papagaio), relacionadas à educação de jovens e adultos que não sabem ler e escrever, como prerrogativa de melhoria das condições de vida e de acesso aos direitos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas por meio das atividades de extensão contribuíram para ampliar o conhecimento dos discentes acerca dos temas propostos e, especialmente, como os resultados das pesquisas se converteram em atividades de extensão, contribuindo para o fortalecimento da relação entre universidade e comunidade.

Ressalta-se a importância do grupo de pesquisa na dinâmica da produção dos saberes elaborados pela academia e sua interface com os saberes produzidos pelas comunidades. Procurou-se compreender a temática dos movimentos sociais por meio da cultura política implementada por seus atores. Essa cultura foi gestada no Brasil, a partir das lutas diárias, por melhores condições de vida e direitos sociais.

E a pesquisa apontou para o fato de que a apropriação coletiva do saber, na produção coletiva de conhecimentos, é direito dos povos do campo sobre a produção, o poder e a cultura. Muitas das práticas constituídas na pesquisa surgem como método de ação e forma

diversa de aprendizagem coletiva. Isso pode possibilitar uma diversidade de transformação do povo em sujeitos políticos em suas reivindicações na sociedade a que pertencem. Isso ocorre, especialmente, na interface da produção de saberes, ou seja, na construção do conhecimento através do diálogo entre saberes.

As experiências de extensão apontaram para o fato de que a vida cotidiana constrói o sentido do agir, como sentido da própria ação, que não é somente a indicada pelas estruturas sociais, submetida aos vínculos da ordem constituída. “O sentido é sempre mais produzido através de relações, e esta dimensão construtiva e relacional acresce na ação o componente de significado na pesquisa (MELUCCI, 2005, p. 29).

Entende-se que a extensão é parte indispensável do pensar e do fazer acadêmicos. Assume-se uma luta pela institucionalização dessas atividades, o que conduz à adoção de medidas e procedimentos que redirecionam a própria política das universidades. Ao reafirmar o compromisso social da universidade como forma de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos e desenvolvimento social, a extensão se coloca como prática acadêmica que objetiva interligar a universidade em suas atividades de ensino e pesquisa, com as demandas da sociedade.

Concorda-se com a premissa contida no Plano Nacional de Extensão Universitária de 2010 de que a intervenção, na realidade, não pretende que a universidade substitua as funções de responsabilidade do Estado, mas que é sua tarefa produzir saberes, científicos e tecnológicos, artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população. Sobretudo, que esses saberes estejam em conexão com a cultura produzida pelas comunidades e que os elementos da realidade componham o conjunto dos conhecimentos produzidos por esta sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p.49-86, 2009.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico (2010)**. IBGE (2010). Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 15 jan. 2015. .
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD (2012). Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 15 jan. 2015.
- \_\_\_\_\_. Plano Nacional – Extensão. Coleção-Extensão-Universitária/01, Brasília 2010. Disponível em: [http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano\\_Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf](http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano_Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf). Acesso em: 16 jan. 2015.
- BUAINAIN, A. M. **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.
- CARTILHA sobre os nossos desafios e as linhas políticas de atuação do MST. São Paulo, 2013. Mimeo.
- CARVALHO, H. M. A contra reforma agrária e o aumento das desigualdades sociais no campo. Curitiba, 2014. Mimeo.
- FERNANDES, B. M. Formação e territorialização do MST no Brasil. In: CARTER, Miguel (Org.). **Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- GOHN, M da G. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MELUCCI, A. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. Métodos qualitativos e pesquisa reflexiva. In: \_\_\_\_\_. **Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: territórios e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SCHERER-WARREN, I. Movimentos sociais em cena e as teorias por onde andam? **Revista Brasileira de Educação**, n. 8, set./dez. 1998.
- PLANO Plurianual Institucional. 2010-2015. Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010. Disponível em: [www.uft.edu.br](http://www.uft.edu.br). Acesso em: 14 jan. 2015.
- TARROW, S. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Trad. Ana Maria Sallum. Rio de Janeiro-RJ: Vozes, 2009.

Artigo recebido em:  
17/1/2015  
Aceito para publicação em:  
23/06/2015

# A IMPLEMENTAÇÃO DO MARKETING NO TERCEIRO SETOR: O CASO DE UMA ONG ASSISTENCIALISTA DE ANIMAIS

## THE IMPLEMENTATION OF MARKETING IN THE THIRD SECTOR: THE CASE OF AN ANIMAL WELFARE NGO

*KUZMA, Edson Luis<sup>1</sup>*

*SILVA, Adriana Queiroz<sup>2</sup>*

*VELOZO, Ana Carolina<sup>3</sup>*

### RESUMO

A utilização de ações de Marketing é fundamental para o Terceiro Setor. Através delas, são viabilizadas uma série de benefícios para suas organizações que, na maioria das vezes, contam com uma gama pequena de recursos. Dessa forma, reconhecendo a importância das instituições do Terceiro Setor, em especial das ONGs, o presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados obtidos através de um projeto de atividade extensionista aplicado na instituição aqui denominada de ONG Alfa, sediada em Irati/PR. O foco do projeto é a utilização do Marketing no Terceiro Setor como meio de incremento da imagem social dessa organização, objetivando seu fortalecimento. Possibilitou-se o desenvolvimento de atividades que proporcionaram a melhoria da visibilidade da referida ONG no contexto comunitário, atrelado a uma maior eficiência na arrecadação de recursos. De modo geral, o projeto alcançou o efeito esperado, haja vista os resultados que foram alcançados frente aos desafios impostos pelas limitações de recursos empregados.

Palavras-chave: Marketing Social; Terceiro Setor; ONGs.

### ABSTRACT

The use of Marketing actions is essential for the Third Sector. Through them, many benefits for their organizations are made feasible, mostly when these institutions have a small range of resources. Thus, recognizing the importance of Third Sector's organizations, especially NGOs, this article aims to present the results obtained through an extension activity project applied to an institution here called Alpha NGO, from Irati/PR. The focus of this project, that uses the Marketing in the Third Sector, is increasing the social image of this organization, aiming its strengthening. It was enabled the development of activities that provided improvements to the visibility of the NGO in the community context; this was also tied to a better efficiency in fundraising. Overall, the project achieved the expected effect, considering the results obtained even in front of the challenges implied by the resource constraints.

Keywords: Social Marketing; Third Sector; NGOs.

1 Aluno do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. E-mail: edson.kuzma@gmail.com

2 Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. Aluna do Curso de Doutorado em Administração pela Universidade Positivo (UP), Brasil. E-mail: aqueirozsilva@uol.com.br

3 Bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. E-mail: carol.velozo@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

É de essencial importância a atuação das instituições de Terceiro Setor para a manutenção e desenvolvimento das questões de cunho social. Pode-se dizer que o Terceiro Setor, composto por organizações sem fins lucrativos, é criado e mantido pela ênfase da participação voluntária, num contexto não governamental que dá continuidade às práticas tradicionais de caridade, filantropia e mecenato. Além desses setores, expande-se seu trabalho social para outras áreas, sobretudo devido à incorporação da cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil (CARLINS et al, 2009).

Neste sentido, o presente artigo aborda o contexto da ONG Alfa, dessa forma denominada para desenvolvimento deste estudo, que atua na proteção e cuidado de animais domésticos na cidade de Irati, no Paraná. Essa instituição trabalha há dez anos recolhendo, tratando, alimentando e encaminhando à adoção cães e gatos. A pesquisa é resultado de um projeto extensionista vinculado ao curso de Administração da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus de Irati. O projeto foi desenvolvido por acadêmicos do quarto ano do referido curso, sob orientação de uma professora do mesmo departamento.

De acordo com os objetivos do projeto, propôs-se o delineamento com foco na utilização do *Marketing Social* para a divulgação do trabalho social e da imagem da ONG, enquanto promotora do bem-estar da comunidade. Por meio de ações de *Marketing*, buscou-se a melhoria da imagem institucional da ONG, tornando mais difundida e mais visível aos olhos da sociedade. Em consequência, buscou-se também o aprimoramento dos processos internos da instituição, os quais são relacionados a questões práticas da rotina da ONG.

Outro foco de trabalho foram as ações visando ao levantamento de recursos financeiros, sobretudo através do planejamento dos eventos e articulação dos meios que possibilitem a obtenção de recursos. Essas ações foram propostas juntamente às atividades de divulgação, com vistas ao levantamento do potencial da instituição como um todo.

Para tanto, a estrutura do artigo é configurada de modo a promover uma reflexão teórica a respeito do tema de pesquisa, assim como apresentar a proposta do projeto extensionista e os resultados obtidos. Na revisão de literatura, são abordadas a conceituação do *Marketing Tradicional*, as definições e especificações do Terceiro Setor, assim como as implicações do *Marketing* no Terceiro Setor, que é o principal foco de trabalho do projeto e, portanto, o elo fundamental da discussão empreendida.

São apresentadas as características e a descrição da ONG, que é objeto de estudo, incluindo suas linhas de atuação, um pouco de sua trajetória histórica e sua situação atual. Na metodologia, são especificados quais foram os procedimentos no desenvolvimento do estudo, fruto do projeto de extensão, além das atividades realizadas no projeto, passando por suas duas frentes de ação: o *Marketing Social*, como incremento na arrecadação de recursos, e os resultados obtidos por tais esforços. Por fim, são apontadas as considerações finais e as limitações do projeto, elencando os principais desafios enfrentados em seu desenvolvimento.

## REVISÃO DE LITERATURA

### CONCEITUAÇÃO DE *MARKETING*

De acordo com Kotler (2000), o *Marketing* é um processo social por meio do qual pessoas e grupos obtêm aquilo de que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos e serviços. Para ele, o *Marketing* é uma espécie de via de duas mãos, em que as organizações ofertam aos clientes, de acordo com a tendência e preferências do mercado, produtos e serviços para satisfazer seus desejos e necessidades. Em troca, as organizações recebem o devido retorno financeiro, conforme o desempenho obtido pela sua atuação.

Desta forma, segundo Kotler (2000), o *Marketing* se tornou uma força difundida e influente em todos os setores da economia, sendo altamente condicionante ao desempenho empresarial das organizações, sobretudo devido à sua ligação íntima com o nível de satisfação do consumidor em relação ao objetivo final da empresa.

Para Las Casas (2006)

Marketing é a área de conhecimento que engloba todas as atividades concernentes às relações de troca, orientadas para a satisfação dos desejos e necessidades dos consumidores, visando alcançar determinados objetivos de empresas ou indivíduos e considerando sempre o meio ambiente de atuação e o impacto que essas relações causam no bem-estar da sociedade. (LAS CASAS, 2006, p. 26).

Ainda de acordo com Las Casas (2006), de início o *Marketing* estava associado à atividade dirigida de transferência de bens e serviços a um consumidor final. Posteriormente, conforme se tem por consenso, acrescentou-se a ideia de satisfação de desejos e necessidades dos consumidores, aplicando-se dessa forma a demais áreas do conhecimento, como o turismo e a política.

À vista disso, o *Marketing* é tido como a atividade humana dirigida para a satisfação das necessidades e desejos dos clientes, através dos processos de troca. Ou seja, para haver *Marketing* tem de haver, necessariamente, uma relação de troca em que são ofertados e demandados produtos e serviços. O conjunto de ações de *Marketing* tem como objetivo vender um produto para o consumidor, reter clientes, fidelizá-los e torná-los defensores e propagadores da marca.

Seu conceito tem sido construído de várias maneiras ao longo dos anos, por autores diferentes. Assim, para Kotler (2000), a definição de *Marketing*, chegado em sua ideia moderna, passou pela seguinte evolução: orientação para a produção; orientação para o produto; orientação para as vendas; orientação para o *Marketing* propriamente dito; orientação para o *Marketing* Social.

De início, o foco era na produção, visto que tudo que se produzia era vendido; a demanda era maior que a oferta de produtos e o poder de escolha era reduzido a alguns poucos itens. Posteriormente, quando este modelo se esgotou, a atenção se voltou para o produto, através da melhoria da qualidade e da variedade de mercadorias, viabilizado pelos investimentos em tecnologia, sobretudo nas áreas de engenharia dos produtos. A orientação para as vendas foi um passo que, na concepção de Kotler (2000), determinou a tendência atual do *Marketing* como um todo, nas suas mais variadas áreas. Adotou-se

técnicas de venda mais agressivas e que iam ao encontro do cliente, preocupando-se com a venda em massa de produtos.

Contudo, o *Marketing* atual se configura como um esforço contínuo de fidelização dos clientes, não apenas de vendas oportunas. Desta forma, incorpora-se o elemento de acompanhamento do pós-venda, com o intuito de direcionar esforços na satisfação absoluta do consumidor, tomando ciência inclusive de sua opinião com relação ao desempenho do produto adquirido.

Como segmento da evolução dessa área, tem-se o *Marketing* para as causas sociais ou *Marketing* Social. Assim como as demais ramificações da área, como o *Marketing* Verde, o *Marketing* de Relacionamento e o *Marketing* Político, a orientação para o social surge de uma tendência da sociedade pela demanda de produtos que atendam a requisitos mínimos de preocupação ambiental e de promoção social e econômica. Busca-se que as organizações assumam posturas comprometidas não apenas com suas próprias pretensões, mas também foquem no ambiente ao qual estão inseridas e contribuam de forma proativa. Todavia, Andreasen (2002) assevera que a principal função do *Marketing* Social não está na venda de ideias, mas na influência do comportamento do consumidor e, sobretudo, da sociedade.

## TERCEIRO SETOR

O Terceiro Setor é visto como sendo derivado de uma conjugação entre as finalidades do Primeiro Setor (governo) e Segundo Setor (mercado), visando à promoção de ações efetivas em prol do bem comum. Sua formação remonta a omissão e a ausência de determinados setores de atuação social, sobretudo a omissão da atuação Estado, que passa a ser suprida pelos demais segmentos sociais, os quais, por sua vez, formulam suas próprias formas de amenização ou solução para as questões de cunho social. Assim, a competência que era majoritariamente dos governos, em todas as suas esferas, passa para um novo segmento (OLIVEIRA, 2005): o Terceiro Setor, que é desenvolvido com o intuito de reforçar a ação falha do Estado nas questões sociais, contribuindo e estimulando a resolução participativa de conflitos e problemas da sociedade.

Kanitz (2000) assevera que o Primeiro Setor é formado pelo Estado, que tem por objetivo o desenvolvimento e promoção do bem comum com relação às questões sociais e políticas; o Segundo Setor é representado pelas organizações privadas, que têm fins lucrativos e ofertam bens e serviços à sociedade, dinamizam a economia e fomentam o desenvolvimento dos mercados. Através dos processos de reengenharia do Estado e crise de governabilidade, por parte dos governos e da pressão social pela atuação de forma mais consciente e gerida por reguladores éticos e morais sobre as organizações privadas, constitui-se um meio de sinergia e interação entre ambos, no qual vem a se formar o Terceiro Setor (OLIVEIRA, 2005).

O Terceiro Setor é definido por Alves (2001) como o espaço institucional que abriga ações de caráter privado, associativo e voluntarista voltadas para a geração de bens de consumo coletivo, sem que haja qualquer tipo de apropriação particular de excedentes econômicos gerados nesse processo. A relação entre esses dois setores, ou seja, as empresas privadas e as organizações voluntárias, pode ser então uma forma de aliar os recursos oferecidos pelo setor privado com finalidade de aplicação no Terceiro Setor para trazer benefícios mútuos, seja em relação à imagem ou em retorno efetivo de recursos. Destaca-

se o alcance de um objetivo final, a médio ou longo prazo, entorno de uma organização, no caso do setor privado, ou conseguindo recursos para promover as ações de mudanças e melhorias sociais (ROCHA, 2007).

Portanto, o espaço criado pelo Terceiro Setor se mostra como um estímulo a ações efetivas que se configurem em uma participação cidadã dos envolvidos. As atitudes que devem ser empenhadas neste ponto são extensões mais complexas das funções típicas da esfera pública, as quais não são executadas nem pelo Estado nem pelo setor privado, por serem muito dispendiosas em sua manutenção, financeiramente falando. A partir disso, há a mobilização do cidadão, que toma papel de agente ativo na sociedade civil, por meio da organização do trabalho voluntário em substituição aos serviços que deveriam ser oferecidos pelo Estado (OLIVEIRA, 2005).

Destaca-se que, necessariamente, essas ações resultam em benefícios coletivos e não públicos, como seria se o governo interviesse – fato que caracteriza a atuação do setor. São justamente esses fatores que propiciam a distinção entre aquilo que não é público e nem privado, não-governamental e sem fins lucrativos, configurando o papel do agente do Terceiro Setor. São instituições de utilidade pública, que visam à busca de benefícios coletivos, capazes de auxiliar o Estado, e não substituí-lo no cumprimento de seus deveres, atentando sobretudo às desigualdades e incapacidades que o governo tem em atender à demanda social (LEGLER et al, 2010).

A maioria das organizações do Terceiro Setor visa promover benefícios coletivos, mas de caráter privado. Ou seja, ainda que exista a promoção do bem comum, as ações são realizadas por segmentos que não têm ligação com a entidade pública e, portanto, são consideradas como privadas. Enquadram-se nesse contexto as entidades que objetivam a ajuda mútua com fins de defender interesses de um determinado grupo restrito de pessoas, sem impacto social generalizado (GENGHINI; et al, 2012). Diferenciam-se, por sua vez, as organizações de caráter público que se voltam ao atendimento dos interesses gerais da sociedade, desprezando a composição local ou comunitária, a fim de viabilizar a produção de bens e serviços que agreguem benefícios para a sociedade como um todo, em detrimento do objetivo individual ou de um grupo.

## **MARKETING NO TERCEIRO SETOR**

Tendo em vista a atual contingência de transição pela qual passa a sociedade, em que se tem especial atenção pelo que é novo e diferente, é viável e justificável que alguns dos princípios elementares do *Marketing* tradicional possam vir a auxiliar as organizações sem fins de lucro, com vistas ao encontro de novos meios para efetivar sua sustentabilidade e desenvolvimento. A inserção do *Marketing* com orientação para o social sinaliza o fato de que as organizações, incluindo aquelas sem fins lucrativos, devem alocar e administrar de forma socialmente responsável e ética os seus recursos, dirigindo suas ações de modo a atender às expectativas e comportamentos dos diversos atores sociais com os quais se relacionam (GOMÉZ et al, 2008).

Sobretudo numa sociedade caracterizada pela circulação de um grande volume de informações, as organizações do Terceiro Setor precisam ser tão competentes quanto às demais, a fim de atrair a atenção da sociedade e sensibilizar os cidadãos para as causas sociais que defendem (GENGHINI et al, 2012). Ao fazer isso, estarão fortalecendo os valores que defendem e auxiliando também no destaque dos trabalhos por ela realizados.

Além de tornar sensível aos olhos da sociedade a questão social abordada, essas organizações devem também conduzir e facilitar os processos que levam a modificações reais de atitude e comportamento, de modo que a mudança social seja efetiva e duradoura.

Dessa forma, sua atuação não será apenas como agente sanador de problemas, mas também como promotor de prevenção e de redução dos efeitos que são raiz de todo o processo (MURARO; LIMA, 2003). Portanto, é a partir da aceitação da utilização das ferramentas de *Marketing*, como meio capaz de provocar mudanças cognitivas, de ação, de comportamento e de valor, que se induz a aceitação e defesa de causas sociais e ideias inovadoras. Desta forma, institui-se a possibilidade de promover mudanças concretas na forma de perceber, agir e pensar de determinados públicos a cerca de certas questões, evidenciando uma forma de utilização destas ferramentas de *Marketing* para o posicionamento ideal do Terceiro Setor (LANDIM; SCALON, 2000).

No Terceiro Setor, a “venda” de ideologias e a “promoção” de novas atitudes, a instrumentalização do *Marketing*, são vistas como instrumento de planejamento e organização da comunicação nessas organizações, permitindo o desenvolvimento de uma nova ótica sobre os problemas sociais. Por conseguinte, todos podem lançar um olhar sobre os problemas sociais, possibilitando que seja reconhecida a demanda por uma reação ativa frente à defesa e garantia dos direitos defendidos pela instituição (LEGLER et al, 2010).

Para Kotler (2000), o *Marketing* está em toda parte e, de maneira formal ou informal, as pessoas e as organizações envolvem-se em um grande número de atividades que são dirigidas por ele. Não obstante, as organizações sem fins lucrativos, que constituem o Terceiro Setor, também necessitam de ferramentas de *Marketing* e modelos de gestão mais específicos, que visem à melhoria de sua atuação. Entretanto, as adaptações dos modelos de *Marketing* de serviços e institucional para a utilização no Terceiro Setor, em busca de visibilidade e de arrecadação de recursos, esbarram na restrição e escassez de suportes e de voluntários, o que restringe seu pleno desenvolvimento.

Carvalho e Felizola (2009), asseveram que

(...) uma ação de marketing que tem como alvo o financiador difere profundamente de uma campanha de arrecadação de fundos junto a cidadãos. Estas ações, por sua vez, diferem de uma atuação de marketing que tem como objetivo promover uma causa social, como a erradicação do trabalho infantil, ou de proteção ao meio ambiente. Em suma, o chamado marketing social é mais complexo do que a relação comercial cliente-fornecedor que, tipicamente, caracteriza os mercados onde atuam empresas e apesar do parentesco com o marketing de empresas, envolve um conjunto de técnicas e metodologias. (FELIZOLA, 2009, p. 2).

Portanto, as medidas desenvolvidas com a finalidade de divulgação de ações sociais do Terceiro Setor se distinguem do *Marketing* comercial por beneficiar em primeira instância determinados segmentos da sociedade. Seu objetivo é modificar atitudes ou comportamentos, atendendo interesses desses grupos, principalmente em questões que, naturalmente, são mais delicadas e envolvem temas de impacto direto sobre a sociedade.

As organizações do Terceiro Setor utilizam o *Marketing* como meio de fomentar a cooperação social e estimular atitudes positivas em prol dos seus objetivos. Cada ação ou projeto social deve ser delineado e organizado segundo a consideração do perfil do público alvo sobre o qual se dará a sua influência, considerando que essas iniciativas geram uma resposta do público-alvo que pode ser manifestada numa mudança comportamental e na

atitude direta ou indireta de auxílio social direcionado (ROCHA, 2007).

Sina e Souza (1999) complementam ainda que no *Marketing* voltado à divulgação do Terceiro Setor pode se utilizar das técnicas e ferramentas do *Marketing* tradicional, a fim de promover a adoção de comportamentos que objetivem o desenvolvimento da saúde e do bem-estar de um público específico, quando se trata de uma questão isolada, ou da sociedade como um todo, quando a situação é mais abrangente. Presume-se a formação de gestão estratégica no processo de mudança social, a partir da incorporação de novos comportamentos, atitudes e práticas, tanto individuais quanto coletivas, orientada por premissas dentro de padrões éticos, fundamentadas nos direitos humanos e na equidade social.

Para tanto, Salamon (1997) afirma que as empresas que fazem parte do Terceiro Setor tendem a se deparar com muitos desafios, em face do pouco reconhecimento de seu trabalho, falta de comprometimento e sustentabilidade financeira. Muito embora tais problemas sejam bastante evidentes, alguns desses transtornos poderiam ser evitados se a gestão estratégica dessas instituições focasse nas ferramentas do *Marketing*, uma vez que a imagem que as organizações do Terceiro Setor transmitem à sociedade ressalta seu comprometimento com a melhoria, ainda que de forma indireta, dos problemas sociais. Dessa forma, seriam reforçadas as parcerias e incentivos dos órgãos governamentais, mediante o clareamento da divulgação das ações promovidas em prol dos objetivos destes grupos organizados.

A ligação das parcerias firmadas entre as entidades de Terceiro Setor e seus parceiros podem ser também estreitadas, na visão de Fromm (1992), por ações de *Marketing* efetivamente planejadas. Para o autor, o segredo é compreender o que o cliente ou público alvo necessita para suprir sua necessidade ou desejo. Dessa forma, o *Marketing* pode ser um instrumento de aproximação entre os desenvolvedores da ação e os possuidores dos recursos, que nem sempre têm no seu foco a realização da ação social em si, mas os benefícios resultantes deste processo. Ademais, por vezes, ainda que exista a pretensão e consciência da dimensão da ação social, falta a capacitação técnica e/ou ambiental para esta aplicação.

Além desses desafios, Landin e Scalon (2000) discriminam os seguintes problemas enfrentados pelas organizações do Terceiro Setor:

- a) O aumento de exigências relativas à elaboração e detalhamento de projetos, bem como a fixação de orçamentos e a implementação de controle operacional como condições para a aprovação de projetos beneficentes pelos agentes financiadores, visando à aferição dos resultados;
- b) A importância econômica e social, os empregos gerados, os volumes financeiros movimentados e a necessidade de transparência e visibilidade das organizações do Terceiro Setor;
- c) A crescente tendência de indivíduos, pessoas físicas, que contribuam com recursos ou trabalho em favor de entidades.

Ainda de acordo com os autores, é por intermédio do *Marketing* no Terceiro Setor que esses desafios podem ser amenizados ou supridos, sobretudo através da visibilidade obtida com a ação social, a transparência e o profissionalismo da aplicação das funções de administração, planejamento, organização, direção e controle. Este mix de ações permite a facilitação do diálogo entre os agentes sociais e a minimização dos principais desafios enfrentados pelo setor.

## DESCRIÇÃO DA ONG

A ONG<sup>4</sup> Assistencialista de Animais Alfa é uma entidade sem fins lucrativos, sediada na cidade de Irati, no sul do estado do Paraná. Sua fundação aconteceu em 2004 por meio da associação de 20 voluntários e, inicialmente, assistia a aproximadamente 160 animais. Atualmente, a entidade conta com apenas seis voluntárias fixas, além de vários outros que atuam no auxílio de eventos e demais atividades. De acordo com o último levantamento, são aproximadamente 400 animais assistidos de forma direta.

A entidade possui como principal objetivo acolher os animais abandonados ou doentes, tratá-los e encaminhá-los à adoção. Também, atua como conscientizadora, sobretudo através do alerta sobre as zoonoses, maus tratos a animais e proteção ambiental. Para tanto, são necessários recursos financeiros, os quais são adquiridos por meio de doações de pessoas físicas e jurídicas, vendas de camisetas e artigos personalizados com o tema da ONG, bazares e concursos de cães que são realizados várias vezes ao ano.

Com efeito, a ONG não é vinculada a nenhum órgão da Prefeitura ou do Governo do Estado e, portanto, não tem condições de oferecer a estrutura necessária para acolher tantos animais. Outro trabalho importante da referida instituição é o auxílio ao controle da natalidade dos animais, através da castração das fêmeas possibilitado por um convênio firmado com as Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu - Uniguaçu, localizada em União da Vitória/PR. Há, porém, a destinação de uma subvenção anual do governo municipal no valor de R\$ 35.000,00. Porém, este valor não é suficiente para a manutenção das atividades, visto que o gasto médio por mês chega ao dobro do valor que é repassado pela subvenção.

A ONG ainda não tem sede própria, portanto não tem endereço fixo. Para a construção de uma sede física e um local onde se possa abrigar os animais, foram criados projetos que já foram encaminhados para as autoridades competentes, juntamente com a documentação necessária. A edificação do espaço exigirá mão de obra, materiais, além de outros serviços que ocasionarão muitos custos, para os quais a ONG definitivamente não possui meios próprios para os financiar.

Atualmente, os animais são mantidos nas residências dos voluntários, até que seja possível a construção de um canil adequado. De acordo com a presidente da ONG, a entidade recebeu da Prefeitura de Irati um terreno de 9.800 m<sup>2</sup> para a construção do canil. Entretanto, não há recursos financeiros para a construção do espaço, a qual demanda um bom volume de investimentos. Não obstante, o acesso ao terreno é precário e faltam condições para instalação de energia, água e esgoto, que seriam os requisitos básicos para a implantação de uma unidade de abrigo a animais.

As ações desenvolvidas pela ONG são de total incumbência de seus voluntários, contando com apoio das empresas parceiras; os fundos arrecadados são suficientes para a manutenção das atividades. Dessa forma, a divulgação na mídia (rádio, jornais e revistas) é constante para que a população, governo e empresas possam de alguma forma ajudar na continuação das atividades.

Em 2010, a ONG Alfa recebeu o título de Entidade de Utilidade Pública Federal, menção que se une aos títulos de Utilidade Pública já recebidos em nível de estado e município. Assim, são evidenciados e comprovados, mediante certificação governamental, a idoneidade e o comprometimento da instituição para com a sociedade, 4 Organização Não Governamental

atentando para seu objetivo fim de assistência aos animais abandonados.

Cabe destacar que, entre os anos de 2009 e 2010, a organização passou por uma séria dificuldade financeira, o que comprometeu a continuidade de seus serviços. As atividades foram totalmente paralisadas devido à insuficiência de recursos e à acumulação de dívidas. Nesse momento, aproximadamente 80% dos custos com a manutenção das atividades ficavam por conta dos voluntários; não havia nenhuma forma de auxílio governamental e o espaço físico disponibilizado pelos voluntários era insuficiente para a demanda.

Como meio de fortalecimento da entidade, buscando cooperação com a sociedade, a ONG estabelece uma série de parcerias com empresas locais, a fim de obter patrocínio e apoio a eventos. Além disso, tais parcerias também acontecem através de acordos comerciais, propiciando a compra de produtos e o suprimento de demais necessidades. As principais empresas parceiras da entidade, que auxiliam de uma ou outra forma na manutenção e continuidade da ONG, estão discriminadas no Quadro 01.

<b>Empresa</b>	<b>Ramo de Atuação</b>
Empresa I	Loja Veterinária
Empresa II	Loja Veterinária
Empresa III	Loja Veterinária e Pet Shop
Empresa IV	Loja Veterinária Pet Shop
Empresa V	Loja Veterinária
Empresa VI	Loja Veterinária
Empresa VII	Loja de Armarinhos
Empresa VIII	Farmácia
Empresa IX	Academia
Empresa X	Jornal Impresso e On-line
Empresa XI	Jornal Impresso e On-line
Empresa XII	Serviços de Engenharia
Empresa XIII	Supermercado
Empresa XIV	Empório
Empresa XV	Loja de Armarinhos
Empresa XVI	Loja de Confecções e Armarinhos
Empresa XVII	Universidade (rede particular de ensino)
Empresa XVIII	Concessionária do Governo do Estado

Quadro 01. Empresas Parceiras da ONG Alfa. Fonte: Blog da ONG Alfa (2013).

## METODOLOGIA

O presente artigo é fruto de uma proposta de atividade extensionista desenvolvida por acadêmicos do quarto ano do curso de Administração da UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati/PR. O trabalho é vinculado a um projeto maior mantido por uma professora do departamento de administração da referida universidade, intitulado “*Marketing no Terceiro Setor*”. O período de realização compreendeu do mês de abril de 2013 a janeiro de 2014, quando o projeto foi concluído.

O desenvolvimento dessa atividade extensionista é requisito para a obtenção do grau de bacharel em administração, de acordo com a grade curricular de 2009; a atividade de responsabilidade social exige o mínimo de 60 horas de atuação. A instituição de aplicação do projeto é a ONG Assistencialista de Animais Alfa, assim denominada para execução deste estudo, que tem sede em Irati/PR.

Com relação aos objetivos deste trabalho, a atividade se justifica como exploratória, pois, segundo Gil (2002), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a facilitar a construção de hipóteses. Esse tipo de pesquisa tem como principal objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, novas proposições; é extremamente flexível, de modo que quaisquer aspectos relativos ao fato estudado têm importância. O estudo possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto.

A atividade desenvolvida é caracterizada ainda como um estudo de caso, uma vez que trabalha com apenas um sujeito de pesquisa, promovendo um conhecimento profundo e rico em detalhes acerca do fenômeno observado, o que se torna inviável quando se tomam vários elementos para análise (YIN, 2005).

O trabalho desenvolvido também pode ser considerado como uma pesquisa ação que, de acordo como Gil (2002), se caracteriza pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Para Alves (2003), geralmente se supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro e se faz necessário um planejamento que compreenda uma fase exploratória. Posteriormente a essa etapa, é elaborado um plano de ação, seguido de sua execução e finalmente tem-se a divulgação dos resultados.

## ATIVIDADES REALIZADAS

De acordo com os objetivos propostos na atividade extensionista, as ações desenvolvidas no projeto remetem principalmente à divulgação de seu trabalho social, através de elementos do *Marketing* tradicional aplicados especificamente ao Terceiro Setor. Por consequência, buscou-se também o aprimoramento dos processos internos da instituição relacionados a questões práticas da rotina da ONG, focando inclusive no levantamento de recursos financeiros. Todas as ações refletem um planejamento estabelecido, a fim de compor um processo de evolução gradual, passando pela divulgação e *Marketing*, melhoria de processos e aquisição de recursos.

Numa etapa anterior ao desenvolvimento do projeto em si, necessitou-se buscar o conhecimento a cerca da realidade vivida pela ONG, a fim de identificar as áreas que

deveriam ser abordadas e trabalhadas no decorrer das atividades. Para tanto, realizou-se uma série de reuniões com os dirigentes e coordenadores, com o objetivo de tomar ciência dos acontecimentos da realidade da instituição. Nessas reuniões, inclusive, foram realizadas visitas aos locais em que os animais eram acomodados, conversando com os voluntários e formando preliminarmente as diretrizes a serem seguidas no projeto. Numa última reunião, definiu-se que o foco de trabalho envolveria a divulgação da ONG, que se configurou como o elemento crítico de atuação, através do qual as demais ações seriam direcionadas. Nessa etapa preliminar, buscou-se também o desenvolvimento de uma série de outras ações que passam, entre outros norteadores, pelo:

- Entendimento das ações sociais desenvolvidas pela ONG;
- Conhecimento da importância do papel da ONG enquanto instituição que promove o assistencialismo indireto à sociedade;
- Conhecimento dos processos administrativos que envolvem a atuação da instituição;
- Identificação de disfunções e pontos a serem aperfeiçoados, de acordo com a proposta do presente projeto;
- Apoio e realização de ações que visem o aprimoramento e a eficiência de suas atividades;

Tendo ciência da situação da instituição, compreendendo sua dinâmica de trabalho e relacionamento com a comunidade e contando ainda com a base de pesquisas teóricas a respeito do assunto, optou-se por propor a divisão das ações que seriam desenvolvidas em dois segmentos, discriminados por ordem de atuação e importância: um que abrange a divulgação da ONG em si e de seus eventos e outro que abarca questões de arrecadação de recursos e aprimoramento dos processos internos de trabalho.

De modo geral, são muito amplas as categorias de indivíduos beneficiados pela atuação da instituição, tanto de forma direta quanto indireta. Em suma, toda a comunidade é beneficiada quanto aos aspectos de prevenção de transmissão de zoonoses, de ataques de animais abandonados, limpeza de ruas e logradouros públicos, melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente. Já os animais abandonados assistidos pela ONG, aqueles que não têm abrigo e nem alimentação adequada, são beneficiados de forma direta, visto que recebem tratamento e cuidados quando são recolhidos pelos voluntários, o que evita muitas vezes até sua morte.

A intervenção proposta baseou-se na tentativa de auxílio à ONG através do aprimoramento das práticas já desenvolvidas pelos voluntários, propondo e aplicando formas mais eficientes, que exijam menos tempo e recursos. Salienta-se que os voluntários desta entidade não se dedicam exclusivamente ao trabalho voluntário, uma vez que essas atividades são desenvolvidas paralelamente às suas atividades particulares. Dessa forma, uma das estratégias foi desenvolver a capacidade da ONG para que seus voluntários tenham uma sobrecarga menor de trabalho e atribuições, sobretudo em face da precariedade de condições a eles imposta.

Outro agravante é a inexistência de uma sede física para a realização das atividades; as reuniões e assembleias foram realizadas, como de costume, na residência de algum dos voluntários-dirigentes. No entanto, as demais atividades tiveram de ser desenvolvidas em espaços oportunos, de acordo com o que se propôs. Por exemplo, quando os bazares eram

organizados, a etapa preliminar de preparação de materiais para divulgação acontecia graças a recursos dos próprios extensionistas. Já o evento em si era realizado no espaço destinado a este propósito, como em escolas e centros municipais de assistência social.

Em linhas gerais, os objetivos propostos no projeto foram devidamente alcançados, com menor ou maior grau de efetividade. Dentre os principais objetivos, correlacionando-os diretamente às atividades desenvolvidas, pode-se salientar as seguintes ações:

Desenvolvimento de estratégias de divulgação do trabalho social da ONG, sua representatividade e importância não apenas através de sua atuação direta, com o recolhimento, tratamento e cuidado dos animais abandonados, mas também com a prevenção de zoonoses, melhoria da saúde e segurança pública em geral e envolvimento ainda com questões de cunho ambiental;

- Ações de divulgação da importância da ONG com o intuito de consolidação da imagem da instituição enquanto promotora do bem-estar comunitário;
- Divulgação do trabalho social da ONG com o objetivo de levar ao conhecimento da população os benefícios das ações sociais desenvolvidas por ela;
- Auxílio à divulgação dos eventos promovidos pela ONG com o intuito tanto de arrecadação de recursos quanto de conscientização coletiva em relação à importância de sua atuação na sociedade;
- Divulgação dos meios pelos quais se possibilitam, às empresas e pessoas físicas, a doação de qualquer montante em dinheiro e/ou de objetos variados, a fim de que sejam revertidos em recursos financeiros à instituição.

A partir destes objetivos, foram empenhadas as seguintes ações, de acordo com as necessidades da ONG:

- Produção de materiais impressos, de confecção própria, para divulgação de eventos, como bazares e “pasteladas”, a fim de levar ao conhecimento da população a realização do evento; principalmente no caso dos bazares os panfletos eram produzidos e entregues nas escolas municipais e estaduais para os alunos. Destaca-se ainda que a maior parte dos eventos foi realizada em comunidades mais carentes, nas quais havia público-alvo suficiente para o consumo dos produtos;
- Utilização de carros de som para a divulgação dos bazares simultaneamente à realização desses eventos;
- Veiculação em mídias sociais, bem como na rádio local, divulgando os eventos realizados;
- Produção de *banners* em gráficas com mensagens de conscientização e de apelo à causa social defendida pela ONG;
- Sugestão de realização de um número maior de eventos, com vistas tanto à arrecadação de mais recursos quanto à dinamização interna da ONG, evidenciando seu papel transformador na sociedade;
- Realização de “Pedágios Solidários” nas ruas de maior movimento no centro da cidade, com vistas à arrecadação de recursos e, principalmente, para a divulgação do trabalho social da ONG, fornecendo informações, esclarecendo dúvidas,

- ouvindo sugestões, entre outras ações;
- Busca de parceria com empresas e com a UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR). Neste ponto, levou-se para o meio acadêmico o conhecimento da existência da instituição, visto que boa parte da comunidade acadêmica desconhecia o trabalho social da ONG Alfa. Através da entrega de folders por ocasião dos eventos, colocação de banners nos murais por toda universidade e divulgação de sala em sala, promovendo oralmente as ações sociais por ela desenvolvidas, assim como as formas possíveis de ajudar a organização. Houve um grande apoio também por parte da direção da Universidade, que autorizou e ofereceu meios para a divulgação.

Subsidiariamente às ações de divulgação, foram realizadas também, conforme a proposta do projeto, atividades voltadas à arrecadação de recursos a fim de manter e ampliar o trabalho da ONG. Tal proposta compreende, genericamente, aos seguintes pontos:

- Realização de atividades que giram recursos financeiros ou materiais à entidade;
- Auxílio à estruturação e realização de eventos que visem à arrecadação de fundos para a instituição;
- Elaboração de propostas que acarretem uma melhor eficiência na gestão dos recursos financiadores das atividades da ONG.

Através desses elementos, são complementados os esforços em Marketing Social priorizados anteriormente. Ao serem realizados, por exemplo, mais bazares, além de serem levantados maiores montantes de recursos, a visibilidade da instituição fica mais evidente na sociedade e suas parcerias com empresas e o setor público são reforçadas. Ademais, o próprio trabalho dos voluntários passa a ser mais valorizado, sobretudo pelo enriquecimento do conceito da organização na qual trabalham.

## RESULTADOS OBTIDOS

Conforme o planejamento e desenvolvimento das atividades, possibilitou-se que os principais objetivos do projeto extensionista fossem alcançados. De maneira geral, a atuação no projeto gerou um impacto positivo bastante notável, o que refletiu na dinâmica da ONG e na sua visibilidade perante a sociedade.

O principal foco do projeto em si remete à utilização do Marketing Social como ferramenta de incremento à imagem da instituição enquanto promotora do bem-estar social. A melhoria da imagem da instituição foi viabilizada graças ao empenho no desenvolvimento de eventos, atrelando-os às ações sociais por ela desenvolvidas. Através disso, os indivíduos que já conheciam a ONG notaram que esta procurou estar mais ativa e mais próxima da comunidade, de forma que as pessoas tivessem mais acesso a ela. Por meio desse resultado positivo, uma série de outros benefícios foram obtidos, a fim de concretizar a proposta do projeto, conforme expõe-se a seguir.

Como consequência, houve um incremento no levantamento de recursos financeiros à instituição, uma vez que os eventos com fins de arrecadação de recursos tomaram dimensões maiores e passaram a ser visitados por um número maior de pessoas. Isso

aconteceu devido aos esforços de divulgação, haja vista que anteriormente a comunidade muitas vezes nem chegava ao conhecimento da realização dos bazares e “pasteladas”.

Um exemplo claro dessa mudança pode ser notado ao serem comparados os resultados de quatro bazares organizados em períodos diferentes no decorrer do projeto. Um dos primeiros bazares, realizado ainda sem os métodos de divulgação, rendeu um montante de aproximadamente R\$ R\$ 450,00; ele foi realizado em um bairro humilde, afastado do centro da cidade, próximo a duas escolas. Depois de alguns meses, realizou-se outro bazar no mesmo local, mas desta vez o evento foi amplamente divulgado nas escolas por meio dos panfletos, na igreja local via rádio e ainda com um carro de som circulou pelo bairro no dia do evento informando e convidando a todos para participarem. Resultado: foram arrecadados aproximadamente R\$ 1.200,00.

Em outro momento, por ocasião da realização de um grande evento, reunindo as principais entidades beneficentes e ONGs da cidade, foram arrecadados em torno de R\$ 1.800,00 em um final de semana inteiro. Posteriormente, quando o projeto já estava sendo desenvolvido e, portanto, as ações de Marketing já estavam sendo realizadas, conseguiu-se aproximadamente R\$ 3.200,00 com o mesmo evento realizado em outro final de semana, oito meses mais tarde.

Com a utilização do conhecimento adquirido pelos acadêmicos no curso de Administração e aplicação no contexto da ONG, os processos internos puderam ser revisados e aprimorados, a fim de diminuir a morosidade das ações e empregar melhor o tempo no desenvolvimento das atividades. A aplicação do conhecimento e das habilidades próprias do acadêmico de Administração é um requisito chave para a validade do projeto, visto que seu objetivo é o envolvimento do estudante com a comunidade por intermédio da base conceitual e prática que o curso fornece.

Ao reforçar sua imagem e fortalecer os meios de arrecadação de recursos, aliada à tendência gradual de abertura ao público externo, possibilitou-se também o recrutamento de novos colaboradores que vieram a se somar aos esforços coletivos empreendidos pela instituição, o que sinaliza o processo gradual de renovação do corpo de voluntários. Paralelamente a isto, as dirigentes e coordenadoras da ONG passaram a ser menos rígidas quanto à delegação de atribuições a novas pessoas, fato que permitiu a expansão da área de atuação e a flexibilização do trabalho por elas desenvolvido. Essa abertura ao público externo propiciou também, por intermédio dos extensionistas, a formação de uma parceria com a UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste, a fim que os eventos pudessem ser divulgados no meio acadêmico e que novos indivíduos viessem a despertar o interesse pela atividade de trabalho voluntário.

## CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES DO PROJETO

O cenário e a realidade enfrentada pela ONG Alfa, assim como no caso da maioria das instituições de cunho assistencialista à sociedade, é desafiador. Os ideais de dedicação e desapego levam as pessoas que se dedicam a este tipo de ação a encontrarem a realização para si e para o trabalho ao qual consagram seu tempo. Ainda que não haja dedicação integral dos voluntários para os cuidados com os animais assistidos pela ONG, é feito o possível para que tudo seja realizado da melhor forma.

Há de se lembrar que as entidades sem fins lucrativos, desde que representem demandas sérias, com objetivos sociais bem definidos e bem intencionados, devem contar com o apoio de programas do poder público e da sociedade como um todo. A ação pública deve priorizar o atendimento e suporte dessas instituições, uma vez que elas representam e assumem papéis que são, por definição teórico, atribuição do Estado. Tomando esse princípio como norteador, presume-se que não apenas o governo é incumbido de atentar para o conforto social, mas a sociedade em si também deve zelar por seus direitos.

Um dos elementos que maximizam a ação social das ONG's é a utilização das ferramentas de Marketing Social, como meio tanto de aproximação com os públicos-alvo e sociedade em geral e governo quanto com demais entidades sociais e detentores de recursos. Desta forma, são reforçados os laços existentes entre a ONG e seus diversos parceiros, a fim de garantir a continuidade de seu trabalho ou até mesmo expandir a sua área de influência.

Porém, o que se nota de forma preponderante é que as organizações de Terceiro Setor têm sua orientação direcionada conforme os valores de seus colaboradores e da comunidade em que estão inseridas. Tais valores permitem que, por exemplo, essas instituições busquem e permitam que sua capacidade de organização e de gestão sejam aprimoradas, sobretudo através da incorporação de ferramentas e informações de outros setores, viabilizando sua continuidade e permanência.

À vista disso, um dos principais desafios enfrentados, por ocasião da execução deste projeto, foi a abertura concedida para a aplicação das ações, atividades e ferramentas propostas. De início, a resistência consistia no fornecimento de informações internas, o que restringiu a formação preliminar do plano de ação; este impasse foi sanado quando se deu continuidade às propostas com as reuniões realizadas periodicamente. Posteriormente, um desafio maior se fez presente: a abertura para investidora das ações do projeto em si. Houve certo grau de parcialidade, sobretudo com relação à implantação das atividades, fato que persistiu até as etapas finais do projeto. A liberdade de ação foi sendo concedida gradualmente, conforme eram obtidos os resultados positivos. Nos estágios finais, em virtude dos resultados anteriores já obtidos, concedeu-se maior liberdade de ação e de iniciativa, o que propiciou o alcance mais amplo dos objetivos.

Conclui-se também que outras propostas de intervenção podem ser empenhadas, a fim de se trabalhar com outras áreas que necessitam de atenção; até mesmo os pontos já abordados podem ser retrabalhados para que sejam prolongados os benefícios obtidos. Dessa forma, demais grupos de ação podem ser formados, visto que a entidade se encontra receptiva a novas propostas de atividades.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, L. E. S. Governança e cidadania empresarial. **RAE - Revista de Administração Estratégica**/FGV-EAESP, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 78-86, out./dez. 2001.
- ALVES, M. **Como escrever teses e monografias** – um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ANDREASEN, A. R. Marketing Social - Marketing in the Social Change Marketplace. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 21, n. 1, p. 3-13, Spring, 2002. Disponível em: <[http://public.kenan-flagler.unc.edu/courses/mba/mba260e/andreasen\\_jppm.pdf](http://public.kenan-flagler.unc.edu/courses/mba/mba260e/andreasen_jppm.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- CARLINS, A. R.; SANTOS, H. F. R.; POSSELT, J. S.; HECK, M. A. A comunicação integrada de marketing na captação de recursos para o Hospital Pequeno Príncipe. **Revista Administração e Ciências Contábeis**, n. 1, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-cc-adm/pdf/n1/A-COMUNICACAO-INTEGRADA-DE-MARKETING-NA-CAPTACAO-DE-RECURSOS-PARA-O-HOSPITAL-PEQUENO-PRINCIPE.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.
- CARVALHO, C. M. S.; FELIZOLA, M. P. M. A Importância do Marketing na Captação de Recursos para o Terceiro Setor. In: Congresso da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 11, 2009, Aracaju. **Anais Eletrônicos**. Aracaju: Universidade Tiradentes - UNIT, 2009. CD-ROM.
- FROMM, B. **Os dez mandamentos da empresa e como desobedecê-los**. São Paulo: Best Seller, 1992.
- GENGHINI, L. A.; MARTINS, C. B.; AZEVEDO, M. S.; PIZZINATTO, N. K.; CORREA, D. A. Planejamento e Plano de Marketing de Organizações do Terceiro Setor. In: Congresso Transformare, 2, 2012, Paris. **Anais eletrônicos...** Paris: TRANSFORMARE – Centro Franco-Brasileiro de Estudos Avançados sobre Organizações, Inovação e Sustentabilidade, 2012. Disponível em: <<http://www.transformare.adm.br/anais/Luiz-Antonio-Genghini-et-al.-Planejamento-e-Plano-de-Marketing.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2014.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMÉZ, C. P.; SANTOS, C. F. S. O.; FALCÃO, M. C. A visibilidade no Terceiro Setor e a responsabilidade sócio-ambiental empresarial. In: ENGEMA – Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente, 10, 2008, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRS, 2008. Disponível em: <<http://engema.org.br/XENGEMA/X-ENGEMA.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.
- KANITZ, S. A. Ética resgata a cidadania. **Revista Supervarejo**, São Paulo, n. 8, p. 12-18, set./2000.
- KOTLER, P. **Administração de Marketing: a edição do novo milênio**. São Paulo: Prentice Hall, 2000.
- LANDIM, L.; SCALON, M. C. **Doações e trabalho voluntário no Brasil** - uma pesquisa. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- LAS CASAS, A. L. **Administração de marketing: conceitos, planejamento e aplicações à realidade brasileira**. São Paulo: Atlas, 2006.
- LENGLER, F. R.; CRUZ, R. L. C.; JACOBSEN, A. L. Captação de Recursos pelo Terceiro Setor: a importância de um intermediário como canal de comunicação entre doador e tomador. **Vianna Sapiens** - Revista das Faculdades Integradas Vianna Júnior, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 152-172, abr. 2010. Disponível em: [http://www.viannajunior.edu.br/files/uploads/20131001\\_101048.pdf](http://www.viannajunior.edu.br/files/uploads/20131001_101048.pdf). Acesso em: 18 ago. 2013.
- MURARO, P.; LIMA, J. E. S. Terceiro Setor: qualidade ética e riqueza das organizações. **Revista FAE**, Curitiba, v. 6, n.1, p. 79-88, jan./abr. 2003. Disponível em: <[http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista\\_da\\_fae/fae\\_v6\\_n1/07\\_piero.pdf](http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v6_n1/07_piero.pdf)>. Acesso em 27/02/2014.
- OLIVEIRA S. B. **Ação Social e Terceiro Setor no Brasil**. 2005, 151 f. Dissertação (Mestrado em Economia Política). PUC-SP, São Paulo, 2005. Disponível em: [http://www.institutofonte.org.br/sites/default/files/Oliveira%20SB\\_Acao%20Social%20e%20Terceiro%20Setor%20no%20Brasil.pdf](http://www.institutofonte.org.br/sites/default/files/Oliveira%20SB_Acao%20Social%20e%20Terceiro%20Setor%20no%20Brasil.pdf). Acesso em: 04 fev. 2014.
- ONG SOS Amigo Bicho**. Disponível em: <<http://www.sosamigobicho.no.comunidades.net/index.php?pagina=1398739209>>. Acesso em 22 jan. 2013.
- ROCHA, S. C. C. **Marketing no Terceiro Setor: estudo de caso com o Gapa-Bahia**. 2007, 95 p. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- SALAMON, L. M. Estratégias para o fortalecimento do Terceiro Setor. In: IOSCHPE, Evelyn et al. **3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- SINA, A.; SOUZA, P. S. B. **Marketing social: uma oportunidade para atuar e contribuir socialmente no Terceiro Setor**. São Paulo: Crescente Editorial, 1999.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Artigo recebido em:  
27/5/2014

Aceito para publicação em:  
23/06/2015



# REVISTA *Conexão* UEPG

Agosto/2015

Os textos e imagens publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REGULAMENTO, NORMAS E SUBMISSÃO DE ARTIGOS

<http://www.uepg.br/revistaconexao/>

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/>

ISSN Eletrônico: 2238-7315

CONTATO

+55(\*\*42)3220-3490

[revistaconexao@uepg.br](mailto:revistaconexao@uepg.br)

ENDEREÇO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais

Praça Marechal Floriano Peixoto, 129 - Centro

Ponta Grossa - PR - Brasil

CEP: 84010-680



GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

